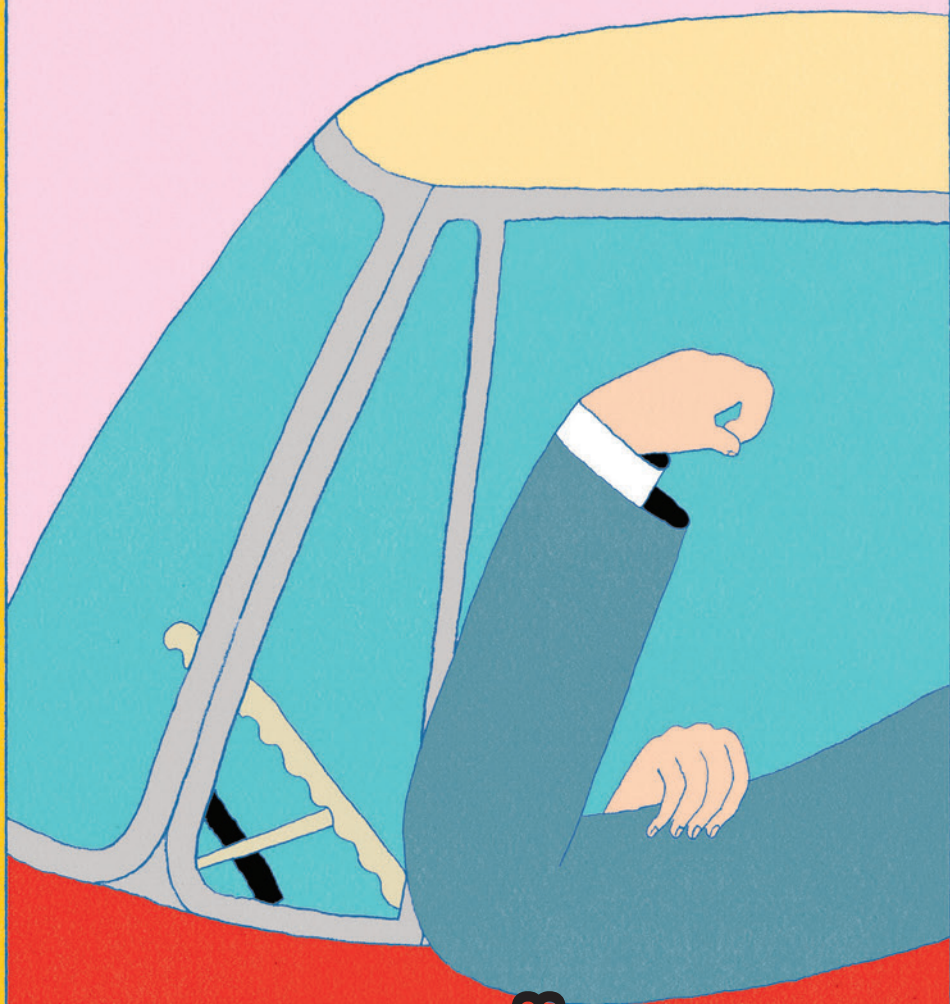


MARCELO DEGRAZIA

A BANDEIRA DE CUBA



É um garoto que conta as histórias deste livro e “com a arrogância provocativa dos inocentes”, por vezes, as insere na História. A começar pela mudança para a casa nova — uma troca de pele para as cobras —, diz o avô, pícaro. Feliz como a cachorrinha Laica, farejando novas esperanças, novas reuniões dançantes aos sábados, os primeiros passos da conquista, Claudinha, seu amor trunçado. Mas a vida da família não se altera: Júlio Verne, as bonecas da irmã, o pai rotariano e cônsul de uma cidadezinha na fronteira com Argentina, indo à noite para o clube, o bate-boca com a mãe, buracos no assoalho por onde subiam os ratos. Ratoeiras já não há, em São Donato. Ri-dos-ratos, uma lata. O pai brincalhão, desajeitado. Minha Laica. “Pedi a Deus o milagre...”

É assim que se sucedem os episódios comuns a tantos moleques como ele, mas cheios de humor, de fina e tocante ironia, às vezes trágicos e ... com uma nesga de magia. O homem circular, que pedala ininterruptamente durante os Jogos da Primavera, com todos os méritos, nervos e tendões. A primeira viagem à Argentina e um acidente de fronteira, o turco Ramí Sheba e o furto das bergamotas. O tempo passa, o garoto vai crescendo: é época do Caveirinha F.C. e do professor Torino, que descobre que a vida é muito mais valiosa do que sua aparência faz crer, bem na hora em que a carcaça do possante Maverick, com o futuro do time, se contorce junto ao muro em obras, num bizarro monumento à imprudência e à negligência. “O mundo pode ter sido criado por Deus, mas é governado pelo diabo”, chora Rosa, a lava-

deira diante do corpo do filho, a quem a sociedade inclemente levou a fazer ponte na entrada do beco. Outra vida que se cruza com a do garoto adolescente, agora em seus anseios metafísicos na busca de uma forma de eternidade, é a do Nito, o Louco da Ponte, o filho do ecônomo do Clube do comércio. Por fim, o último conto, que dá nome ao livro, é uma coincidência tragicômica que, no começo da luta armada, leva o cônsul, Dr. Eurico & família a Brasília, à presença do chefe do SNI, general Figueiredo, futuro presidente do Brasil.

MARCELINO FREIRE



MARCELO DEGRAZIA nasceu em 1961, em Itaqui (RS). Com formação em Letras e Direito, fez cursos de extensão nas áreas de literatura, linguística e filosofia. Publicou a novela infanto-juvenil *A noite dos jaquetas-pretas* (2007); foi finalista do Prêmio Açorianos de Literatura, Narrativa Longa, com o romance *Armadilha para Pedro*, e Criação Literária, com o livro de contos *O juiz e o papagaio*; recebeu menção honrosa no Prêmio Sesc de Literatura, pelo romance *As costelas de Eva*. Fez oficinas de literatura com Márcia Denser, Léa Masina e Luiz Antonio de Assis Brasileira. Atualmente, reside em Nova Petrópolis (RS).

A BANDEIRA DE CUBA

BETO RICHA

GOVERNADOR DO ESTADO DO PARANÁ

JOÃO LUIZ FIANI

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

JADER ALVES

DIRETOR GERAL DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

ROGÉRIO PEREIRA

DIRETOR DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

IVENS MORETTI PACHECO

DIRETOR DA IMPRENSA OFICIAL DO PARANÁ

COORDENADOR DO PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA 2017

OMAR GODOY

NÚCLEO DE EDIÇÕES DA SEEC

LUIZ REBINSKI

MARCIO RENATO DOS SANTOS

COMISSÃO JULGADORA DO PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA 2017

PRÊMIO NEWTON SAMPAIO | CONTOS

MARCELINO FREIRE

MARIA AMÉLIA MELLO

AURORA BERNARDINI

CAPA

MARCELO CIPIS

REVISÃO

VANESSA C. RODRIGUES

PREPARAÇÃO DOS ORIGINAIS

JOÃO LUCAS DUSI

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

THAPCOM.COM

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira – CRB9 - 775

Degrazia, Marcelo, 1961-

A bandeira de Cuba / Marcelo Degrazia - Curitiba, PR :
Biblioteca Pública do Paraná, 2018.

244 p. ; 21 cm. - (Biblioteca Paraná)

"Vencedor do Prêmio Paraná de Literatura 2017 -
Prêmio Newton Sampaio - Categoria conto"

ISBN 978-85-66382-26-6

1. Contos brasileiros. I. Título.

CDD (22ª ed.)
B869.3

MARCELO DEGRAZIA

A BANDEIRA DE CUBA

SUMÁRIO

6

LAICA E O SPUTNIK

28

HOMEM CIRCULAR

44

UM INCIDENTE NA FRONTEIRA

62

A COLEIRA DO CÃOZINHO

82

CAVEIRINHA FC

100

PELE NEGRA

114

BECO DE SOMBRAS

148

MUITO ALÉM DO BIG BANG

182

A BANDEIRA DE CUBA

**LAICA
E O
SPUTNIK**

Quando terminamos a mudança para a nova casa, no centro, ela explodiu de faceira: explorava os cômodos de rabinho em pé, sacudindo-o feito um guizo; entre latidos, corria a qualquer chamado nosso.

— Aqui, Laica! — eu gritava sem motivo, só para vê-la chegar de orelhas espetadas, olhos ovais enorme, brilhantes, bem abertos.

Ela cheirava os cantos, as portas, as caixas da mudança; rasgava pacotes, entrava nos sacos, pulava para dentro das malas.

— Aqui, Laica! — gritava Sabrina.

Ao travar no assoalho encerado, derrapava as patinhas; saracoteava-se toda; e dava pulinhos, gania, latia de novo; a cada emoção mais forte, mijava-se.

Eu, também feliz, fazia incursões pelos novos quartos e salas. Observando as manchas negras do parquê, semelhantes a queimaduras de cigarro, experimentava os cheiros novos, de madeira velha. Como fora a vida da outra família ali dentro? Como seria a nossa, depois da mudança? Tentei imaginar outra vida a partir da minha própria. Abrindo janelas da memória, olhando por outros ângulos o que tínhamos sido até ali, fantasiando a convivência dos outros, procurava ver o que nós mesmos seríamos dali em diante. A vida passada, misturada ao que eu imaginava tivesse acontecido entre tais paredes, dava novos sentidos ao nosso convívio e abria esperanças e apreensões quanto ao futuro.

— As coisas vão melhorar para todos nós — dizia a mãe.

Pela primeira vez, um quarto só para mim; guardar os jogos, acomodar o material da escola, ordenar

os livros de Júlio Verne e descobrir a melhor posição da cama eram tarefas estimulantes. A vida ganhava um sabor exótico, tal como seria uma torta de cupuaçu a um sulista, e isso proporcionava uma sensação nova e agradável de liberdade, de já amar o desconhecido. Ao pregar o pôster de Brigitte Bardot na porta do armário, cantarolava trechos de *Baterflay*, em francês. Não sabia o sentido integral das palavras, mas a melodia da canção tinha uma doçura inebriante, irresistível a um coração virgem. Também entrava nessa mistura, que era a receita improvisada, acidental, do novo bolo.

O sucesso embalava nossas reuniões dançantes de sábado à tarde, quando, ao segurar a mão de uma garota, eu não sabia o que fazer com os pés. Evocava essas tardes ao cantar. Entre as tachinhas de gomos verdes, descobria semelhanças da atriz famosa com a minha parceira de dança preferida. Era uma balada agradável, de ritmo convidativo, muito diferente das rancheiras tocadas no rádio ao fim do dia. Aos seus primeiros acordes, eletrizados, em nossas calças bocas de sino — com cintos de fivela gigante em couro cru, e camisas floreadas que brilhavam no escuro, esvaziávamos as cadeiras e o sofá. Aproveitávamos a voz com barba de uma semana para nos aventurarmos nos primeiros passos de conquista.

Eu tinha um amor. Aspirar seu cabelo negro, cheio e ondulado, seria o mesmo que navegar o rio Uruguai à meia-noite, imaginava, abraçado a uma câmara de trator. Não sabia o porquê nem de onde vinha tal imagem. Tudo escurecia e eu me deixava levar pelo embalo das ondas musicais, esquecido das margens e do porto. De olhos fechados, sonhava com um

lugar aconchegante onde pudesse realizar esse amor. Quando a faixa do disco terminava, antes mesmo que alguém corresse até a vitrola e fizesse tocar a canção pela terceira vez seguida, já não sabia onde apoiar as mãos e o sonho. A música voltava, eu sorria, fazia um rápido reconhecimento no mar daqueles olhos turquesa, manchados de castanho, e enlaçava a cintura da querida para um novo mergulho.

Ao cantarolar enquanto fixava Brigitte Bardot, que nunca deixava de me sorrir, pensava que depois da mudança, num quarto com todo o escuro da noite só para mim, poderia finalmente dar o beijo tantas vezes ensaiado.

A vida da família seguiu igual. O pai mantinha suas saídas noturnas ao clube, que às vezes se espiçavam até a Abastecedora do tio Damião para o joguinho de pôquer com os amigos. Suas voltas para casa, madrugada alta, encontravam a mãe desperta, e o bate-boca iniciava sem hora para terminar. Numa das vezes, ela o acusou de dar mais atenção às putas do que à família. O dinheiro perdido no jogo, no uísque e na Gringa seria suficiente para trocar os móveis da sala ou pagar uma semana de hotel em Buenos Aires. O pai rebateu as acusações, eles bebiam, sim — não tinha como esconder o bafo de onça! —, mas não recebiam nem visitavam quengas coisa nenhuma.

— São apenas amizades masculinas.

Ela nunca saberia o que era isso. Eles perdiam a hora porque sempre tinha um beberão que teimava em recuperar o prejuízo nas cartas. Ela que ligasse para a Abastecedora. A mãe elevou o tom, mencionou

o perfume enjoativo, de tia solteirona na camisa dele, arrolou testemunhos de pessoas que os tinham visto, uma noite dessas, subir o cerro direto para as putas — mentira! apenas davam carona uns aos outros —; ela elevou o tom mais uma oitava e desferiu as acusações de sempre.

A casa nova tinha buracos no assoalho, e por ali subiam os ratos à noite. Isso também colocava os dois em terrenos opostos, iniciavam novas brigas, com re- criminações de parte a parte. A mãe cobrava dele o conserto das tábuas junto às paredes, seria mais digno gastar dinheiro com esses do que com outros buracos, e, entre as doenças possíveis, a peste bubônica acabaria mais rapidamente com a família. Era isso o que ele queria?

O pai disparava uma de suas ironias duplas:

— A vantagem disso seria um tempo menor de tortura.

Certa manhã, encontramos na fruteira da mesa a ponta de um mamão roída pela metade. O pai e eu, nesse mesmo dia, fomos ao armazém do Geco atrás de ratoeiras. Levei junto a Laica, já estava crescidinha e precisava aprender a andar na rua. Por ser um animal sem raça, recolhida por mim quando gania de frio e fome no portão da antiga casa, era e sempre seria do mundo. Sem dono, sua vida nascera e vinha das ruas. Seria natural, portanto, que a adestrássemos por esses seus antigos caminhos. Ela os reconheceria pelos cheiros, pelos ruídos, pelas vistas. Um dia, ouvindo o chamado da natureza indomesticável — o mundo primitivo de onde viera e que de algum modo sobrevivia em seu espírito —, Laica desapareceria pelo novo

portão para nunca mais voltar. Assim eu imaginava a nossa separação, depois de ter lido *O chamado da floresta*, de Jack London.

Numa tarde dessas, depois de me demorar na Matriz ao voltar do colégio, encontrei minha parceira de danças em casa, no quarto de Sabrina. Ao ouvir a voz de Claudinha, mal cruzava a sala para o corredor, entrei em alfa, ou gama, ou seja lá que nome tivesse a onda de sortilégio de suas palavras. Vibrantes, estaladas, com risadas em cascata, sempre me precipitavam num turbilhão. Cheias de vida, me conjuraram até a porta do quarto; para ali me dirigi com os tênis pesados e ansiosos, grudentos. Mas com o coração a galope, a mente turvada por ondas de sentimentos. Nesse breve espaço, o prazer e o medo lutavam por minha consciência, feitos o leão e o cristão de uma arena em Roma.

— Amor — disse baixinho sem pensar.

No tampo da escrivaninha, uma bandeja com copos vazios e pires com farelos de bolo; as duas conversavam de maneira animada na cama, esparramadas entre os travesseiros, as almofadas e os bichos de pelúcia que a Laica ainda não destroçara. Alheias à minha chegada, continuaram a narrativa de um caso que as divertia bastante. Se eu suara ao tentar subir, sem sucesso, o arco do monumento na Praça Matriz, repetidas vezes, agora eu era uma nascente vertendo as águas de março. Assim que Claudinha me olhou, terminada a narrativa, afundei-me no azul turquesa dos seus olhos. O efeito foi brutal: o rio congelou meus pés. Fiquei estático na entrada do quarto, mudo, apenas com o sorriso idiota — provavelmente amare-

lo — que costumava usar nas situações embaraçosas. A emoção por encontrá-la de surpresa não me deixava desfrutar de sua presença, tantas vezes desejada nos sonhos. Trocamos algumas palavras, bobas e sem sentido aparente, e, precavendo-me da tontura, me apoiei nas mãos para trás, contra o marco da porta.

Sabrina, como se eu fosse um balão cheio de gás, jamais perdia a oportunidade de me alfinetar:

— Apresentei a *Loira* pra Claudinha.

A *Loira* era a maneira como ela e a mãe se referiam à Brigitte Bardot do meu armário, não sem alguma zombaria. Porém, passado o primeiro azedume provocado pela notícia, sorri internamente com o fato de Claudinha ter entrado na Caverna, como eu batizara o novo quarto. Ver Claudinha, pensar na atriz francesa e lembrar que estava a poucos metros da Caverna despertaram em mim a ideia do beijo. Ao notar o desconforto da minha parceira de dança com a notícia da mana, tomei coragem e a convidei para ir até ali comigo.

— Quero te mostrar minha coleção de selos.

Era minha nova paixão. Ultimamente, eu andava descolando-os de qualquer envelope que encontrava nas gavetas, no console da entrada, no aparador da sala. A mãe ajudava com estampilhas argentinas e chilenas de parentes, amigos, em especial os que tinham deixado atrás dos Andes, depois de assistirem à Copa de 62 no Chile. Eu já havia me associado a um clube filatélico de Porto Alegre, trocava quadras e duplas de carimbo inteiro com outros sócios.

Sabrina cortou minhas asas de borboleta, segurando Claudinha pelo braço:

— Ah, deixa eu te contar a história do meu nome.

A ideia fora do pai. Eles tinham visto o filme com o nome da mana em Santiago, enfeitiçados pelo charme de Humphrey Bogart e Audrey Hepburn. O pai enlouquecia quando ela, a atriz, falava garagem em francês com sotaque; e a mãe, assim que voltaram da viagem, mandou fazer um vestido preto igualzinho ao do filme. Ambos combinavam num ponto: a cena em que Hepburn cantava *La Vie en Rose* para Bogart era de parar o mundo e chorar. O pai se derretia, alucinado, não tinha homem com nervos para resistir a esse ataque combinado do charme e da beleza, dava vontade de nascer de novo. Mas quem nasceu, meses depois, concluía a mana com a máscara da vaidade, foi ela, Sabrina.

Nesse ponto a Laica apareceu de orelhas murchas, cabeça baixa, como era do seu feitio quando queria atenção. Mas, assim que Claudinha inclinou-se para pegá-la no colo, ela levantou apenas uma orelha, seu truque favorito e infalível para conquistar a plateia. Minha parceira de dança pousou-a nas coxas; acarinhava seu pelo com ternura. Eu queria ser o seu animal de estimação.

Contei a origem do nome da Laica. Era em homenagem à cachorrinha que navegara no Sputnik, em torno da Terra, o satélite soviético que despertara o mundo para aventuras siderais muito além da Guerra Fria. Era expressão da moda nos noticiários do rádio, que o pai ouvia concentrado na ponta do cigarro. Ao lhe dar o mesmo nome, eu, secretamente, concedia a essa criaturinha abandonada a mesma grandeza

e dignidade que o mundo humano — o mesmo que a despejara nas ruas de São Donato — concedera à cadelinha russa. Assim ao menos era como me parecia a extraordinária tripulante, o primeiro animal em órbita antes de Yuri Gagarin. Eu a salvava uma segunda vez, agora de maneira definitiva. E com isso imaginava salvar também a mim mesmo, pois ao lhe conceder esse nome, me cobria da mesma aura santificadora que envolvia o astronauta russo e sua antecessora, a dupla que, na minha fantasia, imaginara a cruzar os céus do pátio da antiga casa.

Nesse espírito ecumênico, em que a humanidade rompia pela primeira vez o útero da terra para invadir o cosmos atrás dos confins do Universo — numa viagem que era na verdade a busca a Deus —, eu fazia brincadeiras siderais com Laica, em que assumíamos por inteiro nossos personagens. Quer dizer, eu precisava amarrar minha companheira no carrinho de mão para que ela não pulasse fora da nave — que fazer? —, especialmente quando corríamos feito um foguete pelo pátio, ela encolhida no interior do bólido.

Só narrei à Claudinha a parte que ia até antes da Guerra Fria. A parte das brincadeiras com Laica no papel de passageira da agonia foi dedurada por Sabrina e seu indefectível charme, e contribuiu bastante para a atmosfera divertida da narração de minhas estripulias com Laica. Aliviado, aspirei mais uma dose de coragem no interior do meu capacete de timidez e contei à parceira de dança um desejo secreto. Era uma paixão inconfessável, que talvez jamais fosse estampada num selo postal, como já era o caso de Laica e Gagarin, numa estampa comemorativa ao primeiro voo tripu-

lado: eu queria ser astronauta.

— Astronauta? — disse ela, misto de hilaridade e decepção.

Sabrina não perdeu tempo para cortar a última reserva de oxigênio:

— Só pode, vive no mundo da Lua.

Esse outro mundo, na verdade o lado escuro que Sabrina tinha dificuldade de enxergar, era outra forma de alheamento: escondido num canto do pátio, em geral ao lado do tanque para aproveitar a sombra do pequeno caramanchão, me isolava para sonhar: lia *As vinte mil léguas submarinas* como se eu mesmo viajasse a bordo do *Náutilus*, em exploração ao universo marinho. Às vezes aparecia o cachorrinho-d'água, que, aproveitando o terreno alagadiço pelas constantes lavadas de roupa, vivia por ali. Eu imaginava que o cachorrinho-d'água era na verdade um monstro do Pacífico, em miniatura, uma espécie de ilustração do livro em terceira dimensão. Sorria e voltava a ler as loucuras do Capitão Nemo e sua tripulação à caça do polvo.

— Vamos ver os cartões novos — disse Sabrina a Claudinha, pondo-me para fora do quarto.

Sabrina era fanática por cartões-postais, trocava-os às dúzias com amigos extraídos do correio do leitor, nas revistas femininas. Quando recebia um de Brasília, com os novos ícones arquitetônicos do país, era uma festa. Era também a senha para fechar a porta e se isolar do mundo.

Na noite desse dia de nomes e ratoeiras, fui acordado madrugada alta pelo pai: ele apertava meu ombro como se fosse uma almofada velha. A briga para conter o avanço dos ratos tinha sido muito áspe-

ra. Em geral, esses momentos quentes do casal eram reservados ao quarto, mas as coisas já tomavam tal proporção, que eles já pareciam não saber onde ficavam os limites.

O pai saíra tão furioso em busca das ratoeiras, que decidi acompanhá-lo. A mãe, passados os primeiros rompantes, voltava ao seu tom normal sem muito esforço, enquanto ele, muitas vezes, só chegava ao autocontrole por exaustão. Quando ele saía irritado de casa, como nessa tarde, eu temia pelo instante em que fosse atravessar a rua. Eu disse que a Laica iria com a gente, porque devia aprender a andar na calçada e respeitar o movimento dos carros. Nem precisava, ele parecia não ter mais ânimo para novas objeções, cegado pela ideia das ratoeiras. Ao bater a porta da rua, disse que compraria umas trinta, uma para cada canto da casa, ninguém mais lhe encheria o saco — ninguém mais era a mãe — com essa história de ratos e peste. E os ratos que se cuidassem, ele iria caçar até pensamentos! E sorriu. Era o início do alívio, pois toda vez que em meio à tempestade fazia uma piada involuntária, era o começo da distensão, podíamos apostar.

Nessa noite de sua invasão no quarto, éramos dois bêbados, eu de sono. Ele me fez deitar no chão, num ninho improvisado por ele mesmo com cobertores e a colcha, e foi mergulhar no divã com os gavetões onde eu guardava os jogos e os gibis do Tarzan, sem dizer uma palavra. Mas aquele bafo, a chegada madrugada alta em casa e a voz pastosa diziam tudo, a visita dessa noite ia muito além das ratoeiras. Em poucos minutos descobri outro motivo de briga do casal: seus roncoss eram infernais. Não havia Náutilus

nem Sputnik para me transportar ao Mar da Tranquilidade, a enorme cratera lunar onde, segundo Sabrina, ficava o meu mundo. Ao acordar pela manhã, instintivamente rolei para o lado do divã, mas ele já não estava mais ali, só o amarfanhado dos lençóis guardava algum vestígio de sua passagem. Apoiado nos cotovelos, lembrei a frase com que o vô paterno, na noite em que a mãe lhe comunicava nossa mudança de casa, ironizou o que estava prestes a ocorrer: o problema dessas mudanças, dizia o vô, era que a pessoa ia junto. A pessoa em questão, apenas aludida pelo vô, era o pai, claro, mas eu pensei em todos nós. A pessoa e suas manias ocupariam a nova casa, era apenas uma mudança de casca, um coçar de ferida. Uma troca de pele para as cobras é natural, sorri o vô; a farmácia ainda não tinha remédio para isso.

— As trocas de estação são mais rápidas do que as nossas — arrematou o vô com um tom entre o grave e o pícaro. — Querer imitá-las, além de nos enlouquecer, é um desperdício inútil de energia, tempo e dinheiro. Se o sujeito não muda, de que vale trocar de casa? Promessas? De que valem, se a paisagem da janela é a mesma? Melhor ficar mudo.

Nessa manhã, ao tomar o café, notei a ausência de Laica, sempre ao meu pé para receber o miolo do pão ou um biscoito. Eu me acostumara à ausência de Sabrina, poucas vezes nos víamos durante a manhã; ela ficava trancada no quarto com o diário, as revistas e os cartões-postais, e eu preferia improvisar algum jogo no pátio, para onde muitas vezes arrastava o material da escola e o meu Júlio Verne. Enquanto partia os biscoitos e os ensopava no café com leite já frio,

lembrei o modo debochado como ela, diante da Claudinha, se referira à minha confissão — nesse tempo eu ainda rezava — de ser astronauta. Era em momentos assim que vinham os podaços, em geral na frente de suas amigas ou dos pais.

Mas eu também tinha culpas e protestos no cartório. Era impossível dizer quem começava primeiro nossas guerras frias, quentes... Algum tempo atrás, nem precisava de motivo para atacar suas bonecas, bastava encontrá-las esquecidas num canto do antigo pátio para despertar o meu lado capitão Nemo. Enquanto ela estava no banho, se preparando para o almoço e o colégio, sua voz estridente saindo pela basculante do banheiro, juntamente com o jorro da ducha, inventava brincadeiras horripilantes com suas bonecas. Sempre culminavam num desfecho violento. Divertia-me ao fantasiar uma explosão sob a caixa de goiabada em que sentava uma delas, por exemplo, e em seguida ao estampido — que, curiosamente, não saía da garganta com a mesma força de quando eu brincava de mocinho e bandido —, em seguida a esse momento de horror, ela, a boneca preferida de Sabrina, saltava para o alto bem alto... Quer dizer: eu a jogava para o céu com todas as minhas forças, e observava com deleite o modo desesperado com que ela, a boneca, jogava pernas e braços para todo lado, como se quisesse se agarrar da queda. Eu chegava ao requinte de deixar nas mãos de Deus a decisão de ampará-la. Ele, em sua Infinita grandeza, julgaria a conveniência ou não de retê-la Consigo no céu, tal como sustentara Laica e Gagarin em suas viagens. Eu, assim, ficava livre do dever de baralhá-la.

A minha preferida era a de juta e espuma, a que melhor simulava os movimentos humanos, e talvez também porque era a preferida de Sabrina, com quem ela realizava os melhores simulacros de uma vida em família, quando espalhava num caixote de cerveja seu jogo de chá e distribuía as funções no papel de nossa mãe. Eu então era seu filho, irmão de sua adorável boneca de pano.

Mas havia uma em especial, de plástico, naquela cor de chiclete de morango mascado pela milésima vez, que tinha uma particularidade verdadeiramente genuína, que a distinguia de todas as bonecas do mundo, tenho certeza: um braço inteiramente amarelo. Como explicar a uma criança, se já seria difícil explicar a um adulto — considerando no mínimo o controle de qualidade do fabricante e o fato de que o braço não era pintado, era sim o plástico, todo ele num feérico amarelo-esverdeado — como explicar essa particularidade que beirava a aberração? O motivo apresentado pelo pai, sem cogitar um transplante de membros de uma antiga boneca realizado por Sabrina, foi o mais ajustável à imaginação infantil: ela tinha sofrido uma picada de mosquito naquele braço, e por causa disso contraíra febre amarela... Mas também podia ter sido a mordida de um rato. Ela também entrava na linha de preferência porque, nas minhas fantasias de médico e paciente, fora picada por uma cobra peçonhenta, o veneno subia pelo braço e estava a ponto de invadir o restante do corpo. A solução de emergência do médico-cirurgião era sempre a mesma: extrair o braço, e com urgência. E ali estava eu, com um misto de prazer e culpa, amputando mais uma vez o braço da bo-

nequinha sem luxo algum.

Nessa manhã de café com biscoito, as lembranças das bonecas me ocorriam numa espécie de vingança retroativa, simbólica, pois a maneira como ela correria comigo do seu quarto, diante de Claudinha, me vexara tanto quanto a invasão do pai. Assim, expiava também a antiga culpa e o medo de ser descoberto, medo da punição, o sentimento que me fazia abandonar as bonecas machucadas no pátio, como fazia Laica com nossos brinquedos. Mas eu sentia uma espécie de antecipação da vergonha, minha diversão não tinha a alegria dos inocentes.

Larguei a louça do café na pia da cozinha e fui para o pátio, o espírito agitado pela lembrança das bonecas, das reações de Sabrina e, sobretudo, da visita de Claudinha na outra manhã — que me fornecera material vivo para sonhar por muitos dias. Peguei o budoque e fui para os fundos estilingar algumas latas de azeite. No pátio antigo havia um mamoeiro junto ao muro da calçada, levantado ainda pelos cativos, pedras de basalto marrom-escuro da região, e ali eu brincava de Tarzan, montado no muro com o punhal na cintura para coletar, partir e comer o mamão mais maduro do pé. Subir no muro dos escravos, como o chamávamos, dava a sensação de cavalgar até o tempo em que os anos eram empilhados sem esperança alguma de liberdade fora da morte.

Ainda não estava com o espírito nesse ponto, mas ao atingir o fundo do pátio, onde guardava as latinhas de pontaria, quem recebeu um fundação no peito fui eu. Os ouvidos viram antes dos olhos: ela tinha ido até ali porque sabia dos meus hábitos? Pro-

curou a solidão que a deixasse ainda mais íntima de seu amigo? Não queria causar incômodo a ninguém? Era o chamado de sua natureza? Da natureza profunda? O corpo negro de manchas marrons misturava-se ao escuro das folhagens, formando um conjunto de sombras úmidas e arfantes, trêmulas, com um par de olhos agônicos, brilhantes no centro.

O que aconteceu, meu deus?

Larguei a funda no chão, afastei as orelhas de elefante sob as bananeiras, e, quando me abaixei para tomá-la no colo, notei que seu focinho, além da baba, tinha um pó branco polvilhado, que lhe dava o aspecto de um velho com barba de três dias. Atônito, corri com ela nos braços gritando por socorro. Chamava pela mãe, por Sabrina, por qualquer alma que pudesse me auxiliar no salvamento. Ao alcançar a porta da cozinha, que abria para os fundos da casa, elas chegavam correndo, alvoroçadas, já indagando sobre o que acontecera.

A mãe, ao ver o quadro de Laica, que ganhava com tremores à altura do meu peito, compreendeu tudo:

— Ah, então foi ela que comeu o veneno dos ratos.

Eu já chorava, tremia todo, sentindo engulhos e fincações no estômago, e mal ouvi quando a mãe disse para carregar a Laica até o tanque. Só entendi o recado porque ela mesma se dirigiu às pressas para lá. Eu a segui com o corpo mole e quente de Laica nos braços, já palpitando com arrancos, em ânsias de vômito que não chegavam ao focinho. Sabrina, assim que nos dirigimos para o caramanchão dos fundos, deu meia-volta, disse que ia para a casa da vó pedir ajuda e de-

sapareceu.

A mãe encheu pela metade o balde menor, pegou a barra de sabão-coco já pela metade e a espremeu com as duas mãos, fortemente. Não sabia que ela tinha tanta força escondida, de vários cantos foi buscar toda sua energia para esmigalhar aquela barra seca, dura e áspera. Achei que ela mesma, de repente, estava com os olhos cheios d'água, a língua salivando os lábios como se preparasse o antídoto para si mesma.

— O teu pai é uma peste — disse ao jogar a pasta de sabão no fundo do balde. — Sempre descuidado.

A seguir, ela enfiou as mãos no balde e repetiu o mesmo movimento anterior, mais ágil, com uma premissa de raiva, de quem amassava o último pão do diabo submerso. Naqueles dias o Geco estava sem ratoeiras, explicara o balconista ao pai, parecia que uma chata desembarcara uma carga inteira de ratos na cidade, porque não havia o que desse conta de tanto bicho. O jeito foi comprar uma lata de Ri-do-rato das grandes, pois a nova encomenda só deus para saber quando chegaria a São Donato. A mãe alertou o pai do perigo de a Laica comer o veneno, sabia de casos, ela era muito novinha, não conhecia o perigo, o melhor era botar o veneno diretamente nos buracos, e não nas tampinhas de palmito em conserva, como ele fizera na noite passada. Mas nada disso adiantava, dizia ela, ele nunca dava a mínima bola para os seus alertas, era mais surdo que uma porta, e quando punha uma ideia na cabeça, ficava mais duro que pedra.

— Por que tu deixou? — consegui dizer com um veiozinho de voz.

Ao terminar o preparo da beberagem, ela passou parte de seu conteúdo para a latinha de ervilhas sempre no tanque. Quando se voltou para mim, pude ver nos seus olhos a mesma urgência bondosa e determinada das vezes em que se aproximava com um remédio amargo. Meu coração, como nas outras ocasiões, bateu mais forte; encheu-se de calor e esperança. Deitei rapidamente a Laica no chão, ela soltou um ganido mais forte, com agudeza de punhal fincado nas tripas, e escarvou o ar com as patinhas, como se já fosse embalar uma corrida. Para onde, Laica? Então a segurei pelas patas dianteiras, e a mãe, com uma das mãos, abriu o focinho, e, com a outra, verteu goela abaixo a água espessa de sabão. Parte ela engolia, parte refugava, o focinho quente de febre.

Com uma voz que vinha do antigo mamoeiro dos cativos, a mãe disse:

— Qualquer dia, quem vai tomar esse veneno sou eu.

Quem provou desse veneno ali mesmo não foi ela. Paralisei. Laica também parou um instante com sua inquietação. Puxei-a por uma orelha, procurando por seus olhos, mas ela já se virava para encher outra vez a canequinha. Repetimos a operação, e Laica mais uma vez agitou-se. Eu a deitei de novo no chão, à espera de um arranco mais forte que culminasse numa golfada. Precisávamos vomitar todo aquele mal.

Demos por concluída a etapa do antídoto, era o máximo que sabíamos e podíamos fazer até ali em medicina caseira. Por um instante, Laica ficou imóvel, o olhar vidrado no vazio, a respiração mais forte. Pensei que era chegado o momento, o próximo ato

seria a reação natural do organismo à última ingestão de elemento estranho, a minha companheira de Sputnik dessa vez desempenharia o seu papel à risca. Mas só veio uma golfada rala e mais espuma, que eu já não sabia se era efeito do antídoto ou do veneno.

A mãe soltou a canequinha na borda do tanque, secou as mãos no avental:

— Espera aí, vou telefonar pro teu pai trazer um veterinário.

Agora era esperar. Minha amiguinha ganiu baixinho novamente; peguei-a mais uma vez do chão e fui me sentar na pedra ao lado do tanque, na sombra do caramanchão, onde eu seguia as aventuras de Nemo e sua tripulação. As lágrimas rolavam sem nenhum controle, o olhar fixo naquele corpo fremen-te que lutava pela vida, roubando ao mundo novas e mais puras golfadas de ar. Pela primeira vez senti o que podia ser a perda de um filho, pensei nas bonecas de Sabrina, que eu jogava para o alto sem o menor esforço de baralhá-las. Então olhei para o céu, o céu por onde minha imaginação fantasiava o voo de Yuri Gagarin e sua companheira de viagem, num novo satélite soviético. E pedi a Deus o milagre, o milagre ao rastro do velho Sputnik que eu ainda sustentava no alto, em órbita estacionária, o olho vigilante que devia estar nos mirando nesse momento. Pedi à nobre cachorra da história uma proteção à minha Laica em luta pela vida. O céu, hoje, estava do mesmo azul dos olhos de Claudinha, pensei que fosse um bom augúrio, talvez ele se abrisse, e não demoraria Ele mandaria do alto um raio certo, amarelo, feito a picada de uma febre, e o focinho de Laica, neutralizado, voltaria a esfriar,

o mundo das bonecas outra vez em paz. Eu prometia.

Mas o que surgiu, foi da terra molhada e tingida de anil, bem junto ao tanque: o cachorrinho-d'água, o pequenino monstro que emergia do mundo mágico de Júlio Verne, de tantas mil léguas submarinas. Era mais um sinal de que dessa vez eu teria o pedido atendido. Olhou para mim, como se me acenasse, e chafurdou outra vez no seu alagado silêncio.

— O pai já vem com o veterinário — gritou a mãe da porta da cozinha. — Vou cuidar do feijão, já tá com cheiro de queimado. Ela vomitou?

Não, ela não tinha vomitado, e era disso que eu procurava fugir ao olhar o céu, o cachorrinho-d'água, o azul dos olhos de Claudinha. Ao implorar.

Os arrancos, diminuindo, terminaram sem que a tão esperada golfada chegasse. Os olhos de Laica também foram diminuindo, o brilho apagando, e eu tentei me segurar no pensamento de que ela, exausta pelo esforço, pela luta ingente de roubar do mundo seus pequeninos sopros de vida, cada vez mais rarefeitos, puros e inocentes, preparava-se para um sono reparador, o efeito do antídoto estaria reservado para mais adiante. Mas logo em seguida foi a vez dos tremores estancarem, os olhinhos pararam de se mover, fechados pela metade, e ela distendeu os músculos. O momento, o mais vasto e profundo do que todo o cosmo, enfim era chegado, e eu não sabia como me preparar para o pior. Feito as bonecas de pano de Sabrina — eu ia até o mais alto do céu e caía, sem esperança alguma de ser baralhado —, afinal ela abandonou seus membros, os músculos já totalmente relaxados, ela toda mole e quente em meus braços, a tal ponto que temi

derrubá-la no chão. Ela iniciou a sua viagem sem retorno, para muito além do azul do céu. A paz estranha tinha chegado e eu comecei a ganir baixinho, como se rezasse por sua alma, a boca oxidada. O mundo de que todos os cachorrinhos pareciam banidos mergulhou nas águas rasas dos olhos, eu os fechei, e ele, quente e úmido, rolou por minhas faces indiferentes. Eu já não esperava mais o milagre.

Pouco depois, o pai surgiu pela porta da cozinha seguido do veterinário.

— E aí? — disse num tom de desculpa e esperança. — Vamos ver o que o doutor pode fazer por ela.

Como acontecia às vezes, o pai chegava quando já não era possível salvar mais nada.

**HOMEM
CIRCULAR**

Nunca soube de onde ele veio, nem para onde foi. O pai na época era tesouro do Rotary, pagaria em nossa casa o cachê do homem depois da apresentação. Jamais houve algo parecido em São Donato. A quebra do cotidiano era causada pelas passeatas do 14 de Julho ou do 24 de Maio, o nosso clássico 38, explosivo depois de grandes vitórias e títulos. Ou nas noites de comício político em vésperas de eleições, quando o pai nos levava de um palanque — o da situação — a outro — o da oposição.

— Pra conferir o ajuste dos discursos à realidade do país — dizia com um sorriso matreiro.

A quebra do ritmo também ocorria nos desfiles do Carnaval ou da Semana da Pátria, como em todo o país. Em outras ocasiões era uma velha Dodge, com um megafone instalado na capota, que circulava pela cidade anunciando leões, elefantes, o Zé Chuvisco e acrobatas da corda bamba. Às vezes, era a presença angulosa e enviesada dos ciganos nas esquinas do centro, os homens com lenço vermelho no pescoço e as mulheres com lenços de seda coloridos na cabeça. Eles armavam suas tendas num terreno baldio, no descampado entre o cemitério e o quartel, e dali saíam para ler as mãos e fazer seus negócios.

O anúncio de que a Praça Matriz seria palco do número sobre-humano deixou São Donato excitada. Aquelas intervenções urbanas já faziam parte da memória da cidade. Quebravam a monotonia, mas de um modo previsível, à exceção talvez das passeatas do futebol, que coloriam a cidade ora com o verde do 14, ora com o vermelho do 24. Então, quando o carro de som e a rádio anunciaram a apresentação do homem da bi-

cicleta, ficamos numa expectativa maluca.

Nos dias anteriores à apresentação não falamos noutra coisa. Ele já fizera sucesso em Porto Alegre e Caxias do Sul, com reportagens nos jornais locais — o que se repetia agora com A Semana de São Donato. Por onde passava, ele atraía uma multidão de curiosos. Crianças, jovens e adultos, todos queriam testemunhar a suspensão do calendário por uma promessa de magia.

A apresentação era um dos eventos dos Jogos da Primavera, outra das ocasiões programadas que mobilizavam a cidade. Seria no coração da Praça Matriz, nos ladrilhos que circulavam o monumento central doado por Alvear. A coluna de pedra — de onde um arco de concreto, a partir de seu topo, descia até o chão para formar a linha de um quadrante — era presente da cidade argentina a São Donato, em comemoração ao centenário da Independência do Brasil. Uma de nossas brincadeiras era tentar escalar o arco, muito íngreme próximo ao chão e de altura ameaçadora no alto da coluna. Por isso mesmo, a brincadeira envolvia algum risco e um grande desafio. Ao passarmos por ali, ao longo dos anos, sempre nos aventurávamos sem sucesso. Por mais que embalássemos na corrida, logo em seguida ao arranque cheio de vitalidade e esperança, o semicírculo do quadrante era inacessível aos nossos esforços infantis.

Mas agora o centro da praça seria palco de uma proeza que superava com sobras nosso desafio. O homem da bicicleta, a não ser para ir ao banheiro público, deveria circular o monumento durante 24 horas, sem parar uma única vez. A largada, com a presen-

ça do prefeito, do cônsul e do comandante do exército, sob uma bateria de fogos de artifício, foi no início da noite, para que o maior número de pessoas pudesse assistir. O fim da prova coincidiria com o início da noite seguinte, essencial para a recuperação das forças do desafiante. A prefeitura estendeu um cordão por todo o perímetro da prova, circulando o passeio central por trás dos bancos voltados para o monumento. Por 24 horas o coração da Matriz ficaria isolado, e ninguém na cidade, a não ser o forasteiro da bicicleta e o homem autorizado a lhe alcançar as garrafas de água e suco, poderia pisar seus ladrilhos ou desafiar o perímetro do quadrante.

O homem era alto e magro, tinha um rosto comprido, ossudo, e cabelos ruivos encaracolados na testa. A sua pele era branca feito giz, tão branca e transparente que o sangue, com o esforço, lhe dava uma coloração rosada. Apesar de não possuir músculos avantajados, em especial nos braços e nas pernas, aparentava uma constituição sólida. Era jovem e sério; talvez a seriedade lhe viesse da concentração na tarefa, pois não lembro um único sorriso seu durante a prova.

Na largada, transmitida ao vivo pela rádio, a cidade fazia em torno desse palco improvisado um grosso cordão humano. Eram centenas de curiosos: as crianças enfiadas por entre as pernas dos pais ou nos seus ombros, sentadas na grama ou junto aos bancos, e os adultos ansiosos para testemunhar o prodígio de uma boa história para contar. Muitos duvidavam abertamente do sucesso do homem, arriscavam a hora ou o número da volta em que ele pegaria no sono; um bom número, com olhos brilhantes e boca rasgada, fica-

va numa expectativa maravilhada, enquanto alguns apostavam que ele sairia vencedor do desafio.

Quando ele deu a partida, em sentido horário, prorromperam palmas e gritos de apoio de todos os cantos da praça. O homem arrancou como se sua presença estivesse sendo aguardada com urgência num local previamente assinalado. Com pedaladas firmes e ritmadas, imprimiu grande velocidade já nas primeiras voltas, o cabelo esvoaçando; por certo ia contagiado pelo entusiasmo do ambiente. Talvez fosse para garantir uma vantagem segura, que lhe seria de alguma maneira proveitosa mais adiante, embora tal estratégia parecesse inútil num trabalho dominado pela circularidade de um tempo limitado. Na cabeça dele, ainda que o trecho percorrido pudesse parecer sempre o mesmo, e com a mesma carga de esforço, ainda assim seria diferente e inusitado, sobretudo por integrar uma luta pessoal contra o relógio e sua própria resistência num ambiente novo, seus limites postos à prova mais uma vez.

Ele vestia camiseta de física grená, calções azuis com frisos brancos e tênis preto. Como não era sua primeira vez, devia estar com toda a prova na mente. A memória das outras devia guardar as armadilhas e os pontos fracos da vontade e dos músculos. Talvez também por isso o seu olhar viajasse fixo no vazio, como se visse apenas uma figura na mente — possivelmente o ponto de chegada —, e não o desviava para os lados nem quando as pessoas gritavam à sua passagem, com certeza um dos combustíveis desse movimento regular.

O ímpeto inicial impressionava bastante, queria

quem sabe retribuir o apoio do público. Algumas garotas, num estado de frenesi absoluto, gritavam e entendiam o braço a cada passagem dele, como se fosse um ídolo do cinema. Repetiam o mesmo procedimento na volta seguinte, e na próxima também, como se agora sim fossem tocar no homem da bicicleta. Ele, no entanto, não fazia qualquer concessão, mantendo o olhar fixo no espaço logo à frente da roda e, sem nunca sorrir, cruzava como se não fosse o motivo de toda essa agitação.

Eu comecei a contar as voltas, já que não tinha nenhuma disposição para gritar a cada passagem dele, mas ali pela vigésima vi o despropósito disso. Seguramente nem ele fazia a contagem; o número, como nas vezes passadas e nas futuras, ficaria para sempre incógnito. Até porque sua concentração parecia de outra natureza, mais apegada a pensamentos, ideias, imagens e cenas familiares, ou a qualquer outro recurso da imaginação ou da memória. Não parecia ser pelo cachê, isso talvez fosse a sua motivação inicial, quem sabe quantas dívidas ou contas ele tinha para pagar. Ao pedalar sua bicicleta, parecia ser por outra razão que corria tanto, algo que pudéssemos apenas intuir. A exemplo dos raios dos aros, que convergiam para o eixo no centro das rodas, assim também parecia essa sua vontade obstinada, concentrada pelas setas de nossos olhares. Um círculo dentro do outro. Essa concentração sem dúvida se dirigia para um ponto além, sempre além da roda da bicicleta e do giro completo que abria a nova volta, e mais outra, voltas e voltas que, com o passar do tempo, eram sempre outra e ainda a mesma volta.

Não sabíamos, mas ele dava mostras de saber o ponto que queria atingir, a força a ser dosada, a estratégia das pedaladas necessárias para alcançá-lo. Talvez fosse esse o seu único alimento, pois fazia parte do contrato não parar para comer. Alguém autorizado lhe alcançaria os líquidos, e ele, sem parar uma única vez, a não ser para ir ao mictório público, devia receber a garrafa e beber sempre em movimento. Tais líquidos eram apenas para repor a energia do corpo, porque o alimento mais substancioso devia ser fornecido por ele mesmo, diretamente da alma, sob inspeção do espírito. Sem dúvida era dali que vinha o principal, pois, de outra forma, como explicar que pudesse ficar horas a fio numa mesma posição, com poucas variações — quando muito estender ou curvar os braços, movimentar as pernas com mais ou menos energia, jogar o tronco para frente e para trás —, a cabeça sempre na mesma inclinação, os ombros tensionados na maioria do tempo, a expressão grave, atenta e cuidadosa?

Com a primeira meia hora, o frenesi das garotas e os gritos e palmas de seus apoiadores tinham cessado, a assistência já reduzida à metade. Talvez todos ainda não tivessem ido embora porque, de algum modo, os que ficavam se sentissem cúmplices da empreitada, como se o outro estivesse ali apenas por causa deles, e abandoná-lo, quando a noite já soprava a aragem fresca do rio e até mesmo a rádio já mudara de programa, seria uma espécie de traição. Talvez só por isso os mais resistentes ainda não tivessem arredado o pé dali. Ou então para se mostrarem igualmente resistentes, e assim conquistarem a confiança do desafiante. Mas após duas horas de prova, a cidade

morta, a não ser pelo seu coração a palpitar na Matriz, a assistência estava reduzida, quando muito, a um quarto de seu número máximo na largada. Até à diminuição do fervor público ele já devia estar acostumado, e isso em parte explicaria a indiferença de seu olhar para a audiência e o demais que estava além do cordão da prova.

Mas sua expressão de confiança não se alterava, apenas o ritmo das pedaladas. Ele encontrara um movimento uniforme, menos arrojado que o do início, mas firme o suficiente para manter o equilíbrio sem risco de queda. Era um movimento monótono, e hipnotizante, bastava olhá-lo por algum tempo para se ficar com a mente vazia. Eu, de fato, se olhava a roda da bicicleta, os pés no pedal ou o conjunto de sua figura por alguns minutos, não conseguia pensar em mais nada, como se eu mesmo me transformasse na força motriz da bicicleta.

O pai, como fazia parte da organização do evento, foi dos últimos a deixar o local. Já era meia-noite quando fomos para casa. Eu, exausto, morria de sono, e a prova completava recém suas primeiras quatro horas. Faltavam ainda vinte horas de sono, refeições, colégio, jogos, brincadeiras, vinte horas de vida até que o homem concluísse o seu percurso. A prova era no meio da semana para não perturbar o lazer da cidade; a Praça Matriz, com seus bancos e árvores de copas altas e cheias, era o ponto de encontro de São Donato aos domingos. Eu ia para casa com um sentimento de deserção, não era justo abandonar aquele homem à própria sorte, quando nos proporcionava uma das poucas ocasiões em que a vida, por mais paradoxal

que parecesse, ao romper seu ritmo monótono, abria uma nesga de magia semelhante à do Carnaval, à da passeata do futebol e à da abordagem inesperada de uma cigana, com enormes aros dourados nas orelhas, numa das quadras do centro para ler nossas linhas em troca de uma moeda. Mas nessa época o poder da família e da noite eram inexcedíveis, a tal ponto que ao chegar na esquina onde ficava a banca do Felix, já me sentia como quem faz a coisa mais natural do mundo.

De casa, no andar de cima do sobrado, era possível ver um bom pedaço da praça. Quando as luzes se apagaram e todos nos enfiámos nas camas, me levantei pisando em nuvens negras e fui até a sacada. Com o máximo cuidado, abri a porta, fechei-a atrás de mim e busquei o ponto de visão mais favorável. Até onde enxergava, à exceção do seu Zeca que cuidava da praça, em um dos bancos com o homem destacado para cuidar da prova e fornecer a água e os sucos, já não havia mais ninguém no cordão de isolamento. A praça estava entregue às copas das árvores e suas sombras. No outro dia soubemos que dois engraxates, jogando figurinhas no bafo, bolita, o osso, tudo que era possível para não se entregar ao sono, também tinham passado a noite toda em vigília.

Aí estava talvez o maior risco para ele. A ideia me ocorreu enquanto eu mesmo já cabeceava na sacada atacado por mosquitos, as pernas frouxas. Ele não podia dormir um instante, sob o risco de pôr tudo a perder: o cachê, o respeito da cidade, as futuras apresentações e, sobretudo, a vitória de sua concentração. A reunião de todas as suas forças na noite pesada e lenta dependia de sua lucidez. A vigília, mais do que garan-

tia para evitar o tombo, era o atestado de que a convergência de sua atenção e músculos a um único objetivo constituía uma arte superior. Acontecesse o que fosse para fora do círculo de isolamento, nada o podia deter até atingir o alvo. Se ficasse no meio do caminho, ainda que na última volta, sua reputação estaria perdida e a cidade jamais lhe concederia nova oportunidade. As outras praças também se fechariam para ele.

Embora a cidade, nesse instante, à exceção de seus vigias, dormisse a morte mais profunda — como são as sombras de uma cidade erma —, ela seguia, uma a uma, suas pedaladas dentro do sono. Embora não soubesse a soma total da prova, sabia do limite a ser alcançado. E se ele, na hora acertada, não estivesse ali, ainda montado na sua bicicleta em movimento, não teria a recompensa do cachê suas dívidas e contas precisariam de outra oportunidade, ou seja, outra atividade para a qual deveria estar mais bem preparado — nem teria o entusiasmo das palmas, as garotas não mais gritariam apelos histéricos por sua libertação.

Eu também já andava em círculos...

Na outra manhã, a mãe me convidou para buscar as roupas na dona Rosa, lavadeira e mãe do Catito. Eu disse que tinha temas do colégio, mas assim que ela saiu de casa corri para a Matriz. À exceção do Xexéu do tabuleiro, que vendia cigarros, balas e mandolates no porto, e dois engraxates em silêncio com as caixas no ombro, ninguém mais acompanhava o homem da bicicleta em suas voltas. Com o isolamento do centro para a prova, os largos caminhos da praça ficaram obstruídos, os transeuntes de todos os dias tinham de contorná-lo através dos passeios laterais, o que con-

tribuía para reduzir o fluxo de curiosos. Além disso, chamava a atenção uma possibilidade não considerada por mim na noite passada, e que ele realizava com a mesma seriedade de antes, porém com a expressão mais abatida. Ele agora pedalava na direção anti-horária. Era como se estivesse empenhado em desfazer o percurso noturno, como se a luz do dia afinal apontasse o rumo certo. Embora pudesse ser para impedir a tontura e quebrar a monotonia, dava a impressão de que ele agora se movia para trás, como se estivesse arrependido ou descobrira um erro no que vinha fazendo. Parecia apagar as voltas dadas até o momento de inverter o sentido. Por outro lado, imaginei que ele desenvolvia uma visão nova e complementar da praça, como nenhum de nós donatenses tivéramos até ali. No coração da Matriz, ele via o avesso do que percorrera até aquela mudança — o avesso do que nós mesmos víamos no nosso cotidiano —, e isso, além de revigorar o ânimo, proporcionava novos recantos da praça para explorar. Ele agora podia considerar as coisas em volta pelo seu revés, num novo equilíbrio, e esses novos ângulos deviam lhe ajudar bastante a superar a repetição do mesmo, o tédio, o sono, o cansaço.

Logo depois do almoço, quando passei por ali em direção ao colégio, o quadro não tinha se alterado. Na aula de Educação Artística daquele dia, embora o tema fosse livre, o motivo principal dos desenhos foi o homem da bicicleta. Ele reaparecia ainda pedalando, agora no caderno dos colegas e no meu, sob as mais variadas formas e cores. Foi o assunto que dominou também o recreio. Diante do espanto de uma colega, que indagava porque ele não comia ao menos um pe-

daço de pão com mortadela, outro respondeu que talvez fosse pelo risco de se engasgar, um farelo podia lhe provocar um acesso de tosse, forte ao ponto de perder o equilíbrio e assim também a prova. Um terceiro disse que ninguém podia ficar tanto tempo sem dormir, e levantou a hipótese de que ele, o homem da bicicleta, talvez tivesse alguma técnica que lhe permitisse, se não cochilar, o que o garoto afirmava ser possível de olhos semiabertos por algum tempo, ao menos descansar enquanto pedalava. Talvez ele embalasse bastante, e, quando a bicicleta atingisse grande velocidade, podia ficar com os pedais suspensos por um bom tempo. Outro colega, que gostava de olhar as situações por seu lado cômico, disse não acreditar na seriedade da prova, em algum momento da noite o homem devia ter encostado a bicicleta numa árvore e se deitado num dos bancos para tirar uma soneca, trouxas eram os que acreditavam nisso que o pai dele tinha chamado de aberração humana.

Ao voltar para casa, coisa que fiz tão logo bateu o sino, tive nova surpresa ao ver que ele agora pedalava no sentido escolhido na largada. Isso de alguma forma me tranquilizou; senti como se depois das idas e vindas, ele, com a nova inversão, afinal encontrava o caminho acertado. Outra vez no sentido horário, ele até pedalava mais forte do que no meio-dia, quando corri para almoçar. Eu tinha a sensação de que ele, depois das tentativas anteriores, finalmente corrigira os erros de sua atuação, digamos assim, como se finalmente encontrasse a direção e o ritmo mais confortável para seguir adiante. Talvez, como já era o final da tarde e chegava a nova brisa do rio, ele tivesse concluído que a

vitória, se não quebrasse nenhuma engrenagem da bicicleta nem lhe rompesse um músculo, nervo ou tendão, era coisa certa. Daí chegavam, quem sabe, esse novo assomo de energia e a confiança de que concluiria a prova, de que todos os fantasmas da noite estariam vencidos, de que todos os medos da manhã de sol estariam superados e de que nada mais de extraordinário lhe impediria a conclusão da prova — a grande incógnita da largada. Sua expressão, embora mais vincada pelo esforço sem trégua, os olhos em covas profundas, não tinha o abatimento da manhã, como se ele, curiosamente, recém tivesse acordado. Era bem isso: embora sério, estava desperto, e desperto como os que estão em plena atividade de seu ofício.

O homem da bicicleta venceu o desafio.

Na chegada, além do prefeito, do secretário de Esporte e Turismo e de membros do Rotary, algumas dezenas de pessoas aguardavam para vê-lo terminar o trajeto. Quando as 24 horas se concluíram, anunciado pelo presidente da entidade promotora do evento e reproduzido pela rádio, todos ali presentes começaram a aplaudir com entusiasmo, gritaram hurras e palavras de reconhecimento. Ele, com dificuldade, deixou a bicicleta amparado por um médico. Que logo tirou sua pressão e verificou seu batimento cardíaco. O homem que o vigiara durante a noite cumprimentou-o com efusão e lhe alcançou uma última garrafa de água. Ele a bebeu visivelmente satisfeito, banhado de suor, os cabelos grudados na testa. Despejou o final do líquido no alto da cabeça e o deixou escorrer pelas faces como se recebesse um último batismo. A mulher de um rotariano, logo em seguida, trouxe um ramo de

louro e coroou sua cabeça, outra lhe ofertou um ramalhete de flores silvestres, recebidas por ele com sorriso de paisagem rural. A seguir, pousaram para a foto oficial, que iria para os anais do Rotary e da prefeitura e estamparia a capa de A Semana Donatense, batida pelo Bili, o fotógrafo anão no tamanho, mas grande no talento, como ele mesmo gostava de dizer subido numa cadeira. Depois de algumas fotos isoladas e de cumprimentos a populares, uma pequena comitiva o acompanhou até o Hotel Central, onde estava hospedado, para que jantasse e descansasse.

No outro dia pela manhã ele veio receber o cachê em nossa casa. Pacato, com gestos simples, vestia uma calça bege de tergal e uma camisa volta ao mundo bordô, com motivos florais em verde e azul, aberta num peito liso. Pediu licença para entrar no acanhado escritório onde o pai fazia alguns lançamentos no livro-caixa. O pai deixou sua mesa e foi cumprimentá-lo, falaram sobre a prova, e ele disse que apenas duas vezes temera não concluí-la, uma porque calculara mal a manobra para inverter a mão e, acossado por uma súbita tontura, quase se chocara contra o monumento. A outra, mais grave, foi quando pegou no sono e só acordou ao bater num banco, mas por sorte conseguira manter o equilíbrio.

O pai lhe entregou o dinheiro do cachê. Suas mãos inchadas tinham todos os dedos curvos, como se ainda segurasse os manetes da bicicleta. Era prova mais do que suficiente de que ele, para vencer o desafio, se agarrara todo esse tempo no guidom da bicicleta com todos os méritos, nervos e tendões.

Ele contou o dinheiro por cima e o enfiou no

bolso da calça, cumprimentou o pai mais uma vez e deixou o escritório. Eu o acompanhei até a porta da rua, e antes de nos despedirmos, perguntei:

— Por que tu faz esse tipo de prova?

Ele balançou a cabeça para os lados:

— Porque não sei para onde ir. Se soubesse, não ficava dando voltas.

Ele me deu as costas e partiu. Eu fiquei sorrindo, intrigado.

**UM INCIDENTE
NA FRONTEIRA**

Levantei da cama e fui até a sala buscar o rádio do pai. Nas noites de jogo do Inter, ele acomodava o Telefunken vermelho e prateado na sua mesa de cabeceira, para desgosto da mãe. Mas nessa noite não tinha jogo, era véspera de minha primeira viagem para a Argentina.

Não conseguia conciliar o sono, imaginando como seriam as coisas na banda de lá. Nas outras vezes, a parte mais divertida das explorações do dial era a sintonia em frequências extra-terráquias, como chamávamos os ruídos agudos e prolongados, com elevações e quedas abruptas do som, ou os chiados da estática que lembravam uma chuvarada cortada por trovões. Outras vezes, o ritmo da frequência oscilava dentro de um padrão, uma espécie de microfonia, e isso me dava esperança de a qualquer momento sintonizar uma transmissão do espaço sideral, talvez o pedido de socorro de uma civilização em luta contra o seu extermínio. Ou podia ser também alguma mensagem em código Morse, e isso abria outra janela para o desconhecido. Na noite em que imaginei o Sputnik de volta aos céus de São Donato, por exemplo, pensei em captar algum diálogo entre o satélite e sua base na Rússia. E assim eu fantasiava diversas mensagens secretas entre as nações mais exóticas e insuspeitadas da galáxia, cruzando a interminável noite da humanidade. Se pudesse decifrar uma delas, transmitir ao mundo os termos de um pedido de salvação, eu faria dessas explorações noturnas a ponte da amizade entre os povos. Ou então — a possibilidade assustadora — interceptaria um plano alienígena de ataque à Terra.

Mas nessa noite eu tinha outra exploração em mente: o Espanhol. Ouvir tangos, propagandas ou partidas de Ríver e Boca nessa língua era penetrar numa festa sem ter sido convidado. Havia um estranhamento nisso tudo, mas também a forte marca de um parentesco incomum, impossível de definir. Na fronteira entre os dois países, crescíamos cantando versos guerreiros e debochados de ataque ao país vizinho. Um deles, que resistia anos a fio na memória, atribuía a liberdade argentina ao nosso país. Aceitávamos isso com uma superioridade picaresca, como se a independência da Argentina fosse uma concessão nossa, que a qualquer momento pudesse ser revogada por Brasília — a capital erguida do pó pela força invencível dos brasileiros. Talvez do outro lado da fronteira pensassem o mesmo, sua esquadra poderia a qualquer momento deixar o Rio da Prata e subir o Uruguai para bombardear São Donato. Mas como essa hipótese nunca se realizava, ficava comprovada a superioridade brasileira. Não era uma simples questão de lógica, era um segredo de estratégia militar.

Mas agora queria apenas ouvir essa outra língua, me familiarizar um pouco mais com o que afinal sempre me parecera próximo. Exemplos disso não faltavam, quando nos encontrávamos, eu e Sabrina, com alguns *cucarachas* da nossa idade, como dizia a mãe, e tentávamos iniciar uma conversa. Na maioria das vezes entendíamos os correntinos, e o que nos parecia obscuro era logo esclarecido com explicações adicionais. Ao contrário, quanto tocava a vez deles nos entenderem, a coisa não funcionava da mesma maneira. Nos olhavam com um semblante de incompreensão,

que eu imaginava fingido, nos obrigando a tantas voltas na língua e artifícios gestuais, que depois de meia-hora de tratativas eu me sentia esgotado e concluía ser impossível qualquer convivência mais profunda e duradoura entre nós e eles.

— Como são burros esses argentinos — dizia Sabrina mal lhes dávamos as costas.

Nós os encontrávamos na Praça Matriz, nos fins de semana, ou, mais raro, quando seus pais vinham fazer compras no lado de cá, nas Pernambucanas ou no armazém do Geco, para aproveitar o câmbio favorável ao Peso.

Eu não tinha resposta. Imaginava que a dificuldade que sentíamos em contato com sua língua, superada com algum esforço, deveria ser a mesma experimentada por eles em relação à nossa. Não me passava pela cabeça que a ambientação com o Espanhol, ao contrário do que seria com o Português na banda de cá, pudesse desenvolver nos falantes daquele idioma uma árdua dificuldade em relação ao nosso, coisa que parecia não ocorrer de nossa parte em relação ao deles, não no mesmo grau. E muito menos aceitava a ideia, sugerida por Sabrina, de que os argentinos nascessem com alguma característica auditiva — Sabrina falava em defeito físico, uma falha de nascença — que os impossibilitasse a compreensão de certas pronúncias nossas sem os rodeios. Ela também os chamava de esnobes, afinal era o diálogo entre línguas gêmeas. Eram as mesmas coisas ditas com sotaque diferente, como não compreendiam?

Nessa noite-véspera da viagem, eu, a exemplo do coração, mantinha também os ouvidos bem aber-

tos. Acreditava que a compreensão perfeita das palavras do locutor da rádio de São Tomé poderia, em caso de aperto, servir de salvo-conduto no país vizinho. Até fazia exercícios de pronúncia dentro dos lençóis, procurando imitar o melhor possível a entonação do radialista. Na manhã seguinte eu iria com João Carlos e o seu pai até Alvear, ficaríamos por lá o dia todo imersos em sua língua, sua paisagem urbana, sua gente, seus costumes.

O pai do Joca era cônsul, todos os dias atravessava de chalana o Uruguai, e esse era o outro motivo que me deixou excitado até altas horas. Não era uma viagem a um país estrangeiro, com todo tipo de sugestões que possa vir disso, porque, para quem nasce na fronteira, o país da margem oposta à nossa nunca parecerá de todo um estranho, como em geral nos parecem os países de outro continente. Mas, de qualquer forma, eu queria registrar o que houvesse de misterioso ou fascinante na travessia, e, para tanto, ao lado da roupa nova do próximo dia, já separara a minha Instamatic 33, a câmera fotográfica recebida das mãos do vô no último Natal. Com a viagem a Alvear, portanto, eu encontrava o seu melhor uso: registrar esse outro país que muitas vezes apenas lobrigávamos, na margem de cá, surgindo por entre a névoa do amanhecer por sobre o rio.

Cedinho eles passaram na casa nova, num carro puxado por dois cavalos, de um tio de Catito. Acomodei-me na cabina e em seguida descíamos a Independência em direção ao rio. O nosso não era o único carro a descer ou subir a avenida. O rumorejar agudo dos cascos no asfalto, refletido nas paredes das casas

baixas, consumia toda minha atenção como se fosse a marcha de um regimento inteiro, até se expandir nos bojudos paralelepípedos do porto. Tomado pela emoção e a ansiedade, não troquei uma só palavra com o Joca nem com o cônsul e seu auxiliar. Ia dominado pela imagem de São Donato em despedida. Como na primeira vez que entrara na casa nova, senti, ao descer a avenida até o cais, um amor novo crescendo no peito. Era também um amor inqualificável — um temor a formigar na boca do estômago — pelo desconhecido.

Félix, o secretário, remava numa linha diagonal à montante do rio, o cônsul acomodara-se na popa com a pasta negra nas coxas, e eu ia ao lado do Joca na proa da chalana, atraído pela correnteza piscante, pelo cheiro fresco e doce do barro e pela margem do outro lado. O sol banhava as árvores e as águas correntes com tons de limão-cravo; soprava nas faces uma aragem fria e cortante, no limite da dor.

A chalana avançava no ar límpido, e no mesmo passo crescia para nós o país vizinho. Tirei do bolso da japona a Instamatic 33 e comecei a fotografar a outra margem, aos pedaços, imaginando juntá-los mais tarde numa única imagem em sequência, na esperança de um dia desvendar o sentido completo da viagem. Fotografei as matas exuberantes, em tudo semelhante às nossas, matas cujos ramos e folhagens verde-escuras não guardavam qualquer traço de nacionalidade. Em seguida registrei a Aduana argentina, o enorme prédio dos Fuzileiros Navais às suas costas, semelhante a uma gigantesca caixa de sapatos branca, simetricamente recortada por pequenos retângulos azuis, envidraçados.

A cidade de Alvear não era visível do rio, e isso aumentava mais o mistério e a curiosidade por conhecê-la. Cruzamos o meio do leito, a chalana ainda apontando para a mata direita, São Donato — o nosso país — definitivamente para trás. Ao notar mais próxima a margem estrangeira, senti faltar o pé, temendo pelo tipo de hospitalidade que nos aguardava. Em meu socorro, veio o pensamento de que o cônsul, de segunda a sexta, ia até lá a trabalho, e era dentro desse expediente rotineiro que a nossa visita se encaixava.

Mas para minha intranquilidade, Félix, que remava de costas para o destino e corrigia o rumo com rápidas olhadas por sobre o ombro, contou que na sua juventude, certa vez, atravessara a nado com um primo o Uruguai, e foram recebidos com hostilidade pelos gendarmes da guarda costeira. Não lhes deram mais do que um quarto de hora para recobrem o fôlego; com as armas a tiracolo, apontavam a outra margem: que voltassem logo para o lugar de onde tinham vindo. Sem autorização nem documentos não podiam atracar no país.

Félix e o Cônsul riram e isso ajudou a colocar os nervos no lugar. O Cônsul narrou a história do tenente de fragata, o baiano Prezewodowski, filho de mãe negra brasileira e pai polonês, comandante da flotilha do Uruguai durante a última guerra do país. Em desagravo à surra levada no porto de Alvear pelo médico da Marinha brasileira em São Donato, de charlatões que se sentiam prejudicados pela concorrência do forasteiro, o tenente decidira bombardear a cidade vizinha. Foram três disparos de canhão da fragata, com espaçamento regular de tempo para forçar a entrega

dos delituosos, mas sem sucesso. Uma comitiva oficial de Alvear foi até a fragata comunicar a fuga dos charlatões. As bolas de ferro são exibidas até hoje no museu de Posadas. O militar baiano, em corte marcial, acabou afastado das Forças Armadas, no tempo em que Brasil e Argentina tinham se aliado ao Uruguai para varrer o Paraguai do mapa.

A passagem pela Aduana não precisou de documentos, logo tomamos um coche também puxado por dois cavalos. João Carlos e eu fomos na boleia, ao lado do cocheiro. Os animais, adestrados pelo hábito, tomaram a estrada de chão batido sob simples estalidos do chicote e da língua do homem. Deixamos o prédio dos fuzileiros para trás e ingressamos numa espécie de túnel marrom e verde. Nas margens do caminho, plátanos frondosos, crescendo até o alto com galhos inclinados uns para os outros, abraçando-se, formavam um dossel gigante, digno de uma comitiva imperial. O ar límpido e frio, o cheiro hortelã de mato virgem, as casas modestas surgindo ao longe, tudo em conjunto dava a impressão de que ingressávamos noutra época, num reino de descobertas estranhas, novas e puras. As imagens que eu formara da Argentina até ali, ou melhor, de Alvear, dissipando-se nas primeiras horas de sol, abriram espaço para uma realidade que não era a de todos os dias, mas a realidade do sonho materializado, menos feérica, porém mais vívida. Não havia espaço para surras de médicos nem bombardeios militares.

No consulado, enquanto o cônsul despachava, eu e Joca ficamos entretidos com o cão policial da casa e os galos garnisés de plumagens em cores sortidas —

em verde, amarelo pintalgado de preto e vermelho vibrantes. Para o fim da manhã, nos aboletamos cada qual em seu canto, e descobri os quadrinhos de *Mafalda* em antigos jornais empilhados. Minha alegria era maior pelo fato de poder ler em Espanhol, perdendo sentidos aqui e ali, era verdade, mas feliz por poder sorrir das tiras que deviam encantar também a gurizada argentina. Pela porta da sala onde estávamos, entrou o cheiro salobro de lacre queimado, como vi logo em seguida a convite de Joca, a resina bordô usada para fechar a correspondência oficial, que, depois de pingada e diligentemente espalhada por Félix, recebia o carimbo consular.

Em seguida, o cônsul veio e nos levou para almoçar.

Comemos frango com arroz, ovos e *papas* fritas, mas o que mais me chamou a atenção foram as enormes garrafas d'água com sifão, que fazia a água jorrar num golpe certo dentro do copo. De sobremesa, comemos Mantecol, ou raleu em barra, um doce árabe amanteigado feito de amêndoas e com gosto de... raleu! Deliciados, enquanto o cônsul desaparecia mais uma vez, agora para visitar um casal de amigos, eu e Joca ficamos na praça central da pequena e bela cidade. Era como se o tempo fosse um trem que tivesse como última estação Alvear. O trem ali chegado só podia parar e voltar, como em São Donato. As casas em estilo inglês pareciam passageiras aguardando essa composição, mas o outro, o trem sem freios, ao cruzar pelas demais estações, deixava um roteiro de decadência e destruição. Estagnada feito São Donato, Alvear não entrava em decadência justamente porque ali

o tempo não passava, apenas dava a volta e fugia, levando junto os sonhos da cidade.

Como em outros países da América espanhola, os argentinos dali também faziam da sesta um hábito diário. A cidade, com as persianas descidas feito pesadas pálpebras de sono, sonhava outra vida, outro mundo de possibilidades tão ou mais reais do que as oferecidas por este mundão de fronteiras e acidentes — até o horário do próximo comboio. E, tais quais as folhas de ambas as margens do rio, a geografia aí parecia também não possuir nacionalidade ou sotaque algum. Talvez fosse um mundo aberto e possível ao encontro de forasteiros. De onde estava, fotografei tudo que minhas vistas alcançavam. Uma das casas, aumentando o peso daquele silêncio já abafadiço, emitia a voz melodiosa e às vezes chorosa de Leonardo Favio em *Así es Carolita* e *Fuiste mía un verano*, versos que formavam uma espécie de moldura móvel ao nosso dia de passeio em Alvear:

*Que lindas mañanas
contaba mi padre
cuentos que me hablaban
de tierras lejanas.*

A brisa da manhã desaparecera por completo, os miolos assavam, e para vencer o sono, que fazia da cabeça uma abóbora pendente, juntei pedrinhas chatas no chão da praça e fui lentamente em direção ao lago. Joca, talvez pressentindo o movimento do meu espírito, também catou algumas pedras no passeio e veio atrás de mim. O lago tinha forma de berinjela,

em sua superfície boiavam nenúfares de cores angélicas e, no seu interior, algumas sombras em forma de peixe deslizavam com suavidade. Encantados, começamos a jogar as pedrinhas, uma por vez, com gestos lânguidos e algo teatrais, de saltimbancos num circo em câmara lenta. Eu, ao disparar os pedregulhos, ia lembrando a imagem da costa com o prédio alvíssimo dos fuzileiros, o laque bordô e seu cheiro resinoso de tinta queimada, as tirinhas de uma Mafalda desiludida com o mundo dos adultos, o sifão e seu jorro potente e inaugural. Havia em cada foto da memória, e no túnel verde de entrada na cidade, em suas casas de sotaque britânico, uma velha promessa de paz e entendimento.

Estávamos nisso, quando chegou uma menina mais ou menos da nossa idade, uma *cucaracha*, pensei surpreso comigo mesmo. Esguia, tinha pele amarelada, semelhante à página de um antigo livro de História, e olhos castanho-claros em rasgos de colmeia. O cabelo ondulado, na cor do mel, descia até os ombros feito um minirrio em tobogã, os dentes miúdos e parelhos. O nariz, que pendia em forma de gancho e terminava num pompom lustroso, parecia, conforme o ângulo, um esquisito ponto de interrogação. Com olhar gordo e arisco, um tanto dissimulado, exibia atitudes de desafio, intimidadora, como se reprovasse nosso jogo de pedras no plácido lago de Alvear.

Com Daniele, a tentativa de compreensão mútua fruiu melhor do que com seus compatriotas na Praça Matriz, tanto que ao cabo de alguns minutos podíamos dizer que verdadeiramente conversávamos. Mas, ao contrário dos outros, ela mantinha uma expressão

dura e provocativa, como se de fato estivesse incomodada com nossa presença ali. Isso, no entanto, não a impediu de posar comigo para uma foto, que Joca bateu com um olho divertido e malicioso. A conversa, como sempre ocorria nessas ocasiões, logo derivou para questões de linguagem e de características próprias dos dois países, famílias, etc., até que em determinado ponto ela deixou à mostra o que poderia ser a resposta, ou grande parte dela, sobre o porquê daquela indisposição castelhana ao nosso idioma.

Ela disse com uma ironia ressentida:

— *Ustedes deberian ser argentinos.*

Diante de nossa surpresa e ignorância, Daniele explicou que pelo Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, firmado entre as coroas de Espanha e Portugal, toda região a Oeste das Missões Guaranis — era dizer só a metade do Rio Grande do Sul — até o rio Uruguai — e isso incluía São Donato, Uruguaiana, São Borja... — devia ser da coroa espanhola, o que teria como consequência, depois da Buenos Aires independente, seu pertencimento ao território argentino. Aliás, sabíamos que a Argentina havia libertado os seus escravos e se tornado independente muito antes do Brasil?

Ela, vendo que Joca e eu relutávamos em aceitar suas palavras — de minha parte, eu via nascer ali, na praça central de Alvear, os sentimentos guerreiros mais primários da raça —, abaixou-se, afastou as pedras do passeio e, pegando uma lasca de basalto marrom, traçou no chão parte do território dos dois países, separados por uma nítida linha de fronteira e, sobre o que seria o estado gaúcho, fez um corte brusco e profundo de alto a baixo:

— *Así!*

A imagem de um Rio Grande dividido ao meio, como nem os Farroupilhas haviam conquistado com sua Guerra de dez anos, me paralisou feito um veneno coral. Olhei para ela com um misto de revolta, desprezo, ultraje e sei lá mais o que de frieza e malignidade. E para completar minha dissidência de qualquer disposição de amizade, pensei com um bocado de raiva: *Cucaracha Loca!* De onde ela tinha tirado essas fantasias?

— *Es la historia colonial de nuestros países.*

Joca afinal reagiu, em tom de deboche:

— Disseste bem, Daniele: colonial...

Mas ela voltou à carga.

— *Ustedes no estudian eso en la escuela? Sus papás no los enseñaran?*

A conversa morreu. Em seguida, dizendo que sua *mamá* logo despertaria da sesta e não lhe gostava nem um pouquinho vê-la conversando com estranhos — também podia ser que tivesse dito estrangeiros, não lembro —, nos deu as costas com ar de vitória, os ombros magros e empenados, e bateu em retirada sem nos oferecer a menor chance de recuperação.

Então Joca mudou o estilo de seus arremessos. Eu fui atrás, e logo torpedeávamos no espelho do lago marrequinhas que batiam repetidas vezes na face plácida da água antes de afundar. Uma mais forte — não chegamos a um acordo se lançada por ele ou por mim — bateu de chapa na superfície do lago e arremeteu forte, num voo rasante, para explodir na porta de um velho *Falcón* verde-musgo estacionado junto ao cordão da praça.

O estampido metálico despertou a atenção do encarregado do local, que se precipitou sobre nós com um passo ágil e nervoso:

— *Que pasa? Están locos, pibes?*

Eu perdi o resto de disposição para compreender. O homem crescia sobre nós e eu ficava mais surdo ao que ele dizia. Irritado, nos passou uma carraspana num tom muito acima do suportável para não passarmos vergonha, palavras-pedras que pareciam ampliadas pelo ar límpido e seco do Alvear lavado de sol. Joca e eu jogamos palavras de desculpa, algumas afiadas pela raiva, já sem nenhum esforço de traduzi-las na língua do outro.

O cônsul chegou no instante máximo de beligerância, quando pareciam retomados os antigos conflitos de fronteira. Em tom diplomático, desculpou-se em nosso nome, éramos apenas crianças brincando sem maldade alguma, não havia intenção de causar danos. Mas o encarregado da praça se mostrou irredutível, e, ainda exasperado, atacou nossa educação com energia: não tínhamos comportamento adequado para crianças civilizadas. O cônsul levantou o tom: jogar pedrinhas num lago era divertimento normal e sadio para meninos da nossa idade, ele próprio, o encarregado da praça, também devia ter feito o mesmo na infância, logo não havia motivo de discussão, e se houvesse algum prejuízo ao dono do carro, este podia passar no consulado que seria tudo resolvido em paz.

Félix em seguida chegou com o coche e partimos para a Aduana.

Na volta, ocupamos a cabina junto ao cônsul e seu auxiliar. Íamos mudos e sem olhar pela janela; já

pouco importava o que ocorria do lado de fora da longa estrada de terra batida. Só o cônsul, de tempos em tempos, retomava o conflito da praça de Alvear, inconformado com o tom áspero da polêmica. Chamava o outro de bruto, um bronco, insensível. Eu e Joca nos olhávamos e logo baixávamos as vistas, disfarçando um sorriso.

Ao retomarmos o lugar na proa da chalana, ao ver ao longe o nosso destino, experimentei uma forte sensação de alívio. O mesmo deve ter ocorrido com Joca, pois assim que Félix embicou o barco na direção da Pedra Grande junto à margem brasileira, iniciando mais uma vez suas vigorosas remadas em diagonal, sua voz saiu desafogada e límpida, como o ar daquela tarde luminosa. Sem o brilho intenso e fragmentado da manhã, era possível ver com mais clareza a tonalidade barroca e espelhada do rio.

Como se tivéssemos combinado, olhamos um para o outro e cantamos:

*Argentino pé de gancho,
calcanhar de frigideira,
quem te deu a liberdade,
foi a terra brasileira!*

A chalana remontava o Uruguai velho de guerra, como dizia o cônsul com sua nota mais clara e vibrante, quando Joca sugeriu que eu fotografasse uma chata de areia que descia em direção ao porto de São Donato. A desavença do início da tarde já estava superada, a nossa margem se aproximava com a alegria amistosa de uma velha amizade. Mas eu ainda levava

a alma um tanto pesada, afinal não era do modo como foi, que idealizara o meu primeiro encontro com o país vizinho. Já o próprio nome dele, Argentina, sempre me inspirara um sentimento alegre, radioso, e uma ampla e agradável disponibilidade de espírito. Assim ao menos era como eu sentia, no momento em que peguei no bolso da japona a Instamatic 33.

Eu já pensava na impressão que as fotos causariam em Sabrina — e também nutria a esperança de um dia poder mostrá-las a Claudinha, indeciso se devia mencionar Daniele e seus olhos de jataí.

A chata deslizava lentamente sobre o rio, parecia uma ilha que se desprendera em algum ponto bem acima do Cambaí e trazia consigo uma história de terras distantes, de areias revolvidas pelo curso possante, eterno e jamais remontável da correnteza barrosa. Com um princípio de euforia, apressei-me para registrar a barca no mesmo quadro da Pedra Grande, isso daria um belo pôster para pendurar em meu quarto, ao lado da foto ampliada de Brigitte Bardot.

Na pressa, contudo, não enfiei a mão pelo laço de segurança da câmera, e fui tão açodado em meu ímpeto de registrar o momento, que ela escapou de minhas mãos e mergulhou no rio. Tive um impulso de ir atrás dela, cheguei a me curvar, estendi com rapidez todo o braço e quase a alcancei. Mas esse gesto foi insuficiente, apenas toquei a água. Para minha dor, que crescia no mesmo ritmo com que São Donato — bem visível do centro do rio — se aproximava com sua velha intimidade, ela caiu nas águas barrentas e desapareceu num instante. E em sua queda, enquanto eu, de manga molhada, olhava fixo para a chata de areia

cruzando pela imóvel Pedra Grande — sem distinguir as palavras de apoio e consolo que vinham dos demais —, a Instamatic 33, recebida diretamente das mãos do vô, na queda, experimentava a vertigem da água em seu destino de Titanic e, o filme do romance perdido já começando a borrar-se, carregava para o fundo as belas imagens que eu registrara do país vizinho.

Otra vez será... Tierno amaneceer...

Sei que nunca más...

**A COLEIRA
DO CÃOZINHO**

Eu andava de bicicleta como quem pedala o mundo, não era moda nem saída de emergência para salvar o planeta, mas engrenagem central da imaginação. Ia sozinho do porto ao cemitério, do hospital à ponte do Cambaí, os quadrantes de São Donato. Nem pensava em liberdade. Havia sempre um caminho novo, uma picada aberta semanas atrás, uma chata que descia o rio — grávida de areia. Também saía em grupo, sem rumo nem hora para voltar. Vivíamos a infância sem saber que ela é, na maioria dos casos, a melhor etapa da vida. Até mesmo o sofrimento era suportável, a menos que ocorresse uma tragédia.

Não lembro quem passou na casa de quem, mas de repente estávamos no cerro diante da casa dos Monteiro. Eles estavam em férias no litoral. A casa fechada parecia a antiga sede do Centro Espírita, na outra esquina. A semelhança não estava na arquitetura, mas na solidão, no aspecto de abandono assumido pelas casas em que a vida se ausentou. Era a nossa preferida, íamos até ali jogar bolita, bater figurinhas ou fumar um Hollywood sem ser incomodados. Podíamos explorar também a antiga sede do Centro, mas ela era inteiriça, compacta, sem acesso aos fundos. E pior: era mal-assombrada, não cruzávamos por ela sem algum tipo de perturbação. Nos dias de feifa — não era preciso muito para ouriçar nossos nervos — atirávamos pedras nos tocos de vidro, ou batíamos na porta e gritávamos pelo espírito da Santa Louca. Certa vez saímos em disparada, quando a pedra, ao entrar por um buraco no telhado, produziu um som assustador ao atingir algo metálico lá dentro. Com o tempo, isso passou a ser mais um jogo nosso, para ver quem acer-

taria o alvo oculto.

O Ique levava os cigarros roubados da carteira do pai, largou a bicicleta na calçada. Eu e o Gaspar encostamos as nossas junto ao portão de ferro da entrada, a metade de cima vazada em arabescos. A mureta batia na cintura, varões de ferro cruzavam todo seu comprimento na parte superior, interrompido por ameias de sustentação. Escalamos sem dificuldade. O jardim em ordem criativa exibia folhagens cheias e vistosas, como as orelhas de elefante, mas na grama alta já despontava o inço por toda parte. Fomos até a ala de trás da casa, onde dormiam os botijões de gás e a casa do Labrador em férias. Como se distribuísse ração diária, Ique deu a cada um de nós o seu cigarrinho. Excitados, prendemos o fogo e aproximamos as pontas. A primeira tragada, além do fincaço no peito, deixou na língua um gosto acre de palha seca queimada. Em seguida veio a tontura, os ouvidos se fecharam, a nuvem de fumaça envolveu a cabeça e os olhos formigaram — o mundo escureceu.

— Forte, hein... — consegui dizer com um fininho de voz. E me sentei ao lado de Gaspar e dos botijões, no degrau dos fundos. Apoiei a cabeça nas mãos.

Quando voltei a mim, Gaspar, num violento ataque de tosse, botava os bofes pra fora. Ique, tirando pequenas baforadas, tragava apenas uma pequena parcela de fumaça, mostrando como tínhamos de fazer. Em seguida caminhávamos no pátio dos fundos, cada um com o seu pito, como se fôssemos atores inspirados no nome do cigarro. Com o peito ardidado e a voz rouca, não me aventurei em outra tragada como a primeira; dava apenas uns peguinhas, diverti-

do com a fumaça enovelando-se num rolo cinza, bailarino. Na metade, o cigarro já queimava a língua, o céu da boca, os lábios; senti ânsia de vômito e nova tontura. Joguei-o no chão e pisei em cima, como John Wayne nos filmes.

Ao deixar a casa, pedalava como se a bicicleta fosse decolar ao estilo Mary Poppins. Eu já andava nas nuvens, quando, subindo o cerro na direção da rodoviária, vi Claudinha e o seu cãozinho pela coleira. Ela subia distraída; parava aqui e ali para o Ringo farejar; trazia na outra mão uma sacolinha da Mafiz. Era a primeira vez que via um cachorro pela coleira, a guia presa a uma gargantilha cravejada de pedras imitando brilhantes. Os nossos andavam soltos, e às vezes se atracavam numa briga feroz, impossível de apartá-los sem a perda de um pedaço da orelha ou do focinho, depois de vassouradas ou balde de água quente.

A tarde era de sol forte. Ela usava um panamá creme, com uma fita bege esvoaçando pela aba lateral. Era também a primeira vez que via uma garota de chapéu em São Donato. De sandálias azuis com floreszinhas aplicadas no peito do pé e bermuda cinza com barra italiana, a camisa branca, de flores vermelhas e verdes bordadas no peito.

— Linda e leve — uma garça na várzea.

Paramos um instante para conversar. Ela contou suas férias, o passeio a uma fazenda no Itaó, tardes no clube da piscina, o plano de passar uma semana na casa de uma prima em Quaraí. Eu não a ouvia direito. Gaspar, quando já comíamos os torrões no mato próximo à Ponte Seca, disse que eu babava diante dela. De fato, eu não conseguia tirar os olhos dos lábios úmidos,

de seus dentes alvos e brilhantes, da língua pontuda e alagadiça, de seus olhos parados e densos feito água de açude a espelhar o céu. Cheguei a me ver inteiro nos olhos dela, a imagem minúscula, mas completa.

Um pouco antes de nos despedirmos, ela disse:

— Hoje vou com a mãe na tua casa buscar a santinha.

A mãe dela e mais algumas beatas tinham levado no mês anterior o nicho de Nossa Senhora para a casa nova. Os vizinhos, os parentes e os amigos às vezes deixavam um donativo à congregação ao nos visitar. As notas encardidas depositadas pela fenda na tampa superior me chocavam. A capelinha, com a porta frontal de vidro, era trancada e a chave ficava com a irmã dirigente.

— Por segurança — dizia a mãe.

Alguém poderia pensar em roubar o dinheiro da santinha? Ela não soube explicar, afinal o nicho dormia em casa de famílias conhecidas. Mas não deixava de ser uma tentação do diabo. Um parente, um amigo, um estranho, ia saber... Em todo caso, ver a imagem azul de Nossa Senhora ornada com notas de dinheiro, algumas imundas, parecia absurdo e algo totalmente inútil. Se fosse santa, se tivesse olhos para ver os atos humanos e o valor das cédulas, precisaria de lentes tatuadas de cifrão? Pensei que tais notas, mais manchando do que lustrando o manto de fios dourados, eram um suborno vil e econômico. Não eram apenas donativos para a congregação, como a mãe queria me fazer crer, mas uma proposta de negócio indecorosa de pecadores contumazes; no caso das beatas, era mais por pensamentos do que por atos, o que fazia das doa-

ções também uma parcimoniosa confissão de culpa.

Quando já íamos em direção à Ponte Seca, Ique disse que eu devia ter beijado a Claudinha. Com mulher, a pior estratégia era a timidez! Isso me trouxe de volta à terra; imprimi mais força às pedaladas. O pensamento de que mais tarde ela ia até em casa, e de que talvez provasse uma fatia do bolo de cenoura, meu preferido, abria uma série de novas e vivas possibilidades. Era o motor do sol no peito, na imaginação, que jogava luz candente nas ruas, nas casas, nas calçadas, abrindo o coração para hospedar o mundo e seus Raimundos.

Venci as próximas quadras com facilidade. Ia tão confiante, que fiz uma proposta ousada. Envolveria algum perigo, mas como eu era o deixa-disso das brigas e refugava as aventuras de risco, achei que era hora de forçar a barra.

— Vamos roubar as... *beg armudi*... dos Rami Sheba.

— Que língua é essa? — disse Gaspar. — Enlouqueceu?

— Tá pensando na Santinha, hein.

Beg armudi, expliquei conforme ouvira de meu avô, era bergamota em turco, queria dizer pera do príncipe. O plano era invadir o quintal da família Rami Sheba, conhecido por seu pomar de diversas espécies dessa fruta. O quintal e o pátio interno da casa eram defendidos por três cachorros bravos; o boxer, o doido varrido, mordida até o rabo da própria sombra, dizíamos. Roubar as bergamotas dos turcos era uma prova que mais cedo ou mais tarde todos deveríamos enfrentar. Tinham o rosto quadrado e cheio, como o Ibraim,

ou anguloso, de nariz fino e comprido, olhos enormes e doces, como era o caso da irmã dele, a Belma. Assim como a casa Mafiz, o armarinho do Rami Sheba era referência; quando a mãe queria que eu comprasse botões de osso, linhas ou um dedal, dizia busca lá no turco. Se a dúvida era cortes de seda, a vó dizia o turco tem! De estranho, além de serem chamados pelo nome pátrio, tinham o tamanho e a altura; cheios e fortes, para mim eram gigantes. A Belma tinha uma beleza exótica, sobretudo pelos olhos que lembravam bolitas mascote. Para nós, era a família do pomar das bergamotas, e isso era o bastante.

Encostamos as bicicletas no muro e ficamos de pé no selim, apenas com os olhos para cima do reboco. Sem movimentos, a casa em silêncio. Era preciso contar com a sorte, porque o portãozinho do quintal às vezes ficava fechado, os cães no pátio interno. Ainda assim, precisávamos de atenção com os passos, evitar galhos quebrados, por exemplo, pois os animais delatavam os invasores. E se o Ibraim estivesse em casa... Uma coisa era certa: ele soltava os cachorros.

Para nossa sorte, encontramos o portãozinho fechado. Como a fuga precisava ser rápida — em especial se houvesse algum contratempo — e não tínhamos a visão da rua como na casa dos Monteiro, Gaspar ficou cuidando das bicicletas. Ique e eu aproveitamos a passagem de um caminhão para transpor o muro. O plano era enfiar nos bolsos das brim coringas uma meia-dúzia por cabeça, e encher uma bacia na barriga da camisa. Como não passavam muitos carros nas ruas, e havia pouco barulho no interior da casa, o avanço foi lento e penoso. Antes de apoiar o pé, exa-

minávamos bem o terreno. Para a volta, deixamos armado um pedaço de tronco junto ao muro, qualquer sobressalto era sair disparando.

Com todo esse cuidado, e muita paciência, realizamos com êxito a primeira etapa do plano. Mas quando atingimos o pomar, cadê as bergamotas?

Ique teve um estalo, e com a voz abafada, tapeou meu ombro:

— Idiota. Não é época de vergamota.

E eu lá sabia quando era? Nunca tinha pensado nisso, afinal para nós as frutas estavam sempre à mão, fossem também laranjas do céu, caquis, figos, goiabas e bananas. Se não as pegávamos diretamente no pé, feito coletores da pré-história, era só entrar com algum trocado na quitanda do Ivo.

Mas a aventura vinha bem executada até aqui, não podíamos voltar de mãos vazias. Ainda eufórico pelo encontro da Claudinha — o coração repleto de amor e a alma vazia —, passei o olhar ao redor. Na varanda da casa avistei uma pequena mesa com um livro aberto, um copo de refresco e uma embalagem vermelha de mandolates, os torrões de mel e amendoim que comprávamos em Alvear. Apontei-a para Ique, ele fez uma expressão de dúvida, mas acabou aceitando a sugestão de eu ir até ali surrupiar os mandolates do Ibraim.

O curto caminho do pomar até o portãozinho era de chão batido, bem compacto e plano. Ique deteve-se atrás de um tronco de uvas-do-japão, o que não era propriamente um esconderijo, e eu fui até o portãozinho para o assalto à fortaleza dos Rami Sheba. Acorçado, atrás da folha em ripas de madeira espa-

çadas, rastreei o pátio interno: os cães, fora da vista, deviam estar na sombra do janelão ao lado da casa, cuja copa víamos da rua, na calçada da frente. Lá ficava o portão de serviço, e o boxer, atraído pelo ruído dos passos, latia e rosnava para os transeuntes, o focinho metido no vão inferior do zinco. O nosso esporte, ao cruzarmos por ali, era cutucar os caninos brancos com o bico dos tênis.

Calculei a distância e a velocidade para as corridas de ida e volta; devia ser rápido, com o menor ruído possível para não atrair o boxer. Nos outros cães eu até arriscava um carinho. A minha preocupação maior era com as dobradiças velhas e sem graxa do portãozinho, se gemiam quando abriam sua folha devagar ou com rapidez. Se os gemidos fossem em câmara lenta, eu estaria perdido se não a abrisse num movimento único e firme; logo, teria de jogar a mão com força, se quisesse ter êxito na aventura. E se não?

Abri rápido o portãozinho e disparei a toda. Voando pelo chão de areia, e logo pelas lajes de ardósia, atingi a mesinha da varanda num só fôlego. Cheguei ali embalado demais: cacei a embalagem dos mandolates com tal açodamento, que esbarrei no copo de frescos. Ele caiu sobre o livro, molhando as páginas de texto sem figura, e rolou para o lado. Tentei agarrá-lo, mas dei-lhe novo impulso com os dedos e o joguei para adiante; ele rolou mais forte e... caiu.

Ao bater no chão, eu já embalando na volta, o copo se estilhaçou num tiro de espingarda 22. Os cachorros, latindo, dispararam em meu encalço. Mas eu tinha uma vantagem folgada, cruzei o portãozinho, bati a folha de madeira e cortei caminho para o tronco

junto ao muro, aonde Ique já chegava.

Nesse instante, ouvi a voz do Ibraim, que tonitruou da varanda:

— Piazada de merda! Volta aqui, filho da puta! Devolve!

Ique já montara no muro, quando enfiei os torções no bolso, galguei o tronco e logo escalei o paredão. Ibraim atçou os cachorros e veio em nossa caçada; gritava palavrões que deixariam nossas mães e a santinha coradas de vergonha.

Já montado no muro, era pular para a calçada, correr até a bicicleta e fugir. Mas qualquer coisa, que podia ser a curiosidade, o gosto de viver em perigo, a vaidade pela vitória completa ou o sadismo diante de minha vítima humilhada, motivado por qualquer sentimento desses, ou por todos eles em conjunto, não pulei logo do muro. Ao contrário, preferi olhar para trás e encarar o Ibraim... O gesto, além de turbinar sua fúria, equivalia a uma autodelação, com a arrogância provocativa dos inocentes. Estávamos nos divertindo.

Ibraim, atrás da cachorrada que latia frenética para o alto do muro, catou uma pedra do tamanho de uma calculadora de bolso, bojuda feito um tijolo. Isso não estava nos meus cálculos.

Atrasado, saltei do muro alto e grosso, que depois dessa vez receberia as malditas unhas-de-gato que nos provocariam um misto de orgulho, frustração e melancolia toda vez ao cruzarmos por ali; saltei e corri para a Monareta. Eu, por mim, arrancaria para onde o nariz apontava, mas talvez porque as bicicletas do Ique e do Gaspar já embicavam na direção oposta, tive de manobrar, e, ao fazer a volta, perdi o tempo

suficiente para Ibraim se apoderar do muro, com nova saraivada de imprecações raivosas. Ele e os cachorros.

Olhei de novo para Ibraim, uma desgraça.

Não sei se foi por medo, por culpa, por veneração, por respeito ou pelo que seja, mas brequei, apoiei-me num pé e fiquei encarando-o com tudo isso e mais umas boas doses de desafio e atrevimento. Ibraim, o peito enorme acima do muro, braços agitados no alto feito um deus indiano, segurava a pedra com expressão terrível, os olhos incrivelmente miúdos. Espumando pela boca, os lábios retorcidos que nem uma câmara de bicicleta abandonada, ele era o quadro da raiva emoldurado pelas copas dos cinamomos — o espírito que dominava o quintal do pomar. Enquanto os malditos cães de Ibraim latiam, o gigante gritava para eu lhe devolver os mandolates. Se não, quebraria minha cara ao cruzar por mim na rua. Sabia onde eu morava, faria queixa aos meus pais e eu nunca mais passaria pela calçada da loja ou da casa sem que me cuspissem de ladrão, ladrãozinho barato, um...

— Merdinha filho da puta!

Ameaçando jogá-la, vociferava com a pedra no alto. Ique e Gaspar gritavam para eu sair logo dali, mas uma força insana, desconhecida, me chumbava ao solo diante daquela figura poderosa. Eu era vítima da paralisia de certos animais diante de seu predador. Fiquei assim um precioso tempo, examinando suas feições e gestos, mas já sabendo que não devolveria os frutos do nosso saque. Até que o sentimento de autopreservação, gritando acima dos outros, me libertou do fascínio: dei um chute no pedal e o joguei para trás, segurei-o na posição de arranque, voltei-me para

frente e baixei a cabeça. Quando comecei a imprimir força no pedal, já erguendo o pé de apoio, o gigante afinal se decidiu. Ibraim arremessou a pedra, que veio zunindo ao meu encontro; mas ela por sorte me acertou a canela apenas de raspão, bateu no ferro do quadro com um estalido seco e foi morrer no leito da rua.

Senti uma fisgada de faca no local, mas pedalei e fui adiante, com uma última olhada para Ibraim, o furioso. Ele montava no muro, decidido quem sabe a cavalgar em nossa perseguição até o inferno. Ah, mas não tinha chance contra as Monarettas de pneus lameiros e bojudos, não tinha mesmo. Em poucos segundos, abrimos uma grande distância e não afrouxamos o garrão por uma quadra inteira. Quando olhávamos para trás, o monstro catava pedras na sarjeta, e as disparava com a força propulsora de palavrões medonhos. No entanto, cruzavam sem nos atingir, marrecavam no paralelepípedo e vinham morrer nos tímpanos sem cera — o sebo todo nas canelas —, e daí rolavam por nossas almas divertidas com a ira do Ibraim.

Só relaxamos no mato da Ponte Seca, na margem anterior da taipa, já degustando os torrões do turco. A canela começou a latejar; no local da pedra, surgira um galo semelhante a um bico de gavião, e dele escorria um filete de sangue aquoso até o Bamba, ardia muito. Mas para mim as latejadas eram os fogos da conquista, brindes aos pormenores da aventura que Gaspar, Ique e eu recordávamos entre mordidas e risadas.

No meio da alegria, Gaspar sentiu falta da carteira, nela estava o dinheiro para comprar uns pu-

xadores na Mafiz. A tinha esquecido no portal dos fundos, na casa dos Monteiro, quando se sentara no degrau com o seu ataque de tosse. Ique sugeriu que Gaspar fosse sozinho, como uma forma de castigo, o esquecimento dele nos punha em risco. Mas no fim achamos que ele poderia ser presa fácil do Ibraim. Fomos juntos, os três.

A carteira ainda estava lá, mas quando Gaspar sugeriu descermos até a Mafiz para comprar puxadores para o seu time de botão, Ique e eu protestamos, aí já seria dar mingau demais ao azar. Que deixasse para outro dia; aliás, o seu time já era uma pedreira de tão bom, não precisava de reforços.

Gaspar iniciou uma objeção, mas Ique saltou na frente:

— Vamos até o Caça e Pesca! Dá tempo do Ibraim se acalmar.

Aceitei na hora. Gaspar resmungou, mas logo viu que era a melhor saída. Quando manobramos as bicicletas de volta à Ponte Seca, surgiram, atravessando a rua na direção da rodoviária, Claudinha, seu cãozinho na coleira e a mãe.

Ao nos cumprimentarmos de longe, ela disse:

— Estamos indo lá buscar a santinha.

Tomaram a outra calçada e sumiram atrás do antigo Centro Espírita. Retomamos o nosso périplo com maior vigor nas pedaladas. Dessa vez, contornamos o mato e cruzamos a Ponte Seca na direção dos Fuzileiros Navais. Com o mandolite no estômago e Claudinha no coração, eu tinha forças para pedalar até onde Deus ou o Diabo me quisesse. Cruzamos a ponte, a casa do Nito, a do Valmor radialista, a vila dos fuzi-

leiros, contornamos a antiga casa de força e enfrentamos a ponte do Cambaí.

Era o fim das casas e início da mata. O rio magrinho se queixava da seca, e a ponte estreita nunca prometia que do outro lado não viria carro. Quando ocorria, o último a entrar tinha de voltar de ré e aguardar. Eu, quando a cruzava de bicicleta, deixando para trás os pescadores nos tempos de cheia, fazia como que uma passagem de nível: saía de São Donato e ingressava numa cidade fantasma.

O coração batia forte, as pernas pesavam e a estrada diante de mim — como agora, quando deixávamos a ponte ao quebrar à esquerda — corria e se alargava até onde eu não sabia — nem era capaz de imaginar.

O silêncio caiu sobre nós. Dali até a sede do Caça e Pesca, o clube campestre cujo estatuto — a norma gravada na placa da entrada — proibia terminantemente a caça e a pesca, pois até lá ainda restavam uns dois quilômetros e meio só de ida. Gaspar e Ique também reavaliavam a empreitada, deduzi por seu silêncio persistente, sem contar que a tarde já agonizava. As sombras das árvores deitadas sobre o leito da estrada, o ar seco, o zumbido de uma cigarra, a cor alaranjada a tingir a copa das corticeiras e os ramos de capim cobertos de pó, tudo colaborava para um efeito de magia. E provocando uma sensação de solidão próxima ao abandono, desafiava nossas já minguadas reservas de coragem.

Nesse ponto ouvimos os cascos de um cavalo, deixava a ponte do Cambaí e vinha a trote ligeiro em nossa direção. O mau pressentimento foi de to-

dos; sem combinação, passamos a pedalar mais rápido. Seria o Ibraim? Teria alugado a montaria de algum peão que cruzava a cidade? Estranhamente, eu sentia uma crescente falta de apoio sob os pés. A segurança ficava na cidade atrás de nós, e o desconhecido à frente, no deserto dos campos além das matas, no pegajoso pó da estrada pedregosa. No entanto, era para lá que pedalávamos com mais e mais força. Apagávamos o medo de voltar do Caça e Pesca no escuro, com todas as sugestões horripilantes de uma mata entregue à vida das sombras e aos seus roedores. Apagávamos isso com um medo maior: o cavaleiro desconhecido nos empurrava para frente como se num galope cego.

Galope, sim, porque mal pedalávamos mais forte, o homem, feito um predador ao perceber a debilidade de sua presa em fuga, acelerou o trote. Quando atingimos a encruzilhada para o clube, já a ponto de deixarmos a estrada que seguia para a zona rural até São Borja, ele nos ultrapassou. Mas ao invés de tomar um dos destinos, sufrenou o animal e voltou-se para nós.

Ele chegou pela frente, enquanto a poeira levantada pelos cascos do animal nos envolveu pelas costas.

Num tom insinuante, disse:

— Pra onde vão os meninos?

Paramos, e Ique disse com voz pequena que íamos até o Caça e Pesca; o cavaleiro perguntou se morávamos lá; quando soube que estávamos a passeio, voltou ao tom irônico:

— Uns meninos da cidade, sair pra fora numa hora dessas, querem o quê?

Antes que respondêssemos, emendou: — Vão

fazer meia no matinho, é?

Ficamos os três em silêncio. O cavaleiro fixou o olhar em mim:

— O que é isso aí no teu bolso, guri? Tira pra eu ver?

Era o último mandolante. Assim que o retirei do bolso, ele veio até mim, oitavou-se na sela e, agarrado ao santo-antônio, estendeu a mão. Entreguei o torrão sem dizer nada. Ele jogou o chapéu para trás, fez o relho correr pelo braço nu e suado, abriu a embalagem e deu uma dentada.

Mastigou uma, duas, três vezes.

— Mui bueno! É argentino, hein, e dos bons. — Deu outra dentada, e com a boca cheia, dizia numa voz grossa e abafada: — Não sabem que essa zona é perigosa de noite? Andam por aí bandidos, se escondem da polícia, só coisa ruim. — Engoliu o último resto de nossos despojos *ramishebas*, empunhou o relho e o ergueu acima de sua cabeça: — Meia-volta, volver! Se toquem pra casa ou arranco o couro de vocês!

Conforme disse isso, puxou a rédea do cavalo, que se jogou sobre as patas de trás e empinou as dianteiras acima das Monaretas. Fizemos a meia-volta e pedalamos o quanto podíamos. Com a atenção dominada pelo episódio, não percebi a chegada da noite. A sombra das cabriúvas, angicos e guajuviras já estavam indiscerníveis; o mundo fundia-se ao escuro repentino da estrada. Não teríamos ido e voltado ao Caça e Pesca sem que a noite nos atingisse pelo meio.

Aos gritos, Êra vaca! Eia!, estralou o relho no lombo do animal.

— Êra vaca mansa! — E disparou atrás de nós,

emparelhou, gritou tudo de novo e soltou um riso de matraca. Misturados aos estalidos secos dos cascos no pedregal, dos dentes do cavalo no bocal do freio, seus gritos davam à noitinha um aspecto sinistro.

E nós a pedalar, pedalar — e nada de a ponte do Cambaí chegar.

Em seguida o cavaleiro desistiu da caçada, ficou para trás, rindo. Quando atingimos a cabeceira da ponte, ele gritou:

— Não me apareçam mais aqui, o campo não é lugar de veadinhos. Se cruzarem por mim de novo, salgo o lombo de vocês!

Só afrouxamos o garrão no meio da ponte.

Fizemos o resto da travessia em silêncio, mas quando atingimos a antiga casa de força recuperamos o bom humor; o cavaleiro desconhecido tinha ficado para trás, ríamos. Só então percebi o quanto suave. A aragem fresca do rio nos envolvia com véu de virgem, era a notícia da noite, grande e profunda. Cruzamos de volta os Fuzileiros Navais, onde às vezes explorávamos o gramado dos fundos com vista para o Uruguai, cruzamos o Valmor, que já devia estar de chacinha com outros radioamadores, e a casa de tijolo à vista do Nito, erguida na primeira metade do século passado. Isso nos devolvia uma sensação agradável de familiaridade, como se fôssemos antigos moradores que, longe por trabalho, saúde ou turismo, retornavam à cidade depois de longa ausência. Num ritmo de passeio, sem levantar a poeira das rodas — que tanto nos agradava —, com as pernas pesadas e de alma leve, cruzamos de volta a Ponte Seca. Gaspar assobiava uma marcha de Carnaval, Ique ia com o seu Hollywood

de banda, eu pensava na Claudinha.

Na primeira esquina dobramos à esquerda em direção ao cerro, com o cuidado de evitar as proximidades da casa do Ibraim. Ique morava ali perto, foi o primeiro a saltar da barca, eu acompanharia Gaspar até a esquina dos Monteiro. Lá ele tomaria o rumo do colégio São Patrício e eu desceria em direção à Mafiz, na esperança de que o milagre de encontrar Claudinha, a terceira vez só naquele dia, voltasse a se repetir. Ela já devia estar de volta. Com sorte, talvez a encontrasse em casa.

Ao ir e vir do cerro, cruzávamos pela velha casa da família, como agora.

Despedi-me de Gaspar e desci a lomba da casa dos espíritos, o antigo Centro já tomado de sombras por dentro e por fora. Por tudo que já vivera até ali, não conseguia acreditar na aparição dos espíritos nem aceitar a fé, não via necessidade disso num mundo criado, desenvolvido e ainda sob o domínio de uma potência máxima tal qual Deus. Cada pensamento desses me tirava um tantinho de esperança. Colocar notas de dinheiro no nicho da santinha, mesmo as novas em folha, era para mim inconcebível; só alguém pobre de espírito para acreditar que isso tivesse algum valor na grandeza das coisas. Se Deus era de fato o que diziam dele, sua generosidade não precisaria do teatro da maldade para nos convencer de sua natureza divina. Se o Universo era o que concebíamos, Nito certo ou errado, ou certo os que defendiam o Big Bang — sem eliminar a possibilidade do criacionismo —, não nos restava nada além de nossa vidinha miúda. Em tal cenário a fé seria artigo de luxo. Então, por que eventos

miraculosos como a morte? Que sentido sagrado isso trazia ao mundo, que não pudesse vir de uma forma bondosa e sem traumas?

Já na calçada da rodoviária, num trecho da rua mais iluminado, embaralhava pensamentos desse naipe, como sempre me ocorria ao cruzar a antiga sede dos espíritas, quando notei na esquina da Mafiz, no fim da lomba, um burburinho de gente. Só diante do Correio, numa das esquinas da Praça Matriz, e assim mesmo aos domingos, a cidade fervilhava de vida como agora. Já descera metade da quadra quando percebi a caçamba na outra calçada, contra o muro da padaria do Sanches, onde buscávamos a melhor bolacha folheada de São Donato. Mais alguns metros e vi os brigadianos, uma quantidade só vista em dia de comício oficial e na Semana da Pátria. Atravessei a 15 de Novembro e me aproximei dos curiosos diante da Mafiz. Logo ouvi, de uma mulher com uma cuia de chimarrão, que a caçamba da prefeitura, dirigida por um Tal que costumava encher a cara em serviço, descera a lomba sem freios e cruzara zunindo a preferencial. O motorista abandonou a caçamba e disparou em direção à ferroviária.

Ao alcançar o compacto bolo de gente, o coração, que tanto bombeava emoções naquele dia, apertou com uma força nova, tão forte que senti a garganta latejar, e logo comprimir-se. Arrastado pela curiosidade, a boca ressecada, inquieto pelo pior dos pressentimentos, forcei a passagem. Pensei se de algum modo o tumulto não seria obra também do cavaleiro desconhecido. Mal se abriu um pequeno espaço, contudo, vi no chão a alça da guia, a luz de mercúrio da esqui-

na refletida no verniz do couro, no brilho das pedras de fantasia. Imaginei Ringo esmagado junto à sarjeta e sua dona chorando do seu lado, copiosamente. Mas ao abrir mais espaço, ao avançar na direção da correia da guia, avistei o cãozinho ainda com sua gargantilha de brilhantes falsos. Sentado sobre as patas traseiras, Ringo parecia rezar diante de um par de sandálias azuis, ainda calçadas; os bicos apontados para o céu pareciam duas freirinhas do Santa Tereza de Jesus; também rezavam. Os calcanhares, imóveis, apoiavam-se no chão. Meus olhos correram pelas canelas e seguiram pelo lençol branco até onde devia estar a cabeça encoberta. Ali, no que seria a testa, a mancha de sangue; por ironia, por fantasia ou por mais algum acaso sinistro, a mancha sugeria o desenho de um coração já seco, um coração tatuado por um sangue sem regras, que já não corria mais, o coração que não tinha mais como se expandir pelo algodão do lençol, e o que havia de amor — todo o amor dessa vida —, jazia preso na trama de seus fios.

A mãe dela era consolada por estranhos.

Na sarjeta, além do chapéu, havia o nicho quebrado, e a santa em azul e ouro, que ela fora buscar em nossa casa, deitada, sozinha, imóvel — olhava para o céu à espera do milagre.

**CAVEIRINHA
FC**

O Maverique ganhou o apelido quando foi treinar no cupê amarelo de listras pretas, bancos de oncinha e pneus tala-larga, um insaciável beberão de oito cilindros. O Guepardo, como ele chamava o bicho, foi a nova sensação dos quilômetros de arrancada no asfalto novo, fora da cidade. O pai dele, forte pecuarista de São Donato, comprara-o em Porto Alegre. O Maverique mandou instalar um som pesado, com tuíteres nas portas e atrás do banco traseiro, o toca-fitas no porta-luvas. Quando se reuniam na esquina do Correio, domingo de tarde, o Maverique abria a porta e rodava a versão brasileira dos Beatles, aquela que começava assim: *Era um garoto, que como eu...* No dia em que apareceu para treinar na quadra das freiras, diante do Santa Tereza, foi um choque. Até o professor Torino, que não era chegado a carros & motos, veio da quadra para dar uma espiada. Ele e os jogadores ficaram um tempão em torno do Guepardo, ainda com cheiro de loja. Não tinha um arranhãozinho sequer.

O Mave andava sempre na frente: o primeiro a ganhar bicicleta na turma, o primeiro a desfilar de Honda 125cc na frente do Clube do Comércio, o primeiro a usar sapato plataforma, camisa volta ao mundo e cabelos nos ombros. Afivelava as calças com cinto de couro trançado e pendurava os óculos escuros no peito. Já era o rompedor das quadras e campinhos, ao nascer registraram em sua certidão: *centroavante nato*, do tipo aipim trombador: ao avançar com a bola, jogava os zagueiros para os lados como pinos de boliche. Mas o que fazia dele um demônio era o sucesso com as meninas. Se de moto já era um caçador de primeira, imaginem com aquela máquina. Ele escolhia, os ou-

tros que se virassem com as sobras. Nunca estava sozinho nas voltas pela cidade, e fazia questão de levar todo mundo em casa depois dos treinos.

O professor Torino também contou que ele, um mês depois de ganhar o carro, quando todo mundo já tinha dado a sua voltinha de apresentação no Guepardo, se ofereceu para levar um peão da estância até Santa Maria. Numa tarde de sábado, imaginem só. O homem enfartara e precisava urgente de socorro qualificado; o Mave largou o pôquer e saiu chispan-do no Guepardo. O professor contava isso com orgulho, porque mais que técnico do time, se considerava um educador. Ainda éramos verdes, tirando o Mave ninguém ali completara dezoito anos, e alguns ainda moravam com a tia ou a avó, precisavam de orientação, de uma figura masculina por perto, essas coisas. Nas preleções antes dos treinos e jogos, Torino puxava pelo moral do time com uma história de vida guerreira, de acordo com o temperamento e a trajetória familiar de cada um.

O Torino, que dava aulas de Português no São Patrício e datilografia no Centro Operário, tinha uma particularidade infeliz: três dedos em cada mão. E não eram dedos normais de um homem alto e gordo como ele, imaginem cenouras médias quando ficam mur-chas. Cada dedo tinha na verdade o tamanho de dois; o minguinho e o anular, por exemplo, formavam um só no lugar do primeiro. O dedo médio e o fura-bo-lo, dá para adivinhar, formavam o legume central, e o dedão... Bem, o dedão era mesmo um dedão, nenhum outro dedão que eu tenha visto na vida era mais me-recedor desse nome, tão grosso que podia passar por

um pepino médio. O Águia, como era chamado às escondidas pelos jogadores, quando reunia o time no treino-apronto antes dos jogos, ou quando um novo boleiro se integrava ao grupo, falava sem nenhum sinal de autoironia:

— Pra jogar no Caveirinha tem que ter garra! —
Sem isso não se vence, nem ali nem lá fora.

Não se sabe quando o professor chegou a São Donato, mas de uma coisa ninguém jamais duvidou: ele amava o que fazia. Não se cansava de dar explicações em aula; com paciência, refazia os exercícios com novos exemplos para clarear os temas. Se alguém o abordava na rua para tirar uma dúvida, ele esquecia o almoço ou o jantar e se envolvia inteiramente com o problema do outro — as garras no ar feito esporões gigantes. Emprestava livros de literatura brasileira, em especial os contos de Machado de Assis, o preferido. Eram livros de sua biblioteca pessoal, uma estante forrada de brochuras e capas duras do seu quarto no Hotel Central, onde morava desde sua chegada de Curitiba.

Para as aulas de datilografia, atravessava a Sete de Setembro e já estava no Centro Operário, local também de suas refeições quando não as fazia no hotel. Veloz ao catar milho na máquina, afundava os superdedos no teclado; com fome agressiva, devorava as teclas cobertas de fita colante negra. Escolhera esse ofício para desafiar a natureza, dizia, para vencer o destino que tentara lhe impingir uma limitação incontornável para os trabalhos manuais. A natureza severa, no entanto, saía sempre derrotada, bastava ver o entusiasmo com que Torino distribuía os jogadores em quadra, o modo apaixonado como atacava as teclas e

a sua desenvoltura ao agarrar o giz no quadro-negro.

Um de seus bordões preferidos em sala de aula era:

— O espírito dá sempre um jeito de superar os limites do corpo.

O Capita, goleiro e capitão do time, costumava dizer que o Caveirinha ganhava todas porque o time adversário, ao ver o professor agitar as garras na margem da quadra, se traumatizava o tempo suficiente para eles abrirem uma boa vantagem. Era exagero porque o time do Caveirinha, além de bem treinado, tinha craques como o zagueiro central, o Berilo, que era mesmo uma rocha, espantava até mau-olhado. Os alas, Paquito e Bugio, além de rápidos e com fôlego de hipopótamo, tinham um chute que era um canhão.

O time já era bicampeão dos Jogos da Primavera, a fama corria por toda fronteira oeste, quando veio o convite da prefeitura de Uruguaiana para os jogos de aniversário da cidade. Na final, o Caveirinha goleou de 5x1 um combinado de Passo de los Libres, com quatro gols do Mave. No churrasco de comemoração, ainda naquela cidade, o professor permitiu que o time bebesse uma cervejinha. O Capita era também testemunha das raras escapadas do Águia de Ouro, como também era chamado o professor Torino, até às putas da Gringa. Vê-lo pelas ruas de São Donato altas horas da noite era ver o voo de uma ave noturna. Nunca se soube que tivera mulher, não tinha casado nem namorado até o dia de ir embora da cidade. Que mulher gostaria de receber na própria carne umas garras enormes, de unhas grossas e amarelas de nicotina, perguntava o Capita. Essa imagem contrastava com a expansivida-

de de sua alma diária.

Nos finais de semana, a certa hora da madrugada, já sem bailes nem bares, a rapaziada buscava escape para a juventude turbinada de cachaça, hormônios e algum fuminho — lança-perfume só no carnaval. Num embalo desses durante as férias de verão, o Caveirinha se reuniu para o quilômetro de arrancada, na tira de asfalto da estrada em pavimentação. O trecho, que ia até quase a ponte nova — depois da saída pelo aeroporto —, recebia Opalas, Cincas, Landaus e os Dodginhos 1800 para o quilômetro de pura adrenalina.

Dessa vez, o time levava um troféu diferente das taças erguidas nos últimos anos. Talvez porque já andasse cansado de suas noites solitárias, ou porque depois de tantos anos com limitações, táticas, regras e autocontrole, talvez por isso Torino se julgasse merecedor de uma trégua. O Félix, com quem ouvi partes da história na sua banca de revistas, e alguns cocheiros dos carros de praça, achava que o professor fora junto porque o Mave e o Capita, mais de uma vez nos últimos meses, tinham cruzado com ele no cabaré da Gringa. Os argumentos para embarcá-lo no Guepar-do deviam ter seguido essa linha, pois naquelas férias, alguns quilômetros fora da cidade, um pouco além de onde faziam as arrancadas, tinham aberto um novo bordel. Era uma casa simples de material, teto baixo, com puxados de madeira nos lados e nos fundos. Situada antes da ponte nova, oferecia uma fartura de ritmos, drinques com cereja ou azeitonas e gringuinhas vindas da Serra. A Gringa, com o crescimento de São Donato, tinha sido incorporada à vida da cidade, para os casados isso a tornava inconveniente. Por tra-

zer carne nova ao pedaço, como dizia o Mave, e com a chegada dos filhos que estudavam em Porto Alegre e Santa Maria, o Oásis fervia de rumbas e boleros. Os taxistas de carro a motor na praça andavam faturando alto com as novas orgias de Vênus.

— Adeus, aeroporto — gritou Mave ao passarem por ali.

O campo de aviação, desativado havia alguns anos, era local de encontros de casais sem teto. Ali aterrissavam aviões de passageiros da Varig, a linha incluía aquelas duas cidades. Em voos regulares, traziam membros das famílias ricas, funcionários públicos de São Donato, prefeitos, secretários e até ministros de Estado. A cada quatro anos, o governador e seus adversários nas urnas também faziam escala em São Donato, quando sua pista ainda não estava tomada de macegas e guanxumas, e sua sede, bem arejada e iluminada, com arcos modernistas brasilienses, ainda não tinha sido abandonada às sombras sensuais.

Ao cruzarem o aeroporto, o Torino iniciou uma de suas histórias, *A caveira falante*. O Félix garantia que era a sua preferida, bastava olhar o símbolo negro, enorme, da caveira na camiseta branca do time para se convencer disso. Diz a lenda que certa vez um lenhador, ao encontrar uma caveira falante na selva, lhe perguntou quem a tinha levado até ali, e ouviu como resposta: Minha boca grande me trouxe até aqui! O lenhador contou ao rei, e esse, desconfiado, mandou-o de volta ao local acompanhado de um soldado, com a ordem de lhe cortar o pescoço caso estivesse mentindo.

— Se fosse tu, Capita — disse Maverique virando o rosto para trás — já não tinha mais porongo.

— Nunca teve — disse Bugio.

— Mula... sem cabeça! — disse Berilo.

Ao chegar onde deixara a caveira, o lenhador mandou-a falar. Mas dessa vez ela não tossiu nem cuspiu, sequer mexeu a mandíbula, já que língua nem pensar. O lenhador ouviu foi o chiado da espada sendo retirada da bainha.

“— Quem te trouxe até aqui, caveira? Fala! Fala infeliz!”

— Fala, anta! — disse o Bugio, com uma cotovelada no Capita.

E a caveira *nem te ligo*, continuava o professor no banco do morto. O soldado, *Vum!*, cortou fora a cabeça do lenhador. Quando o soldado já ia longe, a caminho do palácio para dizer ao rei que se tratava de mais um mentiroso, a caveira afinal abriu o bico: — Diz aí, colega, quem te trouxe até aqui?

— O Maverique! — disse Paquito.

E a nova cabeça decepada respondeu: — Minha boca grande.

— Viu? — disse Capita. — Melhor calar a boca do que dizer besteira.

— Censura pra cima de mim, é? — disse Bugio. — Prefiro morder a língua.

— A minha tá seca — disse Berilo — Prefiro molhar o bico.

— É? — disse Mave com forte tom de ironia. — Abre o bico pra ver só o que te acontece.

— Alguém tá devendo uma nessa história, né Capita?

— Olha a censura!

— Olha a dívida!

Ao chegarem, as margens do asfalto estavam tomadas de carros junto às extremidades da pista. Alguns, com as luzes acesas, iluminavam o trecho das arrancadas. Com pouca variação, eram os mesmos participantes de sempre, dois já alinhados na largada. Outros faziam apostas, com discussões sobre as possibilidades de cada um, segundo o apetite e o talento do piloto, a aerodinâmica dos carros e as cilindradas dos motores. Os carros fora de competição, de portas abertas e luzes apagadas, emitiam notas de um samba, de um sucesso dos Beatles ou de uma faixa romântica de Roberto Carlos. Neste, um casalzinho fortemente abraçado aproveitava o ronco das máquinas para trocar beijos, carícias e outros detalhes. Às vezes, uma garrafa de uísque deixava um Galaxie e tomava carona num Fusca. O prêmio da noite seria um litro de Drury's.

— Chegou o papa-tudo — disse um dos concorrentes quando o time estacionou na linha de chegada, onde se concentrava a maioria do pessoal.

O Guepardo era o Caveirinha do quilômetro de arrancada. Os motoristas dos Dodginhos desistiram de concorrer, os demais aceitaram o desafio talvez por orgulho ou na esperança de que o Guepardo rebentasse o motor ou travasse o câmbio, porque, depois dos primeiros roncões dos oito cilindros, seria louco sem remédio quem duvidasse da vitória final do Maverique.

A última bateria foi entre o Maverick e um Opala cupê vermelho, 4100, do filho de um arroteiro de São Donato. Os carros nas margens da estrada, sem exceção, acenderam faróis e faroletes, subiram o som dos autofalantes.

— Agora o bicho pega — gritou um.
E a vaca mija gasolina — gritou outro.
— Alguém soltou o grito de guerra da região:
— Pi-pi-piiiii-ihu-hu-hú!!

O Caveirinha, sem o seu centroavante, agrupou-se na linha de chegada; o professor Torino exibiu uma leveza nova para a noite avançada. Alguém disparou um 32 e os carros largaram. O Mave, provavelmente pela confiança adquirida com as últimas vitórias, desenvolvera uma estratégia no mínimo irônica — alguns diziam que era um jeito francamente debochado — de competir: dava luz ao adversário, alguns segundos de imobilidade que provocavam no pessoal a sensação de que não arrancaria, e, ao outro piloto, a esperança de que ele ficava definitivamente para trás. Quando tudo parecia perdido, só então o Guepar-do saltava, embalava, embalava... E em segundos já alcançava a sua próxima vítima. Mas dessa vez a força do concorrente era maior, o Maverique teve de usar toda sua perícia nos pedais e trocas de marchas, exigir ao máximo cada um de seus cilindros para, nos últimos cem metros, afinal emparelhar com o Opala e... Venceu por apenas um capô de vantagem.

O Capita, o Berilo e o Paquito vibraram como se tivessem feito um gol. O professor Torino, em nome do seu centroavante, recebeu o litro de uísque para ele mesmo passar às mãos do Maverique, como se fosse a taça do último título.

A caminho do Oásis, o Drury's já aberto, Berilo brincou:

— Além de engenheiro mecânico, tu tem que fazer um curso de piloto no Tarumã, não dá pra jogar

fora esse talento.

O zagueiro aludia ao vestibular do Mave no início do próximo ano, já haviam combinado alugar apartamento em Porto Alegre e dividir as despesas. Berilo também faria o vestibular na mesma ocasião, para Medicina, embora os outros brincassem dizendo que ele, com um nome tão mineral, deveria era fazer exames para Geologia.

— Não vou pra terra dos pés juntos — ele se defendia rindo —, vou é *impedir* que embarquem pra lá.

— Se acha — dizia o Mave. — Vai matar aos pouquinhos.

— É um retardado.

— Retardatário mental, isso sim — voltou o Mave.

— Então passa a garrafa — disse Berilo.

O Paquito arranhava as cordas vocais e as do violão, tinha vencido com uma balada romântica o Festival Donatense da Canção, que ele chamou de Fedoca na hora de receber o prêmio do prefeito, apelido popular que trouxe prejuízo à imagem do festival. Bugio vinha se preparando para assumir o mercadinho do pai na esquina do São Patrício; o Mave e o Berilo, quando batia para o recreio, iam direto até lá tomar uma Coca-Cola, comer um sanduíche de queijo com salame e jogar uma partida de caçapa. Na saída, faziam uma fezinha no jogo do bicho. Encontravam o Bugio de avental azul, o nome do lugar bordado no peito, Mercearia Vargas, sobrenome da mãe adotado pelo pai para faturar em cima do prestígio que esse nome ainda gozava em São Donato. Ele concluía o antigo Segundo Grau, faria o profissionalizante de Con-

tabilidade para não errar mais nas contas, a piada preferida do Mave ao receber o troco no caixa.

Logo depois de um trago, o Capita sugeriu:

— Antes do Oásis, vamos até a ponte nova. Alguém conhece?

— Não, caveira falante — disse o Paquito. — Tu tá nos devendo *uma*, hein!

— Palavra é dívida.

— Ou vira peixe no mercado.

O único que a conhecia era o professor Torino, a ponte sobre o Arroio-mirim apoiada nas sapatas de concreto. A estrada de asfalto chegava apenas a uns cinquenta metros dela, depois começava o areão onde seria construída a rampa de acesso. Essa *uma* de que falava o Paquito, pelo que pescara o professor ao longo da noite, era um bagulho, uma marijuana que o Capita talvez tivesse prometido matar com eles. Em todos os anos de Caveirinha, nunca um de seus jogadores experimentou a erva, sequer fumavam cigarros, só recentemente experimentavam coisas mais fortes. Ele, o professor Torino, jamais admitiria puxarem fuminho no grupo. A concessão feita nessa vez para o uísque foi porque não resistiu aos apelos do Mave, o vencedor da noite. Combinaram que mamariam apenas metade da garrafa. Aliás, tinha inclusive tomado a decisão de falar com o Capita e o Paquito sobre o tal fuminho, porque o Paquito, desde que tinham começado as serenatas, depois das noitadas do Fedoca, também passara a ingerir algo mais do que apenas cerveja. O professor falaria com eles já na resenha do treino seguinte.

Quando surgiram as luzes do Oásis, o professor Torino disse que não queria perder tempo com a pon-

te nova e sim cuidar de sua ponte elevadiça! A piada fez o Guepardo estourar de rir. Só mais tarde o professor pensou se a visita à ponte não seria, na verdade, apenas um pretexto para queimarem o fuminho deles em paz. Naquele momento, viu-se dominado por um pensamento mesquinho. Era constrangedor, mas se queria a verdade completa, devia falar até mesmo o que lhe envergonhasse. O Águia de Ouro temia arribar no Oásis com aquela juventude cheia de energia e segurança; eram bonitos e atraentes, por que não admitir? O que uma figura como ele, o professor, podia recolher depois dos despojos? Ele ficaria com a sobra, se é que alguma garota, ao vê-lo na companhia de deuses gregos, como gostam de dizer algumas mulheres, queria algo com ele se não fosse de mau humor e com bastante vaselina.

Ao chegarem no Oásis, o professor Torino pulou fora do Guepardo. Levou junto a garrafa pela metade, sob fortes protestos.

— Foi o nosso acordo — disse ele.

— Profe, se perguntarem quem lhe trouxe até aqui — dizia o Capita, que assumia o lugar do morto — diga que foram os Caveirinhas.

— Diz aí pra elas que já voltamos.

— De espada na mão!

O Mave fez a manobra no pequeno trecho de areia. Quando o carro imbicou para voltar à rodovia eles já tinham aberto os vidros, porque assim que o motor roncou, a música chegou alta e límpida, trazida pela brisa que soprava da várzea: *Era um garoto, que como eu...*

Com os quilômetros de arrancada, Maverique

desenvolvera um hábito novo: fazer os pneus cantarem em sequência. Da primeira para a segunda marcha, foi um canto forte, *amava os Beatles e os Rolling Stones*, da segunda para a terceira, o tom caiu uma oitava, *girava o mundo, sempre a cantar*, e, da terceira para a quarta marcha, soltou apenas um miadinho, mas que era a glória dele, o Mave, porque nem o 4100 fazia os pneus cantarem nessa passagem.

Enquanto eles seguiam para a ponte nova, o professor, apesar de aliviado por chegar sozinho às novas putas de São Donato, recebeu no peito a unha da melancolia. Que teve bastante tempo para cravar fundo em seu espírito no longo trecho de pedriscos até a porta de entrada do Oásis. Aquela juventude ainda tinha a vida pela frente, uma exuberância que ele gozara só em parte, e ainda assim às escondidas. Era duro, mas tinha de confessar, sentira também o puaço da inveja. Porque a outra metade da vida, a que ele não conhecera, a metade que corria a toda pela estrada rasgando a noite, estivera, estava e estaria sempre proibida para o seu desfrute. Era a metade repleta de vida, a esperança negada a ele pela sorte. Em seguida pensou que ali dentro, antes da rapaziada voltar de seu voo alucinado, ali no Oásis, que era uma bênção para homens como ele, a vida, na forma de uma bela e jovem puta, com hálito ainda fresco de acácia negra da Serra, o esperava para lhe oferecer bons momentos de consolo em troca da grana. Porque ao menos uma coisa a experiência lhe dera de bom, ficar mais de hora em baixo de uma delas sem se afrouxar, que era afinal o que restava a um homem no rumo da velhice como ele, gozando com os olhos o êxtase da sua puta uma

noite por mês, ela se derretendo em suores e humores na cavalgada tirana de seus orgasmos múltiplos... porque ali as putas ainda gozavam.

Depois de desviar de uma possa d'água no passeio — provavelmente um vazamento — se voltou para as luzes de neon do Oásis: um coqueiro verde com um barco a vela em vermelho. Ia com o espírito mais leve, de um modo como talvez nunca mais o tivesse de novo. A alma do Guepardo já era apenas o ronco distante de um motor puxando água para uma lavoura de arroz dentro da noite veloz. Agora ele sabia: a vida não tinha o valor de sua aparência. Era muito mais valiosa e surpreendente, de um modo como só poderia imaginar. Mas isso já pouco importava, porque o que ele conseguia extrair dela, quando o fazia com as garras firmes em suas ancas, batendo nas letras cegas do teclado ou imóvel debaixo de sua puta da hora e meia, apenas fruindo o seu prazer e sua beleza, isso era mais que suficiente para fazer dele um homem feliz. Porque, no fim das contas, era um homem feliz. Sim, era feliz. Afinal, em tudo o que fazia punha a alma, deixava o sangue na quadra de jogo, no quadro-negro, na cama. O problema era que até essa felicidade era pouco para o muito de vida que explodia dentro dele. Seria sempre assim.

Até o primeiro estrondo, que abriu um rombo inconciliável na noite — e ele teve o pior dos pressentimentos. Instintivamente, até onde sentia estar no controle de si mesmo, porque alguma coisa de merda tinha estourado também dentro do peito, olhou para o ponto negro no horizonte, onde devia estar a ponte nova, o destino dos rapazes. Então ouviu a segun-

da explosão, e logo em seguida abriu-se uma clareira de fogo no seio da noite. Suas pernas paralisaram, seus músculos e nervos se contraíram com as garras. Ele não acreditava no inferno vermelho bruxuleando no escuro, em luta contra as sombras invictas. O Caveirinha, seu projeto mais bem acabado de civilidade, sofria sua derrota definitiva.

Os corpos de Paquito, Bugio e Berilo ainda jaziam no espaço do banco traseiro, inteiramente carbonizados. O Mave e o Capita bateram no vidro e foram projetados para frente, mas não puderam ir muito longe, porque apesar de terem quebrado o para-brisa, logo deram de cara com a sapata de concreto. O Guepardo se encolhera todo: o motor entrou até a caixa de mudança, espalhou engrenagens, retorceu ferros e espatifou as fibras do painel. Apesar do choque, foi possível identificar os dois com facilidade, o fogo os engolira somente até a cintura.

Ainda meses depois, não se sabia se por decisão judicial ou se devido aos pedidos de perícia, ou se era porque a construtora da estrada não sabia o que fazer com aquilo, o certo é que ainda meses depois do acidente, vamos chamar assim, a carcaça do possante Maverick de oito cilindros, que tocara naquela noite uma última vez o sucesso dos Beatles em versão nacional, ainda estava ali — sempre a mesma nota — contorcida em sua agonia, num bizarro monumento à imprudência e à negligência. Quem passasse pelo local, agora fartamente sinalizado, podia ver na parede da sapata as marcas do impacto. Uns disseram que durante muitos dias, no trecho final do asfalto, ain-

da era possível ver as marcas da travada. O professor Torino disse que tinha chamado sua atenção, quando passara por ali dias antes do acidente, quando fora a Uruguaiana consultar um médico da coluna, pois nessa viagem chamara sua atenção o fato de não haver qualquer placa de sinalização para alertar e isolar o local em obras. A única sinalização, como era costume em São Donato e talvez no país todo, era a seta do desvio, uma seta improvisada de madeira, pintada de um vermelho já quase todo consumido pela intempérie, localizada na entrada do próprio desvio, de sorte que se alguém não soubesse que ali começava a curva para a balsa, só saberia que a deixava para trás quando já fosse tarde demais. Durante o dia, a luz do sol ajudava a pôr as coisas no lugar.

A vida também valia, sobretudo, por seus sinais.

A última vez que Félix falou com ele, antes de sua transferência para Uruguaiana, ouviu do professor Torino sua derradeira frase sobre o tema em São Donato, pois nunca se soube que algum dia ele tenha voltado à cidade.

— O Caveirinha tinha muito futuro.

**PELE
NEGRA**

Fazia o calorzinho de abril. No Dia das Américas, o Santa Tereza apresentava as nações dos três continentes para um auditório lotado de alunos, freiras, pais e professoras. Estas, conduzindo seus alunos ao longo dos corredores e através do pátio do colégio, vinham de todos os cantos feito pastoras com rebanhos indóceis. As turmas chegavam juntas, no mesmo quarto de hora, formando-se um pequeno tumulto na entrada do auditório. O salão tremia com a vibração dos alunos primários. Alguns, soltando-se da turma logo na chegada, disparavam pelos corredores e se perdiam entre as filas de cadeiras. Gritavam o nome um do outro, acompanhado de refrãos ou de um apelido maroto. Na algazarra, uns poucos saltavam o encosto das cadeiras para buscar a companhia de um coleguinha. As professoras, em voz alta, sofriam para manter a ordem no ambiente. Em meio à ruidosa explosão de vida, os pais permaneciam mudos e tesos em seus lugares. As freiras, conforme deixavam seus deveres, iam chegando e se acomodando nas últimas filas, alegremente.

Nos bastidores os grupos — de três alunos cada — seguravam os seus cartazes com a bandeira nacional de cada país e com as informações sobre a moeda, os produtos agrícolas, a língua, a área e a localização geográfica, esta distinguida por cores vivas em cada continente. Alguns empunhavam instrumentos musicais, como a zamponha e a ocarina, e, tanto quanto possível, vestiam trajes típicos. Riam uns dos outros e de si mesmos, com alegria. As vozes deles em conjunto sugeriam o alarido de um viveiro de caturritas. A professora de Moral e Cívica, encarregada do evento, já fizera uma entrada rápida no palco para conferir o

cenário, agora revisava com os monitores a ordem de entrada dos grupos; ajustou uma última vez o sombrero de um aluno, o pala de outro.

Testava o som — quando uma assistente lhe perguntou:

— Quem fará Honduras?

A professora, talvez por desistência dos alunos ou por esquecimento dela mesma, não tinha ninguém para apresentar esse país. Não havia negros na escola. Isso já saltara aos olhos na comemoração da Independência, ao se representar as etnias de nossa população em 1822. Uma coleguinha, então, sugeriu à professora chamar um dos engraxates da Praça Matriz, a poucas quadras do colégio; outro propôs atacarem um menino na rua, e um terceiro coleguinha se dispôs a ir até o porto buscar o Xexéu. Mas ela recusou as sugestões: que argumentos convenceriam um figurante desses a fazer o papel? Como treiná-lo? Ele teria desenvolvido? Seria bem recebido? E como dispensá-lo depois? A professora acabou improvisando um boneco de estopa carapintado de preto, mais parecido com um espantalho. No dia da apresentação, o boneco provocou mal-estar nas irmãs e o protesto de algumas mães.

Nunca soube os motivos, mas o escolhido para o papel fui eu. Ela me pegou pelos ombros, como quem arranca um inço pela raiz, e me puxou da cadeira onde me acomodara longe da turma, placidamente, para assistir ao espetáculo. Segui-a para fora do salão sem saber o que ela queria de mim, num silêncio temeroso, até a lateral vazia próximo ao refeitório e ao alojamento das freiras. Ali, agitando as mãos e comendo palavras, a professora me convencia da enrascada em

que ela e a organização do evento estavam metidas. O seu tom de voz nervoso e as rápidas tomadas de fôlego não davam espaço para qualquer objeção minha. Parecia questão de Estado, como se tal lapso fosse causar um conflito diplomático entre Tegucigalpa e Brasília.

Eu devia representar o papel, era a coisa mais clara em tudo isso. Salvaria não apenas a organização e a pele dela, mas sobretudo a dignidade do povo hondurenho. Seria uma grande injustiça se esse bonito país da América Central ficasse de fora de nossa apresentação, não era mesmo? Afinal, os alunos tinham pesquisado a história, os pais e os professores sabiam, as irmãs notariam a sua falta e o nome dele sairia pelo alto-falante na nomeação geral dos países e no final do evento, quando os alunos entoassem o hino das Américas. Foi a primeira vez que ouvi a palavra gafe.

A expectativa de desempenhar o papel, que não era para mim nem para minha idade, me causou forte desconforto. Mas também uma estranha sensação de poder. Pois a professora querida das turmas, se detendo em explicações, jogava-se toda em minhas mãos hesitantes. Aí pesariam também o desempenho da organização, a nota das freiras para o espetáculo e o desapontamento dos pais. Apesar do susto, o meu prazer não veio desse poder confiado. Ele veio do meu *sim*, do imenso alívio que essa resposta causou nela. Em seguida, a professora extraiu do bolso o texto que deveria ter sido decorado, mas que, em virtude da excepcionalidade da situação, eu poderia ler para o auditório. Além do texto, devia me apresentar como um nativo. Antes que eu fizesse qualquer pergunta ou expressão de dúvida, me disse que já tratavam disso, fi-

casse tranquilo lendo os dados do papel, que logo ela voltaria com alguns adereços típicos daquele povo.

Fiquei sozinho para decorar o texto, com forte aperto no estômago, procurando visualizar as imagens ali sugeridas, como se atrás de algum escape.

Quase no início das apresentações, a professora voltou com um cacho de bananas completo e um saco de carvões. Seria tudo o que ela sabia de Honduras? Já com dores no estômago, eu examinava os tais adereços; e mal ouvia as instruções de como usá-los; contava as bananas de uma penca. A seguir ela detalhou minha apresentação, o momento, como deveria ingressar no palco, me dirigir à plateia, o cuidado com a impostação da voz, o uso do cacho, os gestos. Que eu ficasse tranquilo, daria tudo certo.

— Tira a camisa — disse ela ao final.

Tirei também os tênis, as meias e subi a bainha das calças até acima das batatas. Tudo sem questionar, tal qual um autômato, o novo espantalho da escola ou cativo, que expressaria melhor minha situação. Logo depois ela me entregou os carvões recomendando para esfarinhá-los na grês e pintar a pele à mostra. Mal ela saiu, levando minha camisa, as meias e a Conga, comecei a raspá-los ao lado do salão já lotado, lentamente, sem saber se devia nem por que cumprir tais orientações. O sol batia de chapa nas costas, esquentava a raiz dos cabelos — e eu nas terras férteis à margem do Chamalecon. Enquanto observava o tom escuro e volúvel das cinzas na pedra, escutava a vozeria dos colegas no salão, semelhante à festiva plateia de um circo que esgotara seus lugares.

Vinham-me imagens de araras vermelhas, de longas extensões de bananais às margens do Ulúa, de cordilheiras de montanhas com vulcões inativos. Juntei numa das mãos o que podia ser os restos mortais de um bebê hondurenho cremado, e me dirigi ao vidro da porta de uma sala vazia e escura, ao norte do salão.

No tênue reflexo, a exemplo de um ator no camarim, pintei o rosto sem deixar visível uma única marca de minha cor de pele. Notei surpreso que as gengivas, a língua e os lábios eram mais vermelhos, polpudos e vívidos. O brilho dos olhos, por deus que era mais intenso; os dentes, puro algodão. A seguir, com o otimismo renascendo, pintei a parte frontal do torso, os braços, as mãos. Fui até uma escada ali perto e, sentado no terceiro degrau, pintei as canelas e o dorso dos pés já assobiando. Quando faltava o pé, raspava mais alguns tocos de carvão na grês e continuava a estranha arte.

Enquanto fazia a mudança de pele, procurava adivinhar como seria a vida de um menino da minha idade, com a nova cor, nas regiões mais profundas daquele país. Como seriam seus brinquedos? Gostava de futebol? De peteca? E de forte-apache? Teria uma paixão na escola, ao iniciar o ano letivo numa nova turma, que nem eu com minhas preferidas de verão? Teria família completa ou seria como certas crianças de São Donato que moravam com a avó, não conheciam o pai e viam a mãe só raramente? Engraxava sapatos como o Catito na Matriz, vendia no porto como o Xexéu com seu tabuleiro, ou peixes como os Andretti no Mercado Público? Ou na sua cidade, como dizia a lenda mencionada no texto da professora, tinha todo

ano uma chuva de peixes para matar a fome?

Nos degraus internos do teatro, eu já era um estranho a mim mesmo. Além do medo de errar o papel, sentia certo aturdimento por vestir a pele do outro — até então perdido nas ruas, no cais do porto, sempre jogado no mundo feito uma planta sem raiz. Como toda criança, também tinha os meus instantes de alheamento. Sentava sozinho para tomar a Grapette num canto do colégio, por exemplo, feliz com o sol na cabeça e o olhar na saia das meninas. Com a sensação de não pertencer ao mundo em volta. Assim, vivia um tempo encantado de beleza e mistério, um tempo raro de promessas, só atingível por instantes de intenso isolamento como esse. Um pouco antes de subir ao palco, no entanto, esse isolamento era estremado como jamais ocorrera até aqui. Se antes embarcava numa espécie de bolha de proteção, que me garantia condições ideais para descobertas novas, agradáveis e intrigantes, agora o peso do cacho de bananas e, sobretudo, as cinzas na pele me causavam a sensação angustiante de não pertencer ao mundo que era e deveria ser sempre o meu, por nascimento e hábito.

Certamente, colaborava para tal não ter integrado nenhum dos grupos de pesquisa para o Dia das Américas. Porém, bem mais do que isso, colaborava a reclusão forçada impingida pela professora, junto a alunos que conhecia quando muito só de vista. Era o banimento de mim mesmo, como se fora extraído da vida, sem escolha, para jogar no mundo conhecido, o mundo também meu, sim, mas agora sem a minha presença. Porque nem mesmo os conhecidos de vista me cumprimentavam para dar apoio, atitude normal

em tais circunstâncias. Não me reconheciam, nem ao menos de passagem. Conversavam como se não estivesse ali, e se eu tentava entrar na rodinha, o cacho já largado aos meus pés, encostavam ombro com ombro e me davam as costas, sem nenhum motivo ou explicação aparentes. Outro, ao cruzar paramentado de ateca ou de inca, esbarrou em mim com tal violência que uma das bananas foi parar em baixo do tablado; sem que se desculpasse ou sequer acusasse o golpe, o Dinamite seguiu reto para onde o nariz apontava. Ao puxar assunto com uma garota um pouco mais velha do que eu, devo ter falado em grego ou chinês, porque ela me devolveu um olhar sério, duro, a testa franzida como se reagisse a um assalto.

— Tô decorando meu papel — disse ela, seca, e foi para outro canto.

Com a nova pele, tinha adquirido uma espécie de invisibilidade. Mas, ao contrário da verificada nas aventuras infantis, essa não me favorecia sob nenhum aspecto. Engolindo em seco, a garganta apertada e sem saber o que fazer com aquele ridículo cacho, deixei de lado o sorriso amarelo, o apoio que usava em situações como essa. Nem era preciso, afinal pouco importava se sorria ou se chorava. Na condição de menino invisível, o que o mundo em minha volta fazia ou deixava de fazer era uma equação em que minha presença, definitivamente, parecia não ser uma das variáveis.

Mas, por defesa ou por desforra, de repente me bateu um orgulho novo, uma vontade incomum de ser visto como ainda não o fora no campinho de futebol atrás da Matriz, na casilha do porto, na praça, no re-

creio do colégio ou até mesmo pela mãe. Ela não me reconheceria em meu estado atual, e muito menos em outra situação. Ou intuiria que eu era, disfarçado sob a pele de um estranho, ainda o seu mesmo filho? Crescia em mim um incipiente sentimento de revolta. Em um arroubo de fantasia, me vi na cobertura de um transatlântico momento antes de entrar em cena, no Mar das Caraíbas. O que faria ali, ainda não sabia. Deixei de lado o sorriso desconfortável e avancei aos poucos ao longo do pano, arrastando o cacho no tablado, enquanto aguardava a minha vez.

Quando os vodus do Haiti deixaram o palco sob aplausos, fui chamado.

Segurei firme o cacho apoiado na omoplata canhota e ingressei ao som de um merengue, as costas pintadas pela professora com o resto do carvão moído. Um estranhamento absoluto me assaltou. Eu já era aquele outro ao alugar a sua pele. E isso me deu um inesperado e traiçoeiro — pois tive vontade de desistir — sentimento de culpa. Embora preenchesse aquela falta, o peso do cacho de bananas no ombro — o texto no bolso — era apenas um peso extra ao peso maior: o de representar a origem do outro que devia estar ali, naquele momento, em meu lugar. Em meio ao turbilhão de sensações, não pensava — não conseguia pensar com clareza — num hondurenho, pensava apenas num menino mais apropriado para fazer o papel de hondurenho. Por que não o tínhamos ali conosco?

No palco, era o menino invisível apresentando-se aos colegas da plateia, o menino encolhido dentro de mim. Mal ouvia os apupos das meninas e de outros meninos como eu, esquecido das recomendações

da professora. Sacrificava-me em nome de uma falha humana. Não procurei a mãe no auditório. Surpreso, olhava os que se espichavam das fileiras laterais sobre as cabeças dos vizinhos, entre eles rostos conhecidos da turma e do recreio. Com seus corpos encobertos pelo pano da boca de cena, somavam seus risos idiotas às gargalhadas e deboches dos demais à minha frente.

Alguém ajustou o microfone à minha altura.

Larguei o cacho aos meus pés, catei o papel no bolso, apoiei outra vez o cacho no ombro e comecei a ler:

— Eu sou Honduras — etc.

Não entendiam nada. A professora, que momentos antes dissera *Tu tá lindo, chuchu!*, agora ria-se toda como os demais, com cara de bolacha folhada. Eu lia aos arrancos, em voz monocórdia, abafada e provavelmente incompreensível; não era à toa que me chamavam de cigano quando falava em público. Os dados não me diziam absolutamente nada, só por acidente pertenciam a Honduras. O cacho, aguilhoando minhas costas, arqueava-me. O seu peso descomunal me causava câibras, o engajo já escorregando da mão, as bananas feito garras de gato na pele nova. Eu, fora do mundo, já não tinha mais nada a ver com tudo aquilo. O que de fato acontecia ali?

Encerrei com a frase do brasão daquele país, num tom de panfleto:

— República de Honduras, livre, soberana e independente.

Não sei se bateram palmas, se vaiaram ou se ficaram indiferentes.

Ainda subi uma última vez no palco, para o Hino das Américas.

No final do espetáculo, ao receber de volta a camisa do colégio, a Conga e os cumprimentos da professora, a mãe me disse, eufórica:

— Vamos pra casa do vô.

Ela queria me levar até lá para surpreendê-lo. Em meio aos cálculos do arroz e da pecuária, ele costumava atender aos meninos da rua com moedas, conselhos, tocos de pão velho, lembrando por certo sua infância pobre no antigo Recreio. Seu escritório ficava logo na entrada da casa, e ele, talvez também por distração, gostava de atender a porta. A mãe me largou na esquina. Eram cinquenta metros até a casa dele, que percorri sem a camisa, de pés no chão. Vestia outra vez a pele nova, de uma estação desconhecida, com o frio na barriga, nas costas — e a mente confusa. Ia com a sensação de que, a cada passo, me afastava mais e mais de mim mesmo. Ia pra valer. Ao encontro do outro. Mas ao me aproximar da porta, já nos últimos passos, via o alvo menor e mais distante. Não o encontraria lá? Era a mim mesmo que temia flagrar em erro.

Ao parar diante da porta envidraçada, tive a certeza de estar cometendo uma falta grave. Não podia ter cedido aos caprichos da mãe. Outra gafe. Mas enfrentá-la de que jeito? Olhei para a esquina, e ela ainda lá. Acenou-me, a porta do carro aberta; com as mãos, me empurrava à distância para eu encontrar o vô — o destino do outro — no portal da casa.

Bati e esperei. Em seguida ele abriu a porta. Estendi a mão:

— O senhor... O senhor tem pão velho? — disse do degrau inferior.

O vô, olhando fixo para mim, me estudava com uma expressão séria, longe do distanciamento habitual, quando ainda assim guardava algumas reservas de ternura. Era insuportável o olhar frio, avaliador, na indecisão entre acolher o pedido ou fechar a porta em meu nariz, como às vezes fazia com outros meninos. Então sorri, não apenas para aliviar a tensão, mas imaginando encerrar o faz de conta, o vô reconhecera, em mim, o neto, e abriria um sorriso.

Ele fez sinal para eu esperar e fechou a porta.

Os segundos aumentavam minha aflição; a porta fechada, a mesma por onde eu cruzava inúmeras vezes ao longo de uma única tarde. Olhei de novo para a esquina. A mãe ainda lá, numa torcida infantil. Impaciente, indagou com as mãos espalmadas o que se passava, por que demorava tanto a cena com o vô? Eu, também com a mão, lhe mandei um sinal breve e seco: que esperasse!

Logo o vô surgiu outra vez; trazia umas fatias de bolacha amarelinhas, torradas, tal como eu gostava no café da manhã e no lanche da tarde, com mel e manteiga da fazenda junto ao granito da copa, com leite e chocolate forte; ali, em sua mão — do estranho incapaz de romper a sisudez. Suas rugas puxavam o bigode para baixo numa carantonha de enfado, asco e alívio. Soltou-as na minha mão, a mão que amparara as cinzas do menino hondurenho meia-hora antes, as cinzas que ainda cobriam minha pele. Cinzas de vulcões inativos.

Ele mal ouviu o tímido agradecimento.

Dando as costas, me deixou plantado diante da

porta, que se fechava mais uma vez. Não tive força de detê-la com o pé, empurrá-la para trás e me mostrar: então o vô não sabia que tinha um neto como eu?

Não bati de novo, temendo o humor do vô logrado. Abatido, me voltei e segui na direção da esquina. A mãe ainda esperava por mim, as mãos agora caídas feito orelhas de um cão bobo, a porta do carro ainda aberta. As fatias tinham uma aspereza agreste, machucavam. Não eram para mim. Larguei-as na sarjeta e segui até a mãe.

Ao me acomodar no lado do carona, imaginava encerradas as provações desse dia, queria urgente ir para casa tomar banho, retomar minha vida num ponto anterior ao instante em que a professora me extraíra do lugar. Mas a mãe tinha outra ideia. Ela precisava do reconhecimento do vô, só a revelação da minha identidade, dizia ao fazer o balão na esquina — a identidade do menino a quem hoje ele dera o pão velho do dia, pensei. Só isso devolveria as coisas aos seus lugares.

Mas ela não esperava a reação do vô:

— Isso é coisa que se faça ao menino?

A censura dele atingia a mim também. Eu me sentia igualmente responsável pela pantomima que anulava os poucos efeitos positivos da representação teatral. A mãe queria apenas causar uma surpresa ao vô, explicava-se em falsetes aflitivos, não imaginava lhe causar algum desgosto. Mas o vô rebateu, tal encenação era falta de respeito, uma indignidade a que o neto não deveria ter sido exposto. Nem entendia o que a professora queria com essa barbaridade. E se os vizinhos me vissem naquele estado?

— Foi apenas uma brincadeira — desculpou-se ela.

O vô me mandou para o banheiro limpar aquela imundície.

Não esperei segunda ordem. Eu não suportava o mal-estar dele, a mãe o revelara de um modo como o próprio vô, certamente, jamais aprovaria. A tênue camada de afetividade, que não nos deixa ser estranhos completos aos próximos de nós, a mãe removera sem ele perceber. E a pele revelada, do homem endurecido pela vida, pelos trabalhos e negócios, foi uma lixa áspera demais, que o neto não esperava e por certo nem merecia, e que o avô, se provocado, seguramente se negaria a mostrar. Era também disso que eu queria logo me afastar, ao deixá-los no corredor — já esquecido da professora de Moral e Cívica —, ao ir até o banheiro lavar ao menos as mãos e o rosto.

Coberto de vergonha.

**BECO DE
SOMBRAS**

A mãe trabalhava na Legião Brasileira de Assistência, no pavilhão de trás do hospital, próximo à ala dos infectados. Lá, dentro do guarda-pó azul-marinho de tergal, com um lenço branco na cabeça, distribuía remédios, agasalhos, arroz e feijão em sacos plásticos e latas de Ninho aos pobres e miseráveis. Os gêneros empilhavam-se pelos cantos da sala, junto às paredes e nas margens da mesa grande, onde ela e a auxiliar atendiam. A luz das manhãs de outono, com dificuldade para se espalhar no ambiente, projetava pela sala sombras e cores esmaecidas, lembrando a barraca de mantimentos num campo de refugiados.

Enquanto isso, no carro diante do hospital, como em outras ocasiões ao acompanhar as voltas da mãe, eu ouvia a rádio de Posadas. O locutor correntino pontuava as orações com estalidos da língua, como se chupasse uma bala de menta. Quando me cansava de sintonizar as estações, ligava o isqueiro do painel: era só empurrar a bucha até ela prender no fundo, e esperar, que em menos de um minuto ela saltava com um estalo. Os adultos a sacavam — a resistência, na ponta interna do pequeno cilindro de metal, era um disco em brasa do tamanho de uma moeda de dez centavos — e acendiam os cigarros. Eu dava ao isqueiro outro uso, que embora incandescente e também com rolos de fumaça, produzia efeitos pirotécnicos *intragáveis*: tisonava o painel acima do porta-luvas; queimava as laterais da porta, cujo plástico, se contorcendo feito uma lesma, retraía-se todo. Isso produzia uns tostados com a circunferência de uma rolha — igual à de quando nos tisonávamos no jogo do dorminhoco. Mas o melhor era afundar a bucha até calcinar a espuma do

estofamento, que se abria num rombo esférico, âmbar e granulado — o valor da moeda era bem maior. Eu me deliciava com o cheiro de queimado dos tecidos. Depois, dormia.

Outras vezes, junto à mãe na sala de distribuição, fazia os temas do colégio na mesa de canto, enquanto na grande ela e a auxiliar recebiam os necessitados. Eram mulheres flageladas pelas enchentes, vítimas de tragédias por fogo, por doenças prolongadas, por invalidez permanente; havia mães solteiras, sem emprego, ou casadas cujo marido, se não desaparecera, vivia no olho da rua ou bebendo em algum boliche. Elas, aglomerando-se no lado de fora da porta, algumas com filhos entre as saias ou no colo, trocavam suas experiências em voz alta, aguda e acelerada. Culpavam o marido, a prefeitura, o governo ou a sorte pelo estado de suas vidas. Ao serem chamadas, entravam na sala abanando a receita feito um lenço de socorro, explicavam-se numa voz chorosa e saíam levando remédios ou donativos, a expressão aliviada.

Numa dessas manhãs dona Rosa, a lavadeira do cerro, foi buscar remédios para a diabetes de sua mãe. No lugar do carona, nas voltas pela cidade, eu já a tinha visto mais de uma vez. Baixa e magra, mas de braços e pernas fortes, vestia sempre o avental de algodão branco, listrado de azul, que descia até abaixo dos joelhos e contrastava com sua cor de pele. Ela, ereta feito um mourão, os braços caídos ao longo do corpo, num passo firme e contínuo, carregava na cabeça a trouxa de roupas, semelhante a um mapa-múndi em terceira dimensão. A trouxa, bem mais larga do que a cintura dela, era a metade do seu ta-

manho. Mais tarde, dona Rosa já lavando para nossa família, eu gritava o seu nome da janela ao cruzarmos por ela; abrindo um sorriso mais alvo do que o lençol da trouxa, dona Rosa dobrava o pulso e, mal descolando a mão do corpo, fazia um rápido aceno sem mudar o ritmo dos passos — o globo em perfeito equilíbrio.

Numa das manhãs livres da mãe — o plantão na LBA era duas vezes por semana —, fomos buscar as roupas na casa de dona Rosa. Era um rancho de madeira acinzentada, com uma peça ampla de tijolo à vista nos fundos, separada uns dois metros da casa principal. Aqui ela lavava e armazenava as roupas; para a secagem, nos dias de sol ou de vento, as estendia nos varais do pátio ao lado da casa. Eucaliptos de troncos grossos, com copas altas e largas, cercavam a outra lateral; uma densa barreira de capim-leão, que subia até a cumeeira do zinco, protegia os fundos. No espaço ao lado da peça de alvenaria, diante do capim, o chão vivia embarrado por uma água azulada e espumante. Na frente, uma cerca de arame fechava a casa até o portão menor; depois do maior, seguia uma pequena cerca de madeiras catadas nos matos em volta, abundantes naquela época.

Era um dia claro e ameno de setembro, as roupas nos varais, cheias e chicoteadas pelo vento, pareciam os zapatistas pendurados pelos pés, com as cabeças encobertas pelas camisas brancas de algodão, tal qual eu assistira num banguê-banguê meses antes. Assim como a porta da rua, o portão grande passava o dia todo aberto. A mãe entrou com o Cinca, estacionou no pátio da frente, na sombra do abacateiro, e buzinou duas vezes. Saímos do carro.

Dona Rosa, secando as mãos no avental, veio dos fundos com um sorriso negro, barrado de branco. Beijou a mãe, deu um afago no meu queixo como era do seu costume, apenas com a pontinha dos dedos, e fez o convite para entrarmos. Na sala havia pouco mais que o sofá amarelo-ouro de dois lugares, com o espaldar manchado de suor e roído nos cantos, a mesa de fórmica redonda e o armário baixo, com a fruteira cheia de ananás, nêspersas e jabuticabas, cuja doce fragrância quebrava o cheiro forte do picumã. Da parede, protegido por um vidro, pendia o Coração de Jesus com sua cornucópia de raios dourados. Outras vezes, dona Rosa nos oferecera bergamotas ou laranjas do próprio pátio, mas dessa vez foi café preto de chaleira, que bebemos em canecas de alumínio. Apesar de magra, suas maçãs do rosto eram cheias e macias, agradáveis de beijar. Ela, com olhos inchados e ombros caídos, parecia triste. A mãe sabia, pois trocaram palavras de pesar e revolta. Com gestos agora mais lentos e pesados do que das últimas vezes, ela puxou uma cadeira da mesa. A mãe e eu sentamos no sofázinho amarelo-ouro.

Logo depois do casamento, dona Rosa foi morar no rancho à beira do Uruguai. Seu marido era um antigo aguador de lavouras de arroz. E como era costume geral, ele, o taipeiro e o homem do motor dormiam na granja, no chão de madeira da volante, em pelegos, antes da chegada das camas de vento. Ele era solitário e por isso bebia, ou bebia porque era solitário, ela nunca soube. Para suportar a solidão dos campos, dizia ele, só com boas talagadas. O seu gênio

não era fácil, depois que escapava da garrafa não tinha quem o encerrasse de volta. No seu último serviço de aguador, numa fazenda do Itaó, o taipeiro também era chegado na bebida. Certa vez, discutiram forte depois da janta. Os dois já iam bem mamados, aturridos também pelos desaforos engolidos ao longo de semanas. Confinados que nem presidiários, só de vez em quando recebiam a visita a trabalho do agrônomo ou do dono dos campos. A certa altura do bate-boca, o marido de dona Rosa acusou o outro por umas taipas malfeitas, mais baixas do que ratões de banhado. O taipeiro se defendeu, o problema era o excesso de água não vazada para outra quadra da lavoura, por isso as taipas não tinham resistido, era melhor o aguador beber menos e mijar mais. E como o entendimento anda sempre por um fio, basta um trago de canha para jogar por terra o aprumo. Já sem o juízo, cada um se agarrou na sua adaga, que para onde iam — e então não as esqueciam jamais, levavam atravessadas na cinta. Se atracarem feito diabos loucos. O homem do motor, no depoimento à polícia, disse que alguém mais doido de tentar o aparte sairia com a pele mais furada que chapéu de palha. O relampejo das lâminas cegava o mouro e o cristão, convertidos pelo medo da morte. Não davam entrada. Segundo o promotor, o marido de dona Rosa, com 12 facadas, na maioria picadas e cortes superficiais,

— Deu ao taipeiro uma morte de imperador romano.

Ele foi absolvido por legítima defesa, o golpe fatal foi a facada no fígado, os outros lanhaços não tirariam a vida nem de um bode preto. Ele guardou meia-

-dúzia de talhos nas mãos, nos antebraços e no peito. Ainda muito tempo depois os exibia como álibi. Mas não obteve novas lavouras para aguar, sua fama de arrenegada campeava as fazendas antes de sua chegada, e então foi obrigado a ir para a cidade misturar cimento e levantar paredes. Logo em seguida, ele e dona Rosa se conheceram num baile do Cassino. Nesse tempo ela ouviu do marido a sua palavra mais inteligente. Soltava-a sempre nos fins de semana, quando comiam feijão reforçado de toicinho e linguiça. Antes de se atracar no prato fundo, erguia os ombros, peito estufado, e lascava com uma boa risada:

— O ferro que o operário come, Rosinha, é o mais vital, porque sem ele as fábricas não produzem o delas.

Mas o servente, com quem ele já andava de bico e espalhava coisas a seu respeito, dizia que a frase era do engenheiro da obra. Antes disso ele e dona Rosa, com olhos de fios longos e bem afiados, lançaram punhais um no outro durante o baile do 20 de Setembro, no Cassino. Os músicos, com as rancheiras, mantinham sempre viva a alegria dos pés. Ele, como gostava de gracejar no tempo de boas, colheu Rosa na mesa dos irmãos para dançar uma tirana. Ela rodopiava em torno dele bem acesa, ele reto e duro feito um poste da CEEE, a pista de dança um carrossel no parque. Ficou zonzona, era a primeira vez que se trançava nas mãos de um homem, o corpo agoniado, às vezes batendo a cintura e as coxas nas dele, outras até colando numa mi-longa. Saíram de lá trocando as pernas, os endereços e os horários, antes de trocarem alianças na igreja dois meses depois. Na festa do casamento, quando pergun-

tavam onde passariam a lua de mel, ela respondia com um sorriso brincalhão:

— No Rio!

Ali, na margem canhota do Uruguai, dona Rosa deixou o emprego de doméstica e começou a lavar por dinheiro. No início, a roupa de mulheres da vizinhança, que trabalhavam ou não tinham tempo para as tarefas de casa. Rendia uma ninharia, mas eram mais cinco dedos na roda da fortuna, que vivia emperrada. Lavava na Pedra Grande, de onde a gurizada no verão dá bicos para se refrescar, e estendia as peças no lajedo. Ficava de prosa com outras lavadeiras, trocando histórias tortas de amor e família, receitas de doce, segredos e ideias sobre a vida. Depois, mudava as roupas de lado para o sol completar o serviço.

Foi dessa época a sua primeira enchente. O céu desaguou e o velho Uruguai cresceu pelas margens, trepou nas pedras, inundou a várzea, correu pelas ruas e se meteu casas adentro pela fresta das portas, das janelas, das madeiras; só foi parar na Matriz, e ainda assim depois de engolir o mercado e metade do cerrinho dos fuzileiros. As águas arrastavam árvores com raízes no caminho das chatas, suspendendo a travessia; o rio vomitava pedaços inteiros de ranchos; as bacias de alumínio, boiando correnteza abaixo, giravam que nem tampinhas de garrafa; e uma holandesa, rodopiando, desceu com os chifres fora d'água mugindo de pavor. Eles perderam tudo, foi preciso um ano de sacrifícios, ajuda de parentes, donativos da prefeitura e de famílias ricas para reporem as coisas. Antes, gastaram uma semana para salvar algumas tralhas, escovar o chão e as paredes, remover a sujeira em torno da casa.

— Que desgraça, parecia que tínhamos lama até no sangue.

As águas desceram tintas de barro. O perigo, além do tétano, eram as cobras d'água; de surpresa, surgiam detrás de uma pedra, de dentro de um pneu velho e até debaixo do fogão a lenha, a única coisa de útil depois que o rio deixou a casa. Ali nasceu o primeiro filho do casal, um anjinho de menina, mas não completou nem um ano e teve crupe. Com a garganta inflamada, não comia nem bebia. Eles usaram chás de ervas com limão, experimentaram até água com sal e vinagre, e no desespero buscaram uma benzedeira. Quando a levaram para o hospital já era tarde, a garganta fechou completamente, o roxo tomou conta da pele e o anjinho morreu sufocado. O marido se largou na bebida feito um mamau, atirando pragas contra o mundo, a vida e Deus. Com o pavio cada vez mais curto, descarregava a raiva em dona Rosa. A vela dele, quando acendia, queimava até o fim.

— Passou a me bater. Ô, coisa mais ruim.

Na próxima enchente, deixaram a beira do rio com a dona Rosa grávida de Catito. Ao repararem nas águas subindo de novo, pediram ajuda ao dono da obra onde o marido trabalhava. O fazendeiro, dono da Ferragem Candiota, emprestou o Valmet com guincho. As águas já batiam na porta dos fundos, quando, ajudados por colegas da obra e alguns vizinhos, ergueram o rancho e o assentaram no reboque. Mudaram para o cerro, o antigo terreno do pai de dona Rosa, adquirido com as economias de uma vida a laçar reses, curar bicheiras, tirar pelego de ovelhas, banhar e vacinar rebanhos. O pai dela era capataz no Rincão da

Cruz, quando os terrenos no cerro, antes da nova usina elétrica e das construções de alvenaria, ainda eram pechinchas. Ele pagou mais da metade no ato da compra, o restante foi saldando ao longo de dois anos, um pouquinho a cada mês. Às vezes, em época de apertos, pulava um, dois, três meses, mas como os donos do terreno eram os herdeiros de um antigo compadre, levaram a coisa frouxa, azeitada apenas com um jurinho. Era a garantia da velhice, dizia ele, mas dona Rosa, já abalada pela perda do bebê, e diante da urgência das águas e da barriga, pediu apoio aos pais. Os irmãos deram contra, um deles até disse que ela se aproveitava da desgraça para tirar vantagem. Mas os pais mantiveram a palavra e a mudança foi feita.

Ali nasceu o Catito pelas mãos da mãe de dona Rosa, parteira de meio mundo entre Maçambará e o Povinho. Até a diabetes arruiná-la. Mas antes disso, ali também chegou notícia da morte. O pai, fulminado por um ataque do coração, morreu sozinho no campo. Os peões, vendo que ele não voltava de uma recorrida no azevém, montaram e foram atrás dele. Mas só encontraram o corpo, aos pés do seu velho e fiel tobião, o troteador, já sem sinal algum de sua alma nas coxilhas, nas aguadas, nas nuvens... Deus enriqueceu mais um tantinho, mas o seu mundo ficou mais pobre. A causa da morte, segundo a mãe, foi a pressão constante dos filhos para que o pai revisse a questão do terreno, o pomo da discórdia, sobretudo depois que as águas do Uruguai se acalmaram. Com a morte dele, a mãe buscou energia no açúcar em calda. A doença desembestou numa galopada só, e os números daqueles nomes estranhos bateram lá em cima. Dona

Rosa, vendo a mãe definhando na saudade e na solidão, trouxe-a do Povinho para morar com eles. E cuidar de sua saúde. Para os irmãos, no entanto, era o arremate do golpe, dona Rosa poderia usufruir do terreno livremente enquanto a mãe vivesse. Depois do vaivém dos irmãos, do tinido de bate-bocas medonhos, a mãe vendeu a casa do Povinho e repartiu o dinheiro entre Abeis e Cains. Dona Rosa aplicou a parte dela na lavanderia e no armário da cerca.

— Pra mãe, além de acabar com a brigalhada, dar de mão quente tinha mais valor que depois da morte.

A mãe, entre as tarefas de casa e o chimarrão à sombra do abacateiro, bordava para fora ouvindo rancheiras no rádio à válvula — na mesinha ao lado, de reserva, o vidro dos doces. Não adiantava o doutor alertar, ela tinha um fraco por açúcar que era uma desgraça: era formiga de doce de abóbora, de laranja, de batata doce... O vidro não parava vazio, e ela não sossegava enquanto não o esvaziasse.

— Aqui está o meu combustível, doutor — disse a mãe ao médico apontando o vidro, na única vez em que foi à casa deles levado pela nora que trabalhava no posto de saúde, em meio a uma crise aguda de hipoglicemia — o senhor tem a sua gasolina. Na fase aguda da diabetes a mãe perdeu a vista, logo depois não escutou mais nada — vinha perdendo os sentidos havia anos, meses, um tanto a cada dia. Mas para dona Rosa era fuga da mãe, para não ver nem escutar a maledicência do mundo, cansada de negociar com as mesquinhas dos filhos. Que já eram bem crescidos, todos fora de casa, alguns até pais de família. Cati-

to na época tinha três meses. O marido de dona Rosa, enchendo a cara de novo como no tempo da morte do taipeiro, irritava-se com o choro do bebê. Chamava-a de porcalhona ao notar os cueiros sujos, culpando-a pelas assaduras que atiçavam os choros do filho e as explosões dele.

— Não tinha mais Rosinha pra cá, nem Rosinha pra lá, era só espinho.

A chegada da mãe de dona Rosa coincidiu com a perda do emprego pelo marido; foi parar no olho da rua ao ser flagrado, mais de uma vez, sesteando até o meio da tarde feito um correntino. Ele não ficava em casa sem atazanar a paciência dela e sem implicar com as manhas do filho. A sogra era uma inútil, dizia na cama, só vivia de teimosa. Se ela tinha ajudado tanta gente a nascer, devia saber que o seu destino agora lhe reservava apenas a morte, só ela, dona Rosa, não enxergava. Ela reagia, a mãe tinha sido boa a vida toda, não merecia o abandono. Até os irmãos não aceitavam a ideia de ficar com ela, coisa de um mês, revezando-se para a mãe não pesar a ninguém, embora todos tivessem pesado no ventre dela por nove meses a fio. Os irmãos diziam que ela era a filha mais velha, a única mulher, e por isso a mais indicada para cuidar da mãe.

— Nem eles nem as mulheres tinham a paciência e a dedicação que o estado da mãe exigia — disse dona Rosa. — Nisso eles tinham razão.

O marido a culpava, ela devia ser mais firme com os irmãos, levar a mãe até a casa deles para se acostumarem. Se eles se mostrassem uns desnaturados, não teria outro jeito que largar a mãe num asilo ou numa casa de saúde. Eles eram pobres, argumen-

tava dona Rosa, um lugar desses só em Porto Alegre, e ela nem por todo o dinheiro do mundo despacharia a mãe para lá feito um saco de viagem. Ela então que procurasse as freiras do Santa Tereza, quem sabe se não ficariam com a sogra ou se não viria uma delas cuidá-la, porque para alguma coisa tinham de ser úteis, se não eram apenas umas vadias, essas noivas do Cristo que não serviam nem para tirar filho. Os bate-bocas se repetiam nas noites em que ele não ficava até tarde no boteco, vinham misturados a problemas de dinheiro e às novas necessidades de Catito. Ela salgava o travesseiro, mordida a fronha.

— Não deu nem dois meses dessa conversalhada, o bode escafedeu.

A última notícia dele, uns dois anos depois do sumiço, chegou por um irmão de dona Rosa, que o encontrou embarcando na estação ferroviária de Uruguaiana para Santa Maria. Ele vivia nesta cidade com uma menina de quinze anos, na ocasião grávida dele de sete meses. A mãe e o Catito ficaram nos seus ombros, e nessa hora uma amiga ou uma boa vizinha valia ouro, já que não contava com os irmãos e as cunhadas nem para um *boa-tarde*, porque sequer vinham visitar a velha. Quando precisava buscar as roupas numa cliente, deixava a mãe e o Catito com a vizinha, mulher do guarda noturno. Mas, como isso nem sempre era possível, ela trocava, alimentava e embalava o filho até ele adormecer, depois o deitava no berço e amarrava no seu pulso a ponta de um cordão, e a outra no pulso da mãe. O difícil fora estabelecer as distâncias máximas e mínimas que a mãe devia observar. Dona Rosa deixava os remédios na mesa — ma-

neira de sugerir à mãe para se cuidar sozinha — junto com a água, um bule de café e biscoitos de polvilho. E tudo o que o filho precisasse: chupeta, mamadeira d'água, cueiros, pomada e o chocalho.

A mãe ficava tricotando um blusão ou crochecendo as barras de guardanapos de cozinha, que dona Rosa vendia para as clientes. Caso se passasse muito tempo sem nenhum puxão, a mãe ia até o berço fazer carinhos no Catito, tocava nos seus olhos e passava o dedo nos lábios para saber se chorava ou se dormia. Quando tinha de ir ao banheiro, a mãe tirava a pulseira com a corda e a prendia no braço da cadeira. Isso, como outros desejos, tarefas e funções, só foi possível porque encontraram sua melhor maneira de comunicação: a escrita. Dona Rosa, sempre que precisava perguntar ou explicar algo, escrevia nos braços da mãe com uma caneta vazia, com um lápis ou com a ponta da agulha. Mas dona Rosa cursara apenas parte do primário, a escrita não era o seu ponto forte. Os seus constantes erros de linguagem exasperavam a mãe, que tinha alfabetização completa do seu tempo de monitora no Aníbal Benévolo, em Massambará, ainda antes do casamento. As respostas e acordos eram transmitidos e completados por dona Rosa com simples toques de dedos ou tapinhas.

— O bom disso — dizia ela com um sorriso terno — é que virava carinho.

Na idade escolar de Catito, deixava-o no colégio cedinho e aproveitava toda a manhã para entregar e apanhar roupas nas clientes. Voltava para casa a tempo de fazer o almoço, servia a mãe e ia buscar o filho. No início, a mãe suportava bem ficar sozinha,

não precisava tanto da ajuda dos outros, até porque desenvolvera habilidade suficiente para se movimentar pela casa; realizava tarefas simples como descascar batatas, fatiar os tomates e pôr o feijão de molho, por exemplo, além de lavar e passar a roupa dos três; e ainda auxiliava dona Rosa com o serviço de fora. Mas, com a carga crescente dos anos e a dinâmica própria da doença, o seu estado de saúde piorou e começou a ter crises, com tonturas, insônias e pressão baixa. Temendo ficar sozinha, a todo instante pedia para Catito lhe servir um copo d'água, o chá, ou alcançar as agulhas do bordado. Mas quando o neto passou a estudar de tarde, a ir para a rua jogar bola de manhã, chorava nas saídas de dona Rosa.

Certo dia, de volta para casa mais tarde que o habitual, ela encontrou na sua rua um movimento fora do comum. Numa e noutra janela, mulheres e crianças de olhar expectante apinhavam-se como se à espera de algo extraordinário, ou então, como se o extraordinário acabara de desfilar por ali. Na porta de casa, a mulher do mecânico da Abastecedora batia claras de ovos, e, ao vê-la, abriu uma expressão de susto e se voltou para dentro de casa. O guarda noturno, ainda de bermudas e chinelas, veio correndo até dona Rosa, e nem bem a alcançava já dizia para ela se apressar, que tinha problemas em casa. Diante do portão grande, uma mulher com uma criança no colo e outra abraçada na coxa a cumprimentou com ar grave. Na porta da frente, cabeças de vizinhos e de crianças da rua disputavam espaço; ao notarem a chegada dela, abriram caminho para sua passagem. Ela sempre temera que a mãe, na sua ausência, causasse um acidente sério,

quando voltasse a encontraria caída no salão das roupas. Tais pensamentos, com a imagem recorrente da mãe no chão, avivam sua angústia por deixá-la tanto tempo sem assistência. Imagens como essa torturavam sua alma, não só agora, mas toda vez que cruzava o portal da entrada ao deixar a casa.

Nesse dia do burburinho, ao se achar sozinha no rancho, a mãe fez o que já vinha fazendo havia algumas semanas: gritou. Primeiro, por dona Rosa, mas ao notar que a filha não estava perto, gritou por Catito. O neto, em outras ocasiões, largava o jogo e corria para casa, os vizinhos já tinham se acostumado aos gritos dela. Mas nessa tarde Catito descera o cerro para jogar bola no Sovaco da Cobra, no campinho atrás do Aureliano Barbosa, que ele e seus amigos usavam para se reunir, jogar e ver a saída do colégio. A mãe, sem a assistência dela e do neto, nem da vizinha que a auxiliava quando Catito não vinha, passou a gritar mais alto. Já aos prantos, lançou berros de pavor, tão aterrorizantes que paralisaram os vizinhos em meio às suas tarefas. Demoraram a reagir porque os berros, de tão horríveis, já pareciam irreais. Alguns pensaram em urros de fera, lembraram contos da infância com onças das matas próximas e até com lobisomens. Mas o desencantamento dos vizinhos ocorreu também em conjunto, porque, ainda que sem combinação, deixaram suas casas e correram para a de dona Rosa ao mesmo tempo. A encontraram na cama, toda encolhida na posição fetal, mijada.

— Não eram gritos de gente, disse um deles. O quarto fedia a enxofre.

Tinha agora dois novos problemas, que chega-

vam juntos: o desespero agudo da mãe, que parecia ter rompido uma barreira mítica, e os sumiços do Catito. Desse dia em diante, apenas deixaria a mãe a sós ao saber que a vizinha, no tempo de suas entregas e coletas, estaria de prontidão para socorrê-la. Mas com Catito não tinha remédio, o filho desenvolvia uma personalidade de tal modo livre e independente que anunciava a infelicidade. Como podia alguém, que mal tivera contato com o pai na infância, desenvolver um gênio tão parecido ao deste no que tinha de pior? Talvez tivesse faltado vara de marmelo na criação, mas agora já era tarde, os castigos não funcionavam mais. Se fosse preciso, Catito pulava a janela e se perdia na rua. E não passava por sua cabeça prendê-lo com correntes, como sabia de mães que não tinham com quem deixar os filhos. Mas isso, além de desumano, podia causar tragédia ainda maior que a deformação das almas. Lembrava o caso da mãe que perdera os filhos num incêndio depois de amarrá-los aos pés da cama. Os vizinhos, sob o risco de serem também devorados pelas chamas, não tiveram tempo de soltar as correntes. O fogo era uma de suas preocupações com a mãe.

— As manhãs vadias eram o problema do Catito — disse dona Rosa. — Só obedecia quando o dinheiro acabava. Era a única coisa que, pelo corte ou por sua promessa, surtia algum efeito duradouro nele.

Suas provações, dizia dona Rosa com sombras de esperança nos olhos, não seriam artes de Deus para salvar sua alma? Talvez houvesse aí um sinal de recompensa no futuro, já que a adoção da mãe lhe roubara o tempo de diversões. Não ficara disponível para um novo marido, com quem tivesse sorte melhor que

a do primeiro casamento. Além de cumprir deveres de filha, com indulgência e lealdade, fazia o que esperavam dela os irmãos, o médico, o padre e talvez até mesmo Deus. De certa forma, realizava o que o marido queria como obra de caridade das irmãs do Santa Tereza. E por isso ela mesma, desde os primeiros anos de sacrifícios, via-se no papel de uma freira sem hábito, mas nem por isso menos especial aos olhos de Deus, nem menos valiosa a sua missão.

Mas também tinha de admitir — disse isso em tom de brincadeira em nossa casa, semanas antes, provocada pelo pai enquanto dava o último nó no lençol da trouxa —, isso lhe poupava o trabalho de arranjar um novo marido.

— Que outra boa bisca não me apareceria, hein, doutor?

Quando deixou a casa nessa ocasião, a trouxa já equilibrada na cabeça, o pai disse que ela vivia desamparada e muito exposta, pois com o filho problemático e a mãe naquelas condições — uma eterna espada sobre a cabeça que atingiria também quem estivesse do seu lado —, que homem se aproximaria dela, se não fosse para tirar proveito do pouco que ainda possuía? Ou haveria no mundo amor tão desprendido dos laços de sangue?

A morte da mãe — com a eliminação de uma série de cuidados e preocupações — trouxe alívio. Mas também aumentou a solidão e o peso no peito, pois nos últimos meses, em especial depois da grande crise, passara a desejar com alguma frequência o seu fim. Esse desejo foi uma surpresa ruim para ela; chegava a pedir tal providência ao debulhar ave-marias

e padres-nossos, afinal as limitações da mãe não seriam próprias de uma vida humana. Na sua fantasia, a mãe se assemelhava a um espantalho no campo, com sonhos de voos impossíveis inspirados nos pássaros à sua volta, à espera do dia em que a medicina lhe devolvesse ao mundo dos vivos. Mas o dia de tal redenção nunca chegou. Por mais que admitisse a morte como o melhor remate, particularmente para a mãe, não deixava de sofrer por desejá-lo. Sempre que isso lhe vinha à mente, fora das orações e dos momentos críticos com a mãe, tinha tremores pelo corpo, em especial na cabeça e nas mãos, e rezava uma dezena de ave-marias.

— É natural desejar a morte de quem lhe deu a vida?

Dona Rosa, depois da morte da mãe, saía mais vezes de casa; buscava trabalho e ao mesmo tempo fugia da nova solidão. No início, Catito a acompanhava na recorrida às clientes, mas depois das primeiras semanas, alegando cansaço nas pernas, chateação e até as lições da escola, teimava para ficar em casa. Na verdade ficava era na rua — sua nova paixão —, para jogar e brincar com os vizinhos e amigos do cerro. Às vezes, perdia a hora do banho e tinha de engolir o almoço para não chegar atrasado ao colégio. Não gostava de futebol, achava-o bruto, e deixara de invadir os matos com a funda no pescoço para caçar rolinhas e sabiás. Preferia cozinhar meia xícara de arroz numa lata de goiabada, ou assar umas tiras de mondongo na trempe de um fogão velho, no taquaral da casa de uma das meninas ali perto, para dar mais sabor às brincadeiras de família. Ensinava às amigas os truques da

mãe com as roupas, e quando não tinham peças para lavar na sanga, banhavam os cachorros.

Nos finais de semana, ele ia até o Sovaco da Cobra assistir aos jogos dos garotos. Dona Rosa, sem atrativos para prendê-lo em casa, procurava uma atividade ou tarefas para ocupá-lo fora do colégio. Por essa época, ela comprara uma geladeira de segunda mão, então sugeriu a Catito vender picolés no campinho próximo ao Aureliano Barbosa e no porto. No domingo, poderia oferecê-los de manhã na Matriz, na saída das missas, e de tarde na entrada dos jogos do 24 de Maio ou do 14 de Julho, ou no Cine São João, ou na praça dos jacarés diante da estação ferroviária — e na própria estação. Ela comprou as formas e o xarope de groselha; adicionavam água ou leite e deixavam os cubos no congelador de noite; usavam paus de fósforo gigantes para segurar os picolés, sem a ponta queimada, recolhidos no Clube Caixeiral ou no Centro Operário. Vendia a 50 centavos cada um. No final da tarde, para alegria de dona Rosa, Catito voltava com a caixa de isopor vazia e o bolso cheio de notas. Às vezes chegava em casa sem nenhuma moedinha, também era verdade; um dia, comprou um rádio de pilhas, pilhas das grandes, uma fortuna, mas era o preço justo para não deixá-lo vadiando nas ruas, não era?

— Ver o meu gurizinho descendo o cerro com o isopor azul... Ah, dava um calor no peito.

Mas os tinhosos da rua, ativos na malvadeza, não esqueciam as brincadeiras dele com as meninas, e isso rendia apelidos e deboches. Mal viam o Catito dando banho num cachorro, ou descendo o cerro com o isopor, tascavam o apelido cruel. Ele não deixava

barato, respondia com palavrões e gestos feios, largava a caixa, disparava atrás dos moleques e aplicava um cascudel na cabeça. Mas isso, ao contrário do que ela esperava, pois o aconselhara desde novinho a não trazer desaforo para casa, avivou as provocações. Mães vinham à casa dela se queixar dos cascudos, e dona Rosa tinha que se controlar para não sair dos trilhos, mas a vontade era de ela mesma dar um corridão nos abusados e nas suas mães. Depois de algum tempo, embora cansado de ser alvo de chacotas, Catito desistiu das brigas. Os implicantes, então, mudaram o alvo de suas zombarias. Espalharam que ela usava água da torneira para a mistura do xarope. Era verdade, mas ali no cerro era comum, tinha até quem buscava água na bica. Então, toda vez que alguém, nos jogos do Sovaço da Cobra, tinha um chorrilho nas tripas, acusavam-na através do filho:

— É o picolé da dona Rosa.

Na adolescência, ela o encaminhou para um primo que fazia a travessia de São Donato a Alvear. Catito madrugava e ia para a rua aguardar a passagem do lancheiro. O Tonhão vinha de carona no carro de um amigo. Com a chegada do frio, para não encarangar, postava-se na janela da sala à espera. Os três desciam o cerro, puxados por uma parelha de baios, e saltavam na esquina do Felix, na Matriz — onde começava o estacionamento dos táxis em diagonal —, e os dois desciam a pé até o porto. Catito ajudava o primo na cobrança das passagens, na limpeza da cabina e nos consertos do casco. E também fazia serviços miúdos como comprar cigarros, estopa, graxa, etc. No início enjoava com o balanço das águas e o cheiro de óleo

queimado. O rio, muitas manhãs no inverno, amanhcia coberto por uma cerração tão baixa que não deixava ver a margem argentina, os dedos entanguidos feito os picolés.

Entretanto, depois de algum tempo de travessia, Catito passou a ser alvo de piadas e olhares maliciosos. Nas primeiras vezes, o primo repreendia os engraçadinhos, inclusive se negou a transportar um deles, tiveram um violento bate-boca, e isso lhe causou problemas na Aduana. Mas acabou perdendo a paciência também com Catito, ao vê-lo retribuir os olhares e sorrisos de um jovem correntino. O *chibeiro*, como disse o Tonhão, todo mês vinha comprar roupas e víveres para revendê-los em Alvear. O estopim foi quando Catito, ao descer da lancha com o outro, tentou passar pela Aduana argentina sem documentos, causando embaraços e atraso no embarque de volta. No início da noite daquele mesmo dia, o primo foi à casa de dona Rosa e lhe explicou tudo. Desculpando-se, disse não se achar mais em condições de seguir com o trato, até porque a Aduana fazia vistas grossas ao trabalho de auxiliar realizado por adolescentes.

— Qualquer dia o caldo podia entornar, disse o Tonhão. Eu não sei.

Mas, por sugestão do primo, Catito fez um tabuleiro para vender chicletes, jujubas, paçoquinhas, chocolates e cigarros avulsos nos cais. Livre feito uma calhandra, assobiava doces melodias entre as lanchas e chalanas. Voltava para casa depois da última viagem da manhã, a tempo de se preparar para a escola. Nas férias, carregava merenda e almoçava no vão das pilastras de pedra-ferro da casilha, a antiga Aduana

erguida pelos escravos. Ali fazia uma agradável sombra ao meio-dia, lugar tranquilo e fresco no verão, bom também para a sesta — e ele tinha tempo para descansar antes do movimento da tarde. No fim do dia, o tabuleiro já vazio, sentava-se próximo às chatas e seguia com o olhar os estivadores no desembarque da areia.

Catito voltava para casa noite fechada, e como no verão a noite chega tarde em São Donato, não retornava antes das nove. Os bate-bocas se intensificaram. Dona Rosa lançava ameaças, talvez não tivesse coragem de cumpri-las mais tarde, dizia, mas o importante era mudar aquele hábito. Nas primeiras vezes Catito prometia se corrigir, mas já nos dias seguintes voltava a se demorar na rua. O filho exibia traços de temperamento igual ao do marido, os mesmos rompantes e as mesmas saídas noturnas. Dona Rosa notou a mudança completa do filho quando, madrugada alta, ele voltou para casa acompanhado de um estivador. Diante do portão menor, gastaram longos minutos de agarramento. Ela não via muito bem da janela, o bico de luz da rua ficava na esquina, mas depois de alguns safanões, do agarra-agarra já na despedida, o estivador deu um tapa atrevido na nádega do Catito. Ele entrou no pátio rindo alto, atirou o portão para trás e veio num passo solto, rápido e alegre. Jogava com o corpo como se cruzasse o rio de pé numa chalana. Ah, mas deu com o nariz na porta, o coitado! Dona Rosa deixava-a destrancada até à volta do filho, mas, dessa vez, passara a tramela.

— Deixei ele no relento... Mais de hora... — disse com desânimo na voz. — Pra dar uma lição.

Doíam no peito os passos de Catito. Ele deu voltas e voltas em torno da casa, forçou as janelas e a porta dos fundos — o seu único filho. Com voz pastosa, arrastada, Catito chamava por ela aos gritos, fazia ameaças de deixar a cidade, de fugir de barco até Uruguaiana e lá tomar o trem para Porto Alegre — e não voltar nunca mais. Ela ficou aterrorizada, porque ele era bem capaz de cumprir as ameaças. Ainda assim, aguentou calada no sofazinho, sem fazer sequer um ruído. Quando ele sentou no degrau da frente, em silêncio, certamente resignado a passar a noite sozinho no relento, só então ela abriu a porta. Ele mal entrou, tiveram um rápido bate-boca, o mais áspero até aqui. Catito deu as costas à mãe e foi para o quarto. Ela ia atrás dele, puxando-o pelo ombro da camisa com lições de moral; afinal postou-se diante dele na porta do quarto, o dedo assim, em riste; mas ele, parecendo não ouvir, tentava avançar; ela apoiava as mãos em seu peito e o empurrava para trás. Ele, forçando mais a passagem, um rosto quase colado no outro, disse apenas:

— Me deixa dormir.

Então o quadro se completou: ele trazia da rua o mesmo bafo do marido, *canha medonha!* Isso revoltou nela as brigas antigas, o desespero de ver o companheiro — e agora o seu único filho — enveredando na perdição. Mas, dessa vez, *ela* perdeu as estribeiras, avançou aos tapas contra o filho xingando-o de bêbado, perdido, ingrato, desumano, filho de um bode, com uma fúria não experimentada nem naquelas noites de barulho com o pai dele. Catito recuava de braços erguidos, as mãos abertas tão somente para defesa.

O mais injurioso, segundo ela, era que Catito não se queixava dos tabefes. Apenas sorria de um jeito também novo, cacarejado e divertido. Ele recebia os tapas como se fossem carícias.

— Com alegria. Pode?

As crises aumentaram. Catito, por conta própria, abandonou a escola no meio do semestre. E esperava a noite na casilha com o tabuleiro, com os estivadores, e mais tarde com os fregueses dos botecos na praça do porto, no terceiro cais. A brincadeira lá era que os amantes e namorados, a pé ou nos carros, desaguavam seus humores antes das enchentes. Ele não atendia aos apelos de dona Rosa, que implorava para que largasse essa vida. O filho se perdia, e levava junto a sua esperança de vê-lo como um amparo na velhice.

— Meu sonho de ver a casa cheia de netos desandou naqueles meses.

Depois dos sofrimentos com o marido e das limitações com a doença da mãe, não merecia uma velhice tranquila? De alguma forma — e a forma escolhida por ela era uma boa nora e netos adoráveis —, seria compensada por Deus depois de tantos sacrifícios, com um final de vida cheio de carinhos e ternura. Mas o rumo tomado pelo filho, dizia com desgosto na voz, enterrava sua única chance de ter esse tempo de desfrutes, o que a pobreza, afinal, nunca lhe proporcionara plenamente. Além de perigoso, o caminho era complicado, difícil de entender e mais duro ainda de aceitar, porque não tinha volta.

Catito deixou o porto, não por insistência dela. Um rapaz mais velho e mais forte expulsou-o de lá. O Xexéu apareceu um dia qualquer, e, sem consulta

nem acordo, dividiu a área e os clientes do Catito. Que se rebelou. Discutiram, jogaram os tabuleiros cheios um no outro e se atracaram a socos e pontapés, com a vitória do outro. Na tarde do próximo sábado, Tonhão veio à casa de dona Roas a pedido dela. E entregou a Catito uma caixa de engraxate com latinhas de pastas preta, marrom e neutra, mais escova e panos. Não cobrou pelo material, sua recompensa seria vê-lo longe de brigas que não melhorariam neça a vida dele. Enquanto o primo lhe ensinava o uso dos utensílios e a abordagem aos passeantes na Matriz, aos fiéis na saída da missa e ao pessoal do Fórum, Catito mascava o silêncio; às vezes emitia pelo nariz um sorriso de desdém, como se o Tonhão estivesse apagando fogo de santa-fé com conta-gotas. A caixa ficou a semana seguinte no canto do quarto, mas no outro domingo de manhã, a tempo de pegar a missa das dez, Catito pendurou-a no ombro e desceu o cerro em direção ao centro. Saiu assobiando certa marchinha de Carnaval. Por essas artes do bruxo do inferno, era uma das preferidas do pai dele, ainda nos primeiros tempos de casados.

— Acho que nunca agradei tanto a Deus por me atender um pedido.

Ele abriu espaço na Matriz abaixo de mal tempo, os engraxates diziam que a praça tinha dono. Mas, dessa vez, não saiu a socos com ninguém. Quando reventava uma discussão, pendurava a caixa no ombro e batia pé até ao Fórum ou ao porto. As vendas no Sovaço da Cobra e no cais lhe deram cancha para lidar com muita gente. E como fazia graça de tudo, conquistou a admiração de alguns. Em pouco tempo, Catito já con-

tava com aliados, que nunca perguntavam quem tinha razão ou começado a briga.

— Ficavam logo do lado dele.

Dona Rosa insistiu para ele voltar ao colégio. Se completasse o ginásial, poderia mais tarde fazer o profissionalizante. O curso técnico daria condições para trocar as ruas por um trabalho melhor. Catito riu dela: trabalhar em escritório era apodrecer em jaula de ouro, preferia viver a vida feito uma chanchada do Cine São João ou queimar no inferno. Além do que, os colegas do Aureliano eram uns idiotas, se esquivavam dele como se de um cusco sarnento. Até os professores o perseguiam na sala de aula, um deles, quando chamava sua atenção por passear na classe, afinava a voz que nem uma galinha. E o que estudaria se não teria dinheiro para o profissionalizante? Se quer chegaria perto de uma faculdade, a não ser para limpar os vidros ou pintar as paredes. Ninguém daria um bom trabalho para um engraxate da rua sabichão, nem mesmo os filhinhos de papai da sua idade, nem os conhecidos do São Patrício, nem os frequentadores do porto e do campinho no Sovaco. Ninguém dos que tinham chupado seu picolé lhe daria outro emprego que não fosse de remador, porteiro do hospital, pedreiro ou varredor de rua. Isso ele podia ser a qualquer momento, era só largar a caixa, não precisava de estudos para forcejar com remos, tijolos ou vassouras.

— Daí pra frente a coisa só piorou. Ele chegava tarde, mamado na canha, e nos fins de semana virava as noites não sei por onde.

Em noites de baile ou de boate, ficava na entrada do Caixeiral, bebia nos bares em volta e se me-

tia em arruaças. Voltava para o cerro sem um pila no bolso, às vezes com um corte na sobrelanceira e a camisa retinta de sangue. Passou a não dormir em casa também durante a semana. Na época do alistamento militar, dona Rosa esperou uma trégua nessa vida de cão. Mas os milicos acharam uns pés chatos em Catito, deveria ter usado botinhas na infância, diziam, agora não podia calçar os coturnos do exército. Não era coisa do diabo? São Donato se mancomunava para levá-lo à perdição. Catito era diferente dos outros rapazes, tudo bem, usava pulseiras, vestia calças boca de sino e minibusas, calçava tamancos ou sapatos plataforma, mas isso qualquer filhinho de papai ostentava na cidade. Ficou uma onça com os abacates do governo, não podiam fazer isso com seu filho só por causa das roupas e dos modos. Na cor nem falava: o quartel não recebia negros, mulatos, bugres e sararás? Catito, sempre trabalhando duro até ali, tinha tanta força quanto qualquer reco para as manobras nas várzeas, para empilhar o feno, para limpar as baias. Em casa ele rachava lenha para o fogo. O exército era a sua última esperança de ter o filho, o seu Catito, a salvo de uma vida de tristeza e sofrimentos. Quem podia imaginar o que o futuro reservava? Depois disso, já adulto e se metendo em confusão grossa, não encontraria nada além dos malefícios do mundo. Tinha medo de vê-lo no hospital, visitá-lo no presídio ou coisa bem pior. Já imaginava o dia em que levaria bolo e cigarros para ele numa cela imunda, pois até esse vício ele tinha trazido da rua. Abandonar no cemitério o seu único filho era coisa que não conseguia nem pensar.

— Pela Santa Mãe de Deus, que outra mãe me-

receria tanta desgraça?

Nos finais de semana, Catito entrava em casa aos tropeções, se jogava na cama ainda vestido e sem café e dormia até o meio da tarde. Quando isso passou a ocorrer também durante a semana, dona Rosa desabafou com a mulher do guarda noturno, a vizinha que tanto a ajudara nos cuidados à mãe. Então soube: o seu filho fazia ponto na entrada do beco, junto ao Mercado Público. O beco iniciava na várzea do Uruguai, subia pela Junta Militar, cruzava a rua do mercado, seguia pelo armazém de cereais onde trabalhava o pai de João Batista e desembocava na nossa rua, embora o trecho com tal designação fosse propriamente a última quadra. Era aí que Catito fazia o ponto noite alta, o primeiro em São Donato. Foi um choque vê-lo sem a caixa de engraxar, apenas de shortinho e minibus, o rosto voltado para as sombras do beco. Só o víamos ao imbicar o carro para fazer a curva, a luz refletindo em seu corpo magro e esguio. A primeira vez, quando voltávamos do Valmor onde o pai passara um rádio aos rotarianos de Alegrete, Rosário e São Borja para a campanha da fraternidade, o pai rosou e balançou a cabeça:

— Que lástima, agora é puto. Se perdeu.

Eu fiquei calado. E assim permaneci por muito tempo no escuro do quarto, tentando adivinhar os motivos e aonde ele chegaria com isso.

Dona Rosa tentou tirá-lo dessa vida: quem cruzava por ali numa hora dessas, boa coisa não ia querer com ele. Ela sabia de casos terminados em tragédia, como o do aeroporto de São Donato, já sem uso, agora ponto de encontros para bandalheiras. Não fa-

zia nem três meses, o capitão Januário, casado e com filho e tudo, e a filha da dona Alaíde, moça de família, que diziam que até virgem era, não tinham ido até lá fazer longe dos olhos da cidade e não acabaram assassinados por ladrões? Quem garantia que ele, o Catito, não teria o mesmo fim? Era o que ele queria? Pois onde resolveria os seus encontros, numa cidade que vivia de olho na vida dos outros, se não fosse num lugar deserto, escuro e perigoso? Além disso, no inverno a aragem do rio poderia lhe trazer pneumonia, e ela não desejava perder mais um filho sufocado. Mas a cada argumento, Catito dava de ombros, balançava a cabeça e trocava de peça. E se dona Rosa ia atrás, ele saía porta afora para colher laranja no pátio. Pois se tinha coisa de que o filho mais gostava, era de sentar à sombra do abacateiro, descascar uma bacia de laranjas e se deixar ali ouvindo rádio, horas a fio, cantando alto e sem qualquer inibição as músicas de sucesso. As crianças da rua se penduravam nas madeiras da cerca para ouvi-lo.

Uma noite ele apareceu todo machucado, mal entrou em casa e se jogou na cama, a porta trancada; agarrado ao travesseiro, abafou o choro minutos sem fim de soluços, *que agonia!*, sem atender aos clamores dela — e depois dormiu. Na manhã seguinte ela viu o tamanho do estrago: roxos nos braços, cortes nas canelas e hematomas nas faces — maçãs e olhos inchados — como se tivesse levado bordoadas. Pensei no jogo do dorminhoco, na bucha do isqueiro do Cinca. Por mais que ela insistisse, Catito não confirmava nada, dizia apenas que caíra da garupa de uma moto. Não aceitava as compressas e pomadas. Ficou longe

da noite só o tempo de mal curar as feridas; nem duas semanas depois e já estava de volta ao beco.

Numa manhã dessas, quem chegou cedo não foi o filho, mas o delegado Arthur Viçosa, com o pedido de que ela o acompanhasse até a beira do rio, uns quatrocentos metros abaixo do porto. Foi como se soprassem o sol: as coisas começaram a se apagar, e o mundo foi escurecendo à sua volta como um lento anoitecer; com as pernas frouxas, lembrando a força do pai e o martírio da mãe, se segurou como pôde no marco da porta.

Caiu, sim, mas num choro fininho e escorrido na viatura da polícia, durante todo o trajeto de casa até o local assinalado. Ela, que tanta roupa tinha lavado dos outros, não tinha agora uma peça para trocar. Catito, como ela soube mais tarde, fora vítima de uma emboscada armada por três cabos do exército, os mesmos que o tinham surrado da outra vez e o ameaçado de morte, se não parasse de fazer ponto no centro de São Donato. O filho de uma família rica foi o chamariz, que, por essas tratativas do demônio, fez Catito entrar na camioneta para o encontro nos terrenos baldios atrás da piscina, o clube de verão das famílias abastadas. Ali, perto do rio, o rapaz o entregou aos cabos, que já o esperavam com toda sorte de maldades. Bateram nele com pedaços de pau e com o pé-de-cabra, tanto que arrancaram pedaços do couro cabeludo, esfolaram a pele e quebraram uma clavícula, quatro costelas, os antebraços e diversos ossos do crânio — e das mãos. Depois o estrangularam com um cabo de aço, para terem certeza do mal completo, ainda em seu pescoço quando foi retirado das

águas. O corpo, apesar da correnteza forte, ficara preso nas pedras, no remanso um pouco abaixo do local do crime, coisa que os assassinos não viram, menos pelo escuro da noite do que pela cegueira de sua loucura. Foi encontrado por garotos que costumavam pescar no local. O peixeiro Zeca Breu, morador ribeirinho, testemunhou o caso ao recolher, esquecida no fundo do quintal de casa depois de uns reparos, a velha rede para pescar no domingo. Atraído pelos gritos de Catito, foi espiar o local e reconheceu a camioneta possante, vermelha, com pneus lameiros na traseira, engate para reboque na carroceria do tipo flecha e dois faroletes na capota da cabina, a única com essas características na região. E reconheceu os cabos do exército, que costumavam subir o rio numa lancha a motor para pescar acima do Caça e Pesca. Ao descrever em detalhes o estado do corpo do filho, dona Rosa verteu lágrimas de sangue. Enxugou-as:

— Como pode haver tanta maldade no mundo? Deus não vê isso?

Em seguida, levantou-se para buscar as roupas limpas e passadas. Eu e a mãe, sentados no pequeno sofá amarelo, com profundas manchas de suor e os braços roídos pelas unhas, fomos para o pátio. A luz forte da manhã e o cheiro doce do manjericão me trouxeram de volta ao meu mundo — o mundo atingido pelas sombras do beco.

Ao vir da lavanderia, ela fez a última menção ao caso do filho:

— O mundo pode ter sido criado por Deus, mas é governado pelo diabo.

Ao entregar as roupas, sobre os lençóis havia um

pote de vidro.

— Uma chimia de morango — disse ela. E me dando um novo afago no queixo, olhou firme e ternamente em meus olhos: — Tu vai gostar, fiz com a receita da mãe, receita da mãe dela! O Catito adorava.

Em casa, ao provar a chimia, depois do almoço com pernil de ovelha assado e batatas gratinadas no forno, a mãe fez uma careta e disse:

- Hûûû! A dona Rosa tem mão pesada no doce.
- Pobre gosta muito de açúcar — resumiu o pai.

Anos depois, para cumprir o horário da Educação Física, num campo de futebol quadras além do São Patrício, passei diante da casa de dona Rosa. Era de tarde, e como fazia sempre ao cruzar por ela, mesmo depois de não ser mais nossa lavadeira, abanei. Ela não respondeu. Abanei outra vez. Ela apenas acompanhava com olhar vazio a minha passagem diante de sua casa.

Da sombra do abacateiro, um dos meninos que jogavam bolita no pátio, enquanto eu tinha dúvida em chamar o nome dela, explicou:

- A velha Rosa tá cega.
- E surda — disse o outro.

Sem saber o que dizer, nem como sair dali, pois meu estômago afundara e os pés fincaram na terra, só pude dizer.

- E vocês, que fazem aí?

Mas, conforme falei, percebi minha estupidez diante da raia com as bolitas.

Um dos meninos me libertou:

- Tamo cuidando dela, chê.
- Fiquem com Deus.

**MUITO ALÉM
DO BIG BANG**

Talvez por ter uma visão plástica do mundo, a questão do tempo não me intrigava tanto quanto a do espaço. Eu não sabia que pensar no tempo era uma forma de pensar também no espaço, e vice-versa. Mas no início da adolescência já intuía que, para ocorrer o movimento, seria necessário dispor ao menos de um grãozinho de espaço. Sem isso nada existiria, nem mesmo as partículas subatômicas. E sem o movimento, portanto, não haveria o tempo nos termos de Aristóteles, pois não haveria passagem de um instante a outro, nenhuma ponte daqui até ali. Não haveria luz, porque o fóton, mesmo existindo num cenário de criação mágica, não viajaria na ausência de espaço. Não haveria energia, apenas o escuro e o frio absoluto. Não haveria nem maneira de se imaginar tais grãos — a mínima espacialidade —, sem um mínimo movimento dos neurônios, ou seja, sem o tempo mínimo necessário para abrir, iniciar, fender...

O espaço? O tempo? A matéria?... A imaginação?

Eu não tinha condições nem especulava quando e onde foi o início, apenas me indagava aonde e aquando chegaria, caso embarcasse numa nave com gasolina e pão suficientes para ir até o fim do mundo e dos tempos. Para quem lia o Carrol de *Alice no país das maravilhas* e o Júlio Verne de *Viagem ao centro da terra*, esse tipo de fantasia não era nenhum absurdo.

Então onde estaria o limite, o ponto final de tudo?

Na verdade, minha questão mais grave a respeito do espaço era a morte. Pois já me imaginava acordando dentro do caixão como um defunto cheio de vida, ainda com sonhos e desejos por realizar, mui-

to antes de ler as memórias póstumas de Brás Cubas. E não era preciso sofrer de claustrofobia para sentir verdadeiro horror só em pensar uma coisa dessas. Era o mínimo de espaço útil e viável que podia conceber para a vida em busca de sua humanidade, essa humanidade perdida e logo sonhada. Quer dizer, meu corpo seria na prática a menor porção de espaço para eu estar no mundo — o meu grão, o meu espaço, o meu tumbão — e a partir daí estabelecer minhas relações — o tempo com toda sorte de movimentos, contatos, liberdade, etc. Por extensão, assim seria também com todos os seres humanos. Menos que isso, só a compressão, um confinamento ainda maior, as mutilações, o esquitejamento — toda sorte de tortura. Imaginava as dificuldades para mudar de posição, trocar de roupas, anotar os pensamentos, etc., caso me negassem o direito de sair do túmulo quando descobrissem minha vida depois da morte, ao menos até antes de minha próxima morte, ou até a morte definitiva. Pensar no enigma do espaço, nessa idade, talvez ainda fosse um modo pueril de responder à questão do nada pessoal, afinal de contas eu era apenas um adolescente e não tinha a musculatura que o tema da morte exige.

Talvez pelo medo pânico, que me atacava de noite durante a insônia, era que eu tentava conceber a ideia de espaço máximo. Era também uma forma de compensação pensar — ou tentar imaginar — o espaço total, absoluto, todo o espaço ocupado pelo Universo antes, hoje e para sempre — até o seu fim daqui a uns três trilhões de anos, claro. Queria assim, quem sabe, pensar uma forma de eternidade. Quer dizer, tentava pensar. E nem passava pela minha cabeça que

isso já era um modo de pensar no tempo de vida total do Universo. Eu passava muito longe disso. E sequer pensava, também, que já era uma maneira de tentar expandir a consciência sem o fuminho do Tio Zulu, por exemplo, e de dar mais musculatura ao cérebro.

Nessa época, soube de um cientista que considerava a ideia de espaço infinito uma aberração do pensamento humano. Notem bem: ele não disse uma aberração da realidade objetiva, uma aberração fenomenológica, ou coisa que o valha, descoberta e incorporada à mente humana. Nem considerou o Universo como sendo a aberração de Deus. Em todo caso, mesmo antes de ter lido essa declaração, eu já pensava, ou melhor, já sentia o mal-estar disso que o cientista apontava como anomalia humana. Na verdade, pelo estado das coisas deste mundo, eu até considerei se aberração não seria de fato a própria existência de Deus, mas me faltavam dados. Em todo caso, nessa linha de pensamento qualificada pelo cientista, eu podia classificar — então com algum temor — a ideia de Deus como mais uma das anomalias da humanidade. Mas de uma coisa ao menos não tinha dúvida: a ideia de acordar de noite dentro da tumba — dentro da tumba será sempre de noite — era minha resposta anímica ao cientista, pois isso seria a maior das aberrações impingidas a um ser humano, por mais fértil e inesgotável que fosse a sua imaginação. Eu achava que esses, como tantos outros pensamentos mórbidos que nos ocorrem, fossem pensamentos comuns à toda humanidade, e não anomalias: independentemente de ter sido criado por um deus ou vários, pensava, o Universo seria uma caixa de sapatos intergaláctica, fora

da qual não poderíamos dar nenhum passo. Ou, como se diz hoje, não se poderia pensar nada fora da caixinha. Ou da casinha, ou do cercadinho, que dão no mesmo. Eu pelo menos não conseguia conceber isso. No seu limite, então, bateríamos com o nariz num mega-hiper-super-muro.

Mas e depois? Não haveria mais espaço, o muro se prolongaria no infinito até o ponto de deixar de ser muro... Mesmo imaginando algo assim tão bizarro, tão concreto, maciço e improvável, não conseguia deixar de pensar no passo seguinte. Sempre haveria um espaço além da caixa, que, aliás, por se tratar de espaço sem fim, poderíamos até, e com certa naturalidade, chamar de caixão. Então, nessa caixinha, sempre haveria um espaço mais além, muito, muito, muito mais além dos muros... E assim infinitamente!... Até porque, o próprio muro precisaria de espaço para o seu prolongamento. E se um caminhante por um lado, ou se um jogador pelo outro lado do muro...

O cientista estava coberto de razão, era de fato pura aberração. E eu, depois de tantas voltas e voltas, como sempre acontecia quando pensava no espaço — e no meu despertar na tumba —, não chegava a lugar nenhum.

Com pensamentos desse gênero, mas com outras palavras, claro, eu andava pelas ruas de maneira aleatória, como fazia em muitas outras tardes de sábado donatenses, quando me vi diante do Clube do Comércio. O clube, como parecia adequado ao Clube do Comércio — e pensava isso de qualquer Clube do Comércio no mundo —, passava o dia todo com suas portas da frente inteiramente abertas, disponível a

quem o quisesse explorar. Não tinha o que fazer ali, mas como também nada de especial me levava a ficar na rua, fiz o que algumas vezes fazia nessas andanças sem rumo: entrei.

A não ser pelo salão do bilhar e pela cova da car-peta, a essa hora da tarde o clube encontrava-se vazio. Mesmo assim, gostava de fazer o ritual de exploração, talvez para me assegurar de que os amplos ambientes ainda mantinham o aspecto da última vez. Subia a fria escada de mármore e ia até o salão nobre, local dos bailes e da conferência sobre a ligação da bacia do Jacuí à do Ibicuí, o sonho gaúcho de ligar por água todo o estado até o rio Uruguai, daí até a bacia do Rio da Prata... E então desaguar no mar, os continentes, o mundo... Não deixava de ser uma forma de se pensar o espaço, pelo menos a forma como se pensava o espaço *geo* e hidrográfico no Clube do Comércio.

Nesse dia comecei o ritual pelo salão de bilhar. Ali não havia fumaça de cigarros nem de charutos, mas um cheiro ardido, penetrante, de qualquer coisa cinza que queimara muito tempo atrás, de sarro misturado à cera do piso de tacos escuros e brilhantes, que irritava levemente o nariz. Além da luz natural, tinham sido acesas algumas lâmpadas no teto, mas isso não espantava todas as sombras do salão — que nas férias era utilizado como boate — nem enxugava certa umidade friorenta do ambiente. Meia-dúzia de homens em torno dos trinta — os jogadores e dois caranchos que provavelmente esperavam para substituir a dupla perdedora — comentavam as jogadas entre tiradas amistosamente mordazes — um arsenal de flechadinhas que podia descambar numa ar-

tilharia pesada quando, além de tacos, tinham copos de bebida quente ao alcance das mãos. Eu ia ali, também, porque me fascinavam as tacadas firmes, o deslizar macio e compacto das esferas coloridas, o feltro verde, o seco estralar de seus choques, os impulsos das tabelas, as quedas violentas nas caçapas. Ia ver e ouvir tudo de novo, experimentar a rara sensação de magia despertada mal ingressava no clube — a luz da rua fazia as pupilas trabalharem bastante, para eu não tropeçar nos degraus já na entrada —, o túnel refrigerado pela brisa vinda do pátio dos coqueiros através dos mármore e azulejos. As sombras do clube eram refrescantes, e, depois de adaptar as vistas à sua luz, experimentava a sensação agradável de entrar numa vida paralela à do meu mundinho. Como se saísse da tumba.

Seduzido pelo jogo, e atrás do melhor ângulo de visão, eu ia de um canto a outro da mesa. As esferas, com a pureza de seus movimentos retilíneos e econômicos, em evoluções precisas, sugeriam planetas à procura de um lugar exato no espaço — antes de ricochetarem umas nas outras e nas tabelas, em reprodução menor dos movimentos dos astros antes de seus choques siderais, ou em reprodução maior dos movimentos das partículas antes de seus choques quânticos, tudo antes de seu mergulho vertiginoso no buraco negro da caçapa. Esses eventos, na falta de coisa melhor a fazer, estimulavam meus neurônios e sua cadeia infinita de sinapses. Havia neles uma plasticidade de movimentos, cores e sons que abria a percepção, se não para mundos alternativos, ao menos para conjecturá-los. A mente da adolescência, a minha, encontrava

aí uma porta aberta à viagem ao centro de países maravilhosos — de infernos, de paraísos, de purgatórios —, artificiais ou não, que, no entanto, era promessa, a porta aberta, o clube aberto nas tardes de sábado aos jogadores e caminantes, era promessa de um mundo melhor, muito além do tédio e muito aquém da náusea.

O jogo transcorria normalmente, no ritmo folgado de suspensão das atividades da semana, quando a partida chegou aos seus momentos decisivos. Os jogadores, feito cães de galpão atrás de um pobre sorriso, iniciavam uma caçada feroz à última bola da partida. Sem que combinassem, uma espécie de coreografia se instalou em torno da mesa, com os jogadores se inclinando sobre ela — apoiando-se e até montando em suas bordas para tacar — e os demais circulando em busca do melhor ponto de vista. Diante da teimosia da última esfera em não cair na caçapa, depois de inúmeras tabelas com mais ou menos força e sutileza, os jogadores cruzavam uns pelos outros com excitação crescente, batendo no próprio peito à sua vez, como a dizer que a caçada chegava ao fim. Os colegas de dupla, ao passar um pelo outro, batiam os tacos no ar, em “X-tec”. Eles ficaram nesse bailado um bom tempo, o tom de voz crescendo, com explosões eufóricas diante da inacreditável série de acasos, que se obstinava em excluir a possibilidade razoável de encaçapar a última bola em poucos lances, ainda mais em se tratando de jogadores encontráveis ali com frequência aos sábados de tarde.

Nessa altura, com a visão impedida pelos adultos em torno da mesa, mas tão ávido quanto eles pelo desfecho da partida, fiquei atrás do autor da próxima

jogada, por acaso o tio Rodrigo. Ele passou giz azul na bucha do taco e se inclinou sobre a mesa. Estudava as possibilidades de bater na bola, certamente como eu mesmo fazia ao calcular o ângulo e a força antes de jogar meus botões de mesa contra a bolinha. Como se tivesse escolhido a estratégia, passou rápido o giz branco no taco e inclinou-se mais uma vez. Pelo ângulo novo, eu via a reta completa do taco — do ponto cego à bucha na ponta — até a caçapa, cruzando pelo bolão e a bola da vez, da última vez. A caçapa estava longe do tio, a bola preta ali, perto dela, num ângulo bastante enviesado, e o bolão branco quase colado à tabela na longitudinal. Era toda a extensão da mesa, e dar prolongamento ao taco por um curso completo através das incertezas do espaço, no jogo da matéria e suas forças através dos marfins coloridos, do feltro, das tabelas, em meio ao oceano das probabilidades infinitas, digamos assim, fazendo a seleção justa até a queda na boca negra, seria, por tudo que pudesse haver de sagrado no mundo, uma tacada e tanto, para não dizer de mestre. Diante da dificuldade do lance, não apenas eu, mas todos em torno da mesa ficaram mudos, o ambiente suspenso no silêncio demorado, seletivo, do tio apurando suas noções do jogo, fazendo seus cálculos, mobilizando os sentidos e todo o feixe de músculos e nervos necessários para o movimento perfeito. Nesse momento, inclusive, cessaram os chistes e as apostas contrárias dos demais, com o interesse próprio dos apaixonados que colocam, ao menos por instantes, a beleza do jogo bem jogado acima dos interesses pessoais.

Curioso, para não dizer infantilmente fascinado,

tão próximo que ainda estava da infância, com todos os sentidos absorvidos pela expectativa de como o tio resolveria o problema, inclinei-me, e fiquei apoiado em meus próprios joelhos, medindo a dificuldade da jogada pelo ângulo de toda minha pouca experiência, como um simples *voyeur*. Cheguei a fechar um olho, como se espiasse por um buraco de fechadura, na esperança de descobrir o segredo da vida, o mistério da morte, a cifra do Universo. A jogada do tio, no seu grau máximo de tensão, comportava todo tipo de expectativa para a mente de um adolescente como eu, quando todas as formas lógicas de pensar eram varridas pela esperança de um desfecho positivo. Eu torcia pelo tio Rodrigo, claro. Entretanto, apesar da visão única e privilegiada dessa armação toda, não pude ver o remate do lance nem nada mais. Porque o tio, assim que se decidiu a atacar a esfera — depois do ensaio do golpe por diversas vezes —, ao trazer a mão para trás no seu último movimento antes do ataque, com a firmeza das grandes tacadas, e canhoto que era, deu com a ponta cega do taco no meu olho direito.

O mundo escureceu completamente.

Quando pude ver outra vez, o olho latejando e embaçado, já ia em direção ao pátio dos coqueiros, onde ficava o bar à esquerda e o principal de tudo à direita: a cova da carpeta. Ali o mundo acabava, ou começava o espetáculo de um universo suspenso. Se no salão do bilhar dominava um verniz de civilização e rigor entre lances aleatórios, aqui, na cova dos leões, como também era conhecida a saleta do carteadado, esse verniz era constantemente arranhado — e às vezes até

removido — para dar lugar aos impulsos lotéricos da natureza humana.

Borrego. Mimo. Pichunga. Teda.

Entre copos de cerveja e um cinzeiro até a metade, jogavam pôquer.

Mal entrava na saleta enfumaçada, Borrego me recebeu com sua mecha de cantor de boleros, atirada para o lado com aquela amabilidade de praxe:

— Carancho de fora não bica.

A conversa ali nada tinha a ver com o jogo. Enquanto o Mimo distribuía as cartas da nova rodada, Pichunga levou a mão esquerda — a de seu anel do Fantasma, com a caveira cravejada de brilhantes vermelhos nas covas dos olhos — para a mesa auxiliar com o balde de gelo e pegou uma das garrafas:

— Não foi de graça que esse Nito ganhou o apelido de Louco da Ponte.

Falavam no filho do ecônomo, que nas tardes de sábado ficava no lugar do pai, atrás do balcão. Diziam ter um parafuso faltando, e, se não tinha, ao menos uma polca sobrava na sua cachola, porque uma conversa com ele dava mais trabalho do que tirar tentos de um couro.

Nito tinha dificuldades com assuntos simples; na maioria das vezes ficava em silêncio, a cara fechada, o olhar fixo no vazio. Aliás, não costumávamos pedir sua opinião para nada, mas, quando acontecia, era preciso primeiro lhe explicar o caso em miúdos. Caso contrário ele se embananava, tínhamos de começar tudo de novo e com paciência para ele não se zangar. Se algum trecho faltava ou vinha fora de lugar, ele lembrava na tampa tal qual uma criança, a

voz alta e rouca. Mas era ótimo em Matemática, fazia de cabeça cálculos bem complicados, para os quais a grande maioria das pessoas não hesitaria em catar uma calculadora, e dava o produto final com os olhos gordos de vaidade. Talvez fosse como essas pessoas que, para desenvolver todo o seu potencial numa única especialidade, para aí dar o seu máximo e alcançar resultados jamais obtidos pelos outros especialistas no campo, deixam o resto da vida de lado. O resto, claro, é a vida social, as ocupações mezinhas, os bens materiais, passeios turísticos, etc. Como se a vida fosse apenas uma fogueira. E o dia a dia entrasse aí como achas de lenha para manter acesa a chama da paixão, essa grande chama que consumiria familiares, amigos, vida social, patrimônio, etc., para no fim acabar como todos os fogos acabam, seja o da lareira ou o do incêndio de um quarteirão inteiro, em cinzas.

Vagamente, eu pensava em cientistas, atletas de alto rendimento, jogadores de xadrez, artistas, etc., que com o adestramento de sua inteligência e o desenvolvimento de seu talento, calculam quinze lances antes de uma jogada, resolvem mentalmente equações de física quântica, calculam uma corrida inteira de Fórmula 1 ou a idade estimada do Universo, por exemplo, mas que muitas vezes são incapazes de realizar tarefas bem simples como pregar um botão. Tirando a batida estranha, eu julgava o Nito com esse tipo de gênio, sua vida fora da caixa — como Gorki jogando sal na comida ou mudando as horas do relógio na parede para se divertir com a reação das pessoas — seria apenas uma das tantas maneiras como esse tipo de espírito se manifesta. Embora seu talento

para a Matemática já pudesse ser o sinal, eu não fazia ideia de qual seria a sua paixão absorvente, qual campo do espírito humano ele desbravaria até se consumir por inteiro, mas não me espantaria se um dia soubesse de um prodígio seu.

Às vezes o encontrávamos na rua falando sozinho, não como certas pessoas que precisam de amigos, jovens ou velhos distraídos que ficam mexendo os lábios, jogando a mão para o lado, essas coisas aparentemente sem motivo. Bem pelo contrário, Nito conversava como se tivesse diante de si alguém de carne e osso, franzia a testa e balançava a cabeça e os braços com uma expressão concentrada ao máximo. Se ele discordava do ente imaginário, soltava um palavrão em voz alta e com ar de completa indignação, como se discutisse algo sério e doloroso. Nesses momentos não nos cumprimentava, parecia não conhecer ninguém em São Donato, nem olhava para os lados. Quando estava de bem com o mundo, no entanto, cruzava a Praça Matriz cantarolando uma quadrinha do cancionista guasca, do tipo “Argentino pé de gancho, etc.”; bastante receptivo nessas ocasiões, a expressão relaxada numa máscara de felicidade, acenava até para quem não conhecia, dizia uma piada ou fazia lá uma de suas graças. Morava com a família, próximo à Ponte Seca, e a cidade já conhecia muitas de suas histórias.

Pichunga encheu os copos e devolveu a garrafa ao gelo:

— Pior que dar pedrada nos carros, foi montar no tanque do Exército.

Quando cruzavam de carro a Ponte Seca na direção do Caça e Pesca, em especial nos finais de sema-

na, os motoristas ficavam de olho nas suas margens e cabeceiras, de onde a qualquer momento poderia voar uma chanta de basalto, as piores possíveis, as nossas preferidas para jogar. O caso mais famoso foi quando Nito acertou o para-brisa de uma camioneta da prefeitura. Os funcionários lavraram o boletim de ocorrência na polícia, mas, quando souberam de quem se tratava, deixaram a coisa de lado e foram direto ao pai dele no clube fazer acordo.

Teda, com a camisa volta ao mundo lilás dos sábados e entradas precoces, os cabelos ruivos e curtos, segurou suas cartas:

— Essa eu não conheço — dizia em referência à história do tanque.

— Foi na enchente de 64 — disse Borrego. Olharam a própria mão. Fizeram as apostas.

Mimo perguntou se alguém queria carta.

O Uruguai, quando enchia, ocupava a várzea onde foi feita a ponte, na verdade uma taipa de contenção, para que as águas não subissem pelo pequeno vale que se formava entre a elevação vinda do centro e a que seguia para a vila dos Fuzileiros Navais. Sem vão, sem córrego nem sanga, sem um pingo d'água durante meses a fio, o fecho transversal acabou recebendo aquele nome. Quando muito, nas chuvaradas, formavam-se charcos tomados de juncos e macegas em ambos os lados. No verão, a Ponte Seca levantava uma polvadeira que cobria as casas do lugar, inclusive a do Nito.

Pichunga trocou um par de cartas com a mão do Fantasma:

— Nesse ano ainda não tinham levantado a

ponte, a vila dos fuzileiros isolou-se do resto da cidade, pois só o Cambaí tinha subido cinco metros. O céu desabou com anjinhos e serafins, descia vaca, porta de geladeira e até rancho completo rio abaixo. O único meio de transporte para o pessoal do outro lado era um blindado do Exército. As pessoas faziam fila nas duas margens, e, tanto numa quanto na outra, os soldados organizavam os embarques. Até quem não tinha nada a ver com o peixe foi tentar uma voltinha. — Pichunga deu um gole na cerveja: — Ninguém sabe como ele fez, mas quando menos esperavam, lá estava o Nito montado no tanque: na travessia daquele tremedal de água. Todo feliz, balançava uma bandeira do Inter.

— Do Grêmio — disse Mimo.

— Era do Inter — disse Borrego. — O meu pai estava lá, ia ao Valmor passar um rádio pra prefeitura de Uruguaiana, pedir remédio e cobertores.

Mimo levantou da cadeira, foi até a janela com as cartas contra o peito e sua medalha dourada, e gritou para o bar:

— Gringo!... Tu é gremista ou colorado?

Da janela do bar veio a voz rouca:

— Gremista, só se eu fosse puto!

Essa era uma das características do Nito, disparar palavras quando incomodado. Mas a vez que ficou célebre foi quando, na infância, instigado na beira do cais por um malicioso que lhe falava de um peixe raro, Nito gritou a plenos pulmões para as águas barrentas, no meio de toda gente que embarcava ou vinha do Alvear, o nome da tal espécie, raríssima: Caralho voador! Voa, caralho! Outra vez, a plenos pulmões: Voa cara-

lho voador! Voaram, sim, mas foram muitas risadas e alguns protestos.

Pichunga jogou suas cartas na mesa, uma sequência frustrada de bastos, e pegou o copo:

— Mas isso não se compara com a teoria dele sobre a origem do Universo.

— É verdade — disse Teda. — Essa é de lascar.

Mimo não conhecia e Borrego só a tinha ouvido por alto, a pessoa que tentara lhe contar, talvez pelo complicado do caso, se embananara toda.

— É que tem que ser contada por ele — disse Pichunga, dando voltas no anel com o polegar. — É coisa de louco, mas vale a pena. E tem siso, porque outro dia li um artigo na *Realidade*, e muita coisa do que ele diz está ali.

Suspenderam o jogo e Mimo foi outra vez até a janela e gritou:

— Nito!... Vem aqui tirar uma dúvida nossa... É sério, chê, vem cá!

Um minuto depois Nito entrava na saleta. O Louco da Ponte, como o chamávamos, era loiro de olhos azuis, a pele tão clara quanto o branco das cartas; alto e magro feito um eucalipto infante, tinha bíceps grandes e ombros robustos; apesar da estatura, andava encurvado feito um chimpanzé darwiniano.

Nito, com sua barba de semana, parou entre Mimo e Teda, o rosto franzido e sério. Pichunga lhe pediu:

— Diz aí, Gringo, aquela história que tu me contou sábado passado.

— Que história? — disse o outro com um ar de desconfiança.

Pichunga se jogou para trás e agarrou-se aos braços da cadeira:

— A da origem do Universo.

— O Big Bang? — disse Mimo erguendo a cara para o outro, com ar pouco sério. — Não sabia que tu te interessava por essas coisas, bandido.

— Big Bang uma pinoia — disse Nito com sua voz rouca.

— Banguê-banguê? — disse Mimo, segurando a medalha.

— Isso é história pra boi dormir. Só vocês acreditam.

— Ele leu um fascículo da Abril com essa teoria — voltou Pichunga. E olhando para o Nito: — Até andaste fazendo uns cálculos sobre velocidade e tempo, não foi?

— Eu sou muito bom em Matemática.

— Disso ninguém duvida — dizia Teda se voltando na cadeira para olhar melhor o outro. — Quem te viu no caixa pensa que tu é PhD em cálculo.

Nito não parecia disposto a dar sua versão sobre a tal origem. Como se quisesse ganhar tempo, contornou a mesa do carteadado e foi até a mesinha auxiliar entre Pichunga e Borrego, pegou a garrafa já aberta e passou a encher os copos. Ao cruzar com ela sobre o campo do jogo, sob protestos, deixou pingar água no feltro e nas cartas. Como não foi suficiente, largou essa no parapeito da janela atrás de Mimo, apanhou o abridor no bolso do guarda-pó e se dirigiu outra vez para a mesinha auxiliar. Pescou a última garrafa e agora a secou com o pano do balde.

— Deixa comigo — disse Teda. Tomou o ins-

trumento e a garrafa de suas mãos e abriu-a, segurando-a pelo bico. Em seguida, com ar de satisfação adolescente, bateu firme o abridor no corpo da garrafa três vezes, e as bolhas, instantaneamente, se soltaram das paredes do vidro e subiram até o gargalo. Ele serviu os copos que faltavam: — É pra acordar. Desperta o sabor da cerveja.

— Vamo acordá! Vamo acordá!

Todos beberam. Pichunga ofereceu um gole ao Nito, mas este disse que não bebia por orientação médica, a expressão subitamente fechada:

— Não jogo e não bebo, meu vício é mulher.

— Ah-zá, galo velho! — disse Mimo. — Quem ouve, até acredita.

Com o ambiente mais descontraído, Borrego, jogando a franja para trás, levantou o olhar para o Nito com ironia:

— Então tu não crês no Big Bang?

— Essa história tá é mal contada, isso sim — disse Nito entre Borrego e Teda, a voz subitamente branda. — Quem é idiota pra acreditar que tudo que tem no mundo, a massa dos planetas e das estrelas, estava tudo concentrado num espaço menor que um bioquinho, que a ponta do mindinho, ó? — E, com a mão no ar, apertava a ponta do dedo mínimo, como se fosse decepá-lo com o polegar.

Mimo, levando o copo até a boca, acompanhou-o:

— É duro de engolir. Até correntino desconfia duma lorota dessas.

— Nem com reza brava se mete o universo numa ervilha — disse Borrego, o único que até ali não soltara as cartas na mesa. Devia ter uma fula.

— Nem Deus? — disse Mimo com um ar pícaro, aproximando a medalha da boca. — Olha que ele pode muita coisa, hein!

— Não mete Deus nessa história — disse Nito, a voz rouca outra vez. — Deus não joga pôquer.

— Deus não joga, mas fiscaliza — brincou Teda, com a pequena clareira brilhando no coco.

Nito ignorou a tirada:

— É óbvio que essa matéria toda já existia, mas de outra forma, talvez um gás, vários gases primordiais, mas é claro que já existia.

— Boa! Gases primordiais, sim...

— Então como é que se *deus* essa transubstanciação? — gracejou Mimo.

— Um incêndio — disse Pichunga, que já conhecia a história. — Conta aí, Nito.

Nito olhou para as próprias mãos espalmadas, de calos grossos, e, enquanto as girava no ar, foi falando com um entusiasmo novo, a voz mais branda.

— O Universo era, ainda é, feito de gases que circulam no espaço.

Borrego inclinou-se para o lado:

— Assim! — e soltou um, estrondoso.

Nito enfureceu-se:

— Vai gozar com a tua mãe, filho da puta! — e ficou encarando Borrego com uma expressão dura, franzida na testa e nos lábios, as faces subitamente congestionadas de sangue, a barba parecendo uma lixa.

Os outros chamaram a atenção do parceiro de jogo, pediram desculpas ao Nito, prometendo que na próxima vez Borrego deixaria a saleta.

Pichunga, que parecia ter alguma ascendência sobre Nito, insistiu:

— Continua, vai.

Nito ergueu os olhos para o ventilador no teto e apertou os lábios e os punhos. Ficou assim por alguns segundos, até que aos poucos, relaxando, voltou a agitar as mãos e respirou fundo, inchando o peito.

— Agora vai — disse Mimo.

Nito Passou a língua nos lábios:

— Pela lei da gravidade, as moléculas dos gases foram se apertando, se comprimindo cada vez mais.

— A matéria da *Realidade* — cortou Pichunga — dizia que antes do tal Colosso não tinha leis da Física coisa nenhuma.

— Alguém fez prova? — disse Nito com ar de pouco caso e alguma irritação. E logo voltou, a voz mais macia, com um semblante de vívido prazer, como se fosse mencionar os episódios de um grande amor: — A atração pela lei da gravidade pôs as partículas em movimento, e elas, se encontrando, formaram os primeiros átomos, e logo depois as primeiras moléculas.

— Uma colônia de moléculas, Gringo! — disse Teda.

Nito continuou:

— E estas, mais pesadas, atraíam os átomos e as partículas livres. E, mais pesadas ainda, atraíam agora as moléculas mais leves, e isso tudo cada vez mais rápido. Só que essa agitação toda fez o calor aumentar. E o calor, aumentando, afastava as partículas ainda livres, depois os átomos e em seguida as moléculas mais leves. Afastadas, elas esfriavam e eram atraídas

de volta.

— Ieco-fum, ieco-fum! — dizia Borrego balançando a franja.

Nito foi adiante:

— E, atraídas de volta pela gravidade, essa matéria toda voltava a se chocar com as moléculas mais pesadas e entre si. Isso acontecia em várias partes do espaço. Onde tinha as moléculas maiores, se formavam os gases mais pesados, com força maior de atração. A agitação aí era mais intensa, e ia crescendo enquanto o fenômeno de atração e repulsão também aumentava. Esse vaivém, em muitas partes desse mundo de gases, fez com que fosse aumentando a temperatura de todo o sistema, compreendem?

— Nã-hã-hão — disse Mimo, soprando a medalha com um riso estridente.

— Eu prefiro outro vaivém — disse Teda.

— Mas continua, que essa história tá ficando boa — disse Borrego. — Tá esquentando!

— O aumento da pressão e da temperatura, a energia cada vez maior, pôs tudo pra circular em volta. Então o calor aumentou ainda mais, aumentou, aumentou até que o gás mais pesado e inflamável se incendiou e explodiu tudo.

— Ah, então tu acredita no Big Bang — disse Teda.

Pichunga, limpando a espuma dos lábios com o dedo do Fantasma, corroborou as palavras de Nito:

— A prova disso, segundo li na *Realidade...*

— Tu não tem outra coisa pra ler? — disse Mimo.

— ...é o que os cientistas chamam de radiação de fundo, um ruído igual em toda parte no Universo,

de micro-ondas de mesmo comprimento. São os vestígios do Big Bang, dizem.

Mas Nito sorriu para o lado, com desprezo:

— Isso na cabeça desses preguiçosos.

Borrego estrelou os olhos:

— Não conta?!

Pichunga, não querendo que irritassem Nito, bateu no braço de Borrego:

— Escuta, Chê Ninguém, que o melhor ainda está por vir.

Borrego caçou a garrafa, pousou e girou-a um instante no pano do balde e encheu mais uma rodada de copos, sorrindo, mas sem soltar as cartas.

— Não foi só um — voltava Nito, o entusiasmo renovado. — Foram, estão sendo, são vários Big Bang.

— Verdade?

— Como eu disse, em diversas partes do espaço, onde tem o gás mais pesado, ali vai acontecendo todos aqueles eventos: a gravidade, os movimentos, os choques, a energia aumentando...

— A gravidez!

— ...até que as explosões vão acontecendo em muitos lugares. Não dá pra saber quantas já aconteceram, mas com certeza já foi mais de uma.

— Qual é a prova? — quis saber Mimo, picante.

— Simples! O choque das galáxias. Andam se pechando porque elas vêm de direções contrárias, qualquer bebê de colo sabe disso. Elas vêm de explosões diferentes, muito longe umas das outras. Talvez as explosões tenham se encontrado, se chocado, e nessas regiões deve ter ficado provas.

Mimo, os olhinhos brilhando, bateu com o copo

na mesa:

— Se chocam, sim, mas não será porque o espaço é curvo?

— Ah, então por isso falam em ovo do Universo.

— Deus é a chocadeira.

Nito riu pelo nariz, com desprezo ainda maior:

— Bobagem! Vocês andam lendo merda. Se o espaço fosse curvo, estaria tudo girando feito um carrossel, e o Universo continua se expandindo.

— Olha que ele pode estar fugindo em tobogã — disse Pichunga.

— É uma hipótese — disse Nito —, mas não muda a fuga em expansão.

— Ooolha, que muda — disse Mimo, numa ameaça fanfarrona, de quem não sabe nada do que sugere saber.

A tarde caía rapidamente atrás de Mimo, os coqueiros num tom cinza cada vez mais fechado. O meu olho direito ainda latejava, lacrimoso, mas a história da tal origem me fazia esquecer a dor.

— A outra prova simples contra a singularidade, como eles chamam esse instante único e primordial...

— “Único e primordial” — repetiu Teda. — Olha só!

— ...que mandou tudo pelos ares, é puxar flechas, vetores das estrelas, das galáxias, dos conglomerados de galáxias. Eles têm que convergir pro mesmo ponto, se são efeitos da única e mesma causa, entendem?

— É como diz o Pelé: — dizia Mimo com o soquete do craque: — Entende?

Nito ignorou mais essa tirada:

— Ao contrário, o que se vê no espaço, com essas constantes pechadas de galáxias e seus conglomerados, é que elas vêm de pontos diferentes. Logo, não podem ter saído do mesmo lugar, da mesma explosão. É simples assim.

— Pelo menos tem lógica — disse Teda mexendo nas cartas, algo sério.

— A menos que o espaço seja curvo — insistiu Mimo com ar de troça.

— Mas e a gravidade? — disse Borrego, sóbrio, a mecha descansada próximo ao seu olho direito. — Não seria ela, a massa maior puxando a menor, a causa dessa confusão de movimentos aparentemente contraditórios?

Mimo soltou um riso chasqueado:

— Nessa aí tu te puxou, hein, Lanudo? Apavorou!

— Mas elas podem ter vindo de outras explosões, de vários Big Bang — disse Pichunga tirando o anel do Fantasma.

Pela primeira vez houve silêncio na saleta.

Borrego, depois de alguns instantes, atacou novamente:

— E como é que tu nos explica a matéria, chê? De onde veio tudo isso?

— Primeiro os gases.

— Já sabemos.

— Depois a explosão. Ficaram os resíduos.

— Resíduos?

— Sim, restos das explosões — disse Nito cheio de si, como se fosse a coisa mais natural do mundo explicada para uma turma do primário. — É como os

restos de um pavio de vela, ou de um jornal de domingo, que queimou levados pelo vento. Aqui o vento é a explosão. Então, a matéria é o que sobrou das explosões, dos gases queimados, esses resíduos que se juntaram pela gravidade pra formar as estrelas, os planetas, os asteroides. A matéria agora se movimenta em expansão, em fuga a partir do centro de cada uma das explosões. Por isso mesmo se chocam. Acho que já disse isso.

Mimo teve um estalo:

— Nesse caso, é bem provável que uma delas foi a primeira.

— Essa foi o jornal de segunda-feira — disse Teda balançando a tonsura.

— Claro — concordou Nito.

— O primeiro Big Bang — voltou Mimo com ar matreiro.

— É, podemos dizer que essa explosão, no ponto onde tinha a maior concentração de gases pesados, foi a que começou tudo — retomou Nito. — E, por onde ela passava, ia varrendo o espaço todo com o calor de sua energia. E assim semeou Big Bang em muitos pontos.

— Como o velho Zulu jogando sementes de *Cannabis* na hortinha dele — disse Teda. — O Véio Louco sabe das coisas, hein. Sempre viajando. — E num tom velhaco para Nito: — É teu avô?

Nito seguiu indiferente, com espuma de saliva nos lábios:

— E conforme tem mais ou menos matéria concentrada, os gases, o evento é mais ou menos forte, empurra os menores ao se chocarem.

Lá fora já escurecia. Mimo espichou-se na cadeira para trás e acendeu a luz. Ao se aprumar outra vez, perguntou ao Nito:

— E o ruído de fundo do universo, se é constante, como tu explica? Não devia ter picos de altura, conforme acontecem as explosões?

Nito pela primeira vez titubeou. Sua expressão era de quem não tinha pensado nisso, não nesses termos. Enfiou as mãos nos bolsos do guarda-pó:

— Talvez porque aconteceram muito longe daqui, faz muito tempo, ou então os vestígios dessas explosões antigas estão encobertas pelas atuais, de mesma frequência — disse Nito, um tanto embaraçado. — Nesse caso, o comprimento das micro-ondas é o máximo que podem atingir no nosso espaço. Ou tem muito espaço e muita massa que uniformizam o som.

Teda deu um último gole de cerveja:

— Se entendi bem, essas explosões estão acontecendo agora mesmo.

Nito encheu o peito:

— É claro! Todo o tempo. Isso é o que eu chamo de EEUUs...

— Deus?

— EUA?

— Não!... E-EUs, Explosões Expansivas do Universo. — Ele ficou pensativo um instante, e logo voltou: — Não sei se a comparação é boa, mas imaginem o espaço sideral antes da primeira explosão, o universo primordial dos gases. Imaginem isso como uma grande piscina.

— Uma piscina de partículas — disse Pichunga.

— De átomos — disse Borrego.

— De moléculas — agregou Teda.

— Mas uma piscina sem as bordas, uma piscina gigante de gases expandida para além dos confins do Universo — continuou Nito, tirando as mãos dos bolsos como se jogasse confetes no ar. — É o Universo da matéria em expansão, o nosso Universo conhecido, mais todo o desconhecido em volta.

Pensei na caixa de sapato e em tudo que está à sua volta — para além.

— São Donato mais o mundo! — disse Mimo.

— É, tu e a humanidade, Chê Ninguém — disse Pichunga enfiando o anel-Fantasma de volta.

Borrego entrou no joguinho balançando a franja:

— Então sou eu e os meus pensamentos.

— Não, Seu Imbecil — disse Teda. — É tu e o desconhecido!

— Tu, O Desconhecido! — disse Mimo.

Nito foi adiante:

— Pois bem, imaginem que no centro dessa piscina sem margens, aconteceu a primeira explosão, vamos dizer que foi o Big Bang que formou o nosso Universo. Que foi crescendo, crescendo... E provocando novas explosões por onde passava. Essas explosões, por sua vez, vão dando novos impulsos à explosão original, abrindo novas direções, conforme suas densidades... Em termos de Universo na piscina, pensem que o Universo em que estamos...

— O nosso velho conhecido, em expansão — disse Pichunga.

— ... é apenas, sei lá, um espaço do tamanho de uma bola de futebol dentro de uma piscina olímpica, ou uma piscina do tamanho da Lagoa dos Patos, ou do

oceano Atlântico...

— A piscina de partículas original, muito além do Big Bang — insistiu Pichunga. — Ela envolve o Big Bang, ou a série deles, como o ar envolve o ovo.

— O ninho de Big Bang — disse Borrego. — Tô entendendo.

— Já não era sem tempo, Lanudo.

— Então, a piscina original — dizia Teda num tom de quem fazia um grande achado, balançando a clareirinha no topo da cabeça — já estava, e ainda está... É muito aquém do Big Bang.

Nito retomou a palavra:

— Viram? Vocês percebem o quanto de piscina ainda tem pra explodir, quanto de gás tem pra se incendiar, quanto de matéria ainda tem pra ser criada?

— Pra quem atravessa o Uruguai a nado — dizia Mimo, que se vangloriava de cruzar o rio diversas vezes num ano —, é fichinha! — E pegou a medalha.

— Agora ponham a piscina na escala real, sem margens, do tamanho maior que o astronômico, o Grande Universo, mais que o conhecido, o aqui suposto e imaginado, o sem fim, que envolve o nosso Universo e seu Big Bang ou sua série em expansão — voltou Nito. — Ou seja, a explosão, nos confins do nosso Universo, na crosta da bola dentro da piscina, essa explosão ainda está acontecendo. — Fez com as mãos uma esfera (eu lembrei o jogo de bilhar), e logo foi separando-as: — A bola continua inflando, inflando.

— Vai explodir! — disse Mimo.

— E assim continuará o tempo todo, enquanto tiver lenha pra queimar — seguia Nito. — Então, o ruído de fundo, tal como percebemos hoje, não é o

ruído de 13, 16 ou 20 bilhões de anos atrás, ou apenas ele, como querem os lunáticos que acreditam na teoria furada de um único Big Bang.

— É o ruído dessa explosão que ainda está acontecendo — arriscou Teda.

— Neste exato momento — acrescentou Nito com visível satisfação. — Na verdade, essa explosão é a soma das diversas explosões provocadas ao longo do caminho, as EEU's. Isso pode estar acontecendo, também, em outras partes da piscina, do caldo primordial, outras séries de explosões, de outros Big Bang. A piscina primordial é um ninho de Big Bang.

— Eu também estou cheio dessas explosões — disse Borrego.

— Quem vai levar um caldo daqui a pouco é tu — disse Mimo.

Teda segurou com firmeza os braços da cadeira, e apontando a caldeirinha do coco para mim:

— Mas então, se isso... *pode estar acontecendo...* é porque não se tem certeza.

— É, magrão — Mimo apurou-se na cadeira: — Cadê a prova?

— Bhá, Calhau, Guri! — explodiu Borrego. — Agora te pegaram.

Nito sorriu com visível desprezo, escondendo as mãos no bolso:

— Ora, tudo é uma questão de lógica.

— Lógico... Entendo... — dizia Teda balançando a tonsura — Questão de Lógica... Claro... Agora entendi tudo.

— Que demora, hein, Tedinha? — disse Mimo.

Borrego abriu os braços, mas logo trouxe a mão

das cartas para o peito:

— Agora sim, tudo se encaixou. Finalmente!

— Se encaixotou, isso sim — sorriu Mimo.

Pichunga esvaziou a garrafa no próprio copo e o estendeu a Nito:

— Chê, molha o bico. — Enquanto o outro limpava os lábios, e já estendia o braço para o copo, Pichunga, visivelmente feliz pelo desempenho do Louco da Ponte, acrescentava: — Depois dessa, tu merece um barril de chope.

— Um barril, mas de vinho, Gringo — disse Teda.

Um tanto apreensivo, eu arrisquei:

— Mas o médico não te proibiu de beber, Nito?

— O golinho do Santo não faz mal — disse Mimo.

Nito sorriu como se tivesse metido o pé numa armadilha. Deu o gole.

— De Sanctis e de Loucos — dizia Teda —, todos nós temos uns poucos.

— Améns — disse Mimo.

Quando Nito terminou sua história, ou a história do Universo resumida a frações de segundo de uma bolha de sabão, já era noite fechada. Até mesmo Mimo, o último a se render à seriedade de Nito, mantinha no rosto apenas a máscara de um sorriso zombeteiro. Todos, à exceção de Pichunga, que já conhecia bem a história, pareciam ter se enfiado numa poderosa armadilha, da qual escapariam somente com alguma leitura especializada. Na mesa de jogo, viravam as cartas de maneira aleatória, entre os copos já vazios. Borrego tinha uma trinca de ases. Eu esfreguei leve-

mente o meu olho ferido no bilhar, para tirar o excesso de líquido. Os mosquitos, indiferentes aos espasmos do Universo, já mergulhavam em rasantes cegos pela janela atrás de alimento.

— Só faltou explicar de onde vieram e como surgiram os gases primordiais do Universo — dizia Borrego mal recuperando o ar de troça —, porque os meus vieram do intestino e foram causados pela batata-doce do almoço e a cerveja.

Nito olhou duro para Borrego:

— O que a gente não sabe o que é nem de onde vem foi Deus quem fez.

— Só isso? — disse Mimo. — Tu não acha pouco? Apenas as moléculas...

— Pois Ele está no início, no meio, e no fim — disse Nito com voz forte e rouca. — Com o tempo, vai tudo se desfazer, vão sobrar só as partículas primordiais. — E, com ar de vitória, apontou Mimo: — Do pó vieste, ao pó voltarás!

— Hiii! — fazia Teda como se fosse uma sirene de bombeiros: — Então tem o risco de começar tudo de novo.

— É — disse Mimo. — A primeira molécula vai chamar a sua vizinha, que vai chamar a outra vizinha, e mais uma vizinha, e assim, de fofoca em fofoca...

— Ieco-fum, ieco-fum!

— ...vão criar o primeiro átomo, depois a primeira molécula...

— Que chatice — disse Teda. — Tudo outra vez, não...

Pichunga riu pelo nariz:

— Então vamos nos encontrar de novo, daqui a

trilhões de anos, aqui mesmo, pra jogar e discutir tudo isso outra vez. Ah, larguei vocês de mão!

Todos riram. Inclusive Nito, que estava visivelmente orgulhoso, como se fosse o responsável por todos esses eventos e a garantia do nosso futuro.

— Na próxima vez — chasqueava Borrego —, não perco tempo com a trinca de ases.

— E eu vou te tosquiar na sequência — disse Mimo remexendo as cartas.

— Pode não ser vero — disse Teda com vivacidade —, mas que tá bem trovado, tá. Já é uma história e tanto pra começar a noitada do sábado.

— Explosiva — sorriu Mimo, alto e forte.

Borrego não ficou atrás:

— É o que eu sempre digo: esse mundão de gases e poeira cósmica é apenas um peido de Deus.

— Cada peido um Universo! — secundou Mimo.

— Pra ser *fiel* ao que disse o Nito — voltou Teda, batendo com uma tampinha no copo — o Universo é uma bateria de traques divinos. Vamo acordá!

— Vamo acordá, vamo acordá!

— Idiotas.

— Precisávamos de uma explosão dessas aqui, Nito, uma ponte subterrânea ligando o Clube do Comércio ao cabaré da Gringa — divertia-se Borrego.

Pensei na tumba.

— Um túnel desses nos pouparia esforço e explicações em casa — disse Teda.

— O Túnel de Vênus!

— De Vento! Daqui a trilhões de anos, quem sabe.

— A piscina do amor.

— Boiolas!

— Olha o preconceito, bandido.

Em seguida levantaram-se, cataram dinheiro nos bolsos e se foram com o Nito fechar a conta. Eu, também maravilhado com as maluquices do Louco da Ponte, pensando que me atrasava, entrei no corredor principal já iluminado, desci os degraus e fui sair na rua deserta, açoitada por um súbito pé de vento que anunciava a virada do tempo. Antes de tomar o rumo de casa, ajustando as pupilas ao escuro de fora, levantei a cabeça e olhei o céu, mas com toda a desconfiança que as estrelas mereciam depois da trova de Nito.

**A BANDEIRA
DE CUBA**

1

Quando a pendurei na sacada de casa, não imaginava as consequências. Era uma bonita bandeira de listras brancas e azuis na horizontal, com um losango vermelho à esquerda, e, dentro dele — com cinco pontas —, a estrela branca da ilha. Que as bandeiras deviam ficar no alto dos mastros, penduradas de cordões ou fixadas em varas, eu já sabia, e de preferência sopradas por uma brisa suave, como diria mais tarde Castro Alves: “Auriverde pendão da minha terra, que a brisa do Brasil beija e balança”. Para isso, inclusive, ela tinha o canutilho de pano na banda esquerda. Mas eu não tinha qualquer ideia de nação; o máximo era um vago amor pelas belezas do país e por alguns símbolos da pátria, como a própria bandeira e o hino brasileiros, encontrados nos livros do colégio ou nas revistas na banca do Félix.

Embora não fosse a do Brasil, pela qual já alimentava alguma ternura, a bandeira com a estrela solitária me conquistou assim que preguei os olhos nela. Encontrei-a junto à velha enceradeira e a uma poltrona crivada de cupins, detrás de uma parede falsa. Que era na verdade a fotografia gigante de uma paisagem central de Porto Alegre: altos edifícios da Borges e da Duque de Caxias, o viaduto Otávio Rocha no centro e o plácido rio Guaíba ao fundo, num preto e branco frio, sério e rigoroso como o perfil dos prédios. Era a única imagem que eu então conhecia próxima à ideia de metrópole, e a partir dela derivava noções cinzentas acerca de grandes cidades, Nova Iorque por exemplo. Não sabia como nem por que essa ampliação de uma antiga foto do Bili tinha ido parar lá em casa, pois se

tratava de um painel para amplos ambientes.

Essa parede falsa do sobrado neoclássico em que morávamos, do qual a paisagem urbana da capital fazia parte, formava, com um tapume de madeira num dos cantos do salão, o quarto de despejo. O salão era o melhor da casa, nele eu passava boa parte do dia sozinho ou com amigos entre os estudos e as brincadeiras; inclusive jogávamos bola, com a paixão moleque dos felizes. O biombo às vezes servia de quarto para uma empregada que dormisse no emprego. Embaixo do salão com assoalho de madeira, que num passado distante fora escola e mais tarde salão de bailes do antigo Clube do Comércio, ficavam o escritório do pai, uma casa de móveis novos, a Caixa Econômica e parte da agência do Banco do Brasil — de frente para a Praça Matriz, o banco tomava conta de toda a esquina —, e muitas vezes um funcionário desses estabelecimentos vinha até em casa pedir que parássemos com o jogo.

Eu não sabia o que essa bandeira fazia ali, no quartinho empoeirado, esquecida ou abandonada, mas a considerei um grande achado, o troféu que tomei para mim e que logo já fazia parte de nossas brincadeiras.

Na época não tínhamos televisão em casa, o Cine Contursi, a duas meias-quadras de casa, se é possível dizer assim, também de frente para a Praça Matriz e na mesma avenida do banco, era uma das grandes casas da magia. Ele, com o Cine São João, povoavam o imaginário da cidade com cenas de banguê-banguê, os índios em camurças e adereços vistosos — com colares de dentes de javali e penas coloridas —, montados em possantes cavalos brancos ou bragados. E de dramas como o de *Dr. Jivago*, cuja cena de

morte do próprio, logo depois da partida do trem com sua amada, vi fortuitamente ao pé da escada de madeira antes da sala de exibição, escada que levava para a casa dos Contursi.

As nossas famílias eram amigas, e numa das noites do filme em cartaz, fui até lá para encontrar a mãe. Ela assistia ao filme com o casal Contursi, cuja moradia ficava numa espécie de mezanino na parte frontal e superior do prédio, acessada por uma escada lateral depois do saguão de ingresso. Era preciso explicar-se com o seu Antoninho, o homem da ordem nas matinês de domingo, caso quisesse visitar a família durante uma sessão. Entre o saguão e a escada havia um espaço — início de um dos corredores laterais — de onde se podia ver a grande tela. Mas os Contursi e a mãe viam o filme no quarto do casal, acomodados num sofazinho, pois eles tinham aberto uma enorme janela de vidro na parede do salão, para assistir aos grandes sucessos que levavam a São Donato.

Foi numa dessas noites, agoniado pela expectativa de ser surpreendido por seu Antoninho, que vi a cena em que Jivago, fulminado por um ataque do coração, tomba sobre o gelo para beijar a neve. Mas para mim, que ainda nada sabia das paixões desse e de outros órgãos, o personagem fora atingido por uma parte lateral do trem. Pois não era possível nem razoável que alguém, num cenário misteriosamente lindo e frio, como indicavam os luxuosos capotes dele e de sua amada, e numa ocasião tão comovente, embalados por uma música de serafins, não era possível que alguém num ambiente opulento como esse pudesse tombar de cara no chão, sem mais nem menos, e dessa forma

absurda abandonar o mundo, a vida, a neve — e a bela mulher — atravessados na garganta.

Nas outras noites, já deitado depois de ler o Evangelho, eu acompanhava — no escuro... do quarto — os filmes através do som das falas, dos galopes dos cavalos, dos tiros de escopetas, das trombadas de carros e dos trechos de música. Eu via os filmes com os ouvidos. Talvez me venha daí certas noções de ritmo e da importância dos efeitos sonoros e da trilha musical para o drama, pois notava quando o filme atingia seu clímax, ou quando o mocinho beijava a mocinha, ou quando iniciava uma cena de perseguição, suspense ou desenlace. Quando me encantava pela atriz do cartaz, resistia ao sono casando a imagem com a sua voz muitas vezes melodiosa, enraivecida ou angustiada, e eu mesmo me colocava diante dela para enfrentar o perigo, e depois, ao som dos compassos relaxantes, fantasiava cenas de abraços e beijos ternos em que, não mais que de repente, substituía a estrela da noite pela garota-atriz do meu dia a dia. Dormia feliz, sem necessidade de sonhos. Nos domingos, quando não ia à matinê (muitas vezes uma sessão dupla com Clint, Ringo & Cia), sabia o momento exato em que o herói matava o bandido — geralmente um mexicano barbigudo, bigodudo e chapeludo —, pois o cinema vinha abaixo com os gritos das meninas e as batidas de pé dos meninos que faziam o salão estremecer. Nesse ponto, inclinado sobre minha mesa de botão, procurando o melhor ângulo para acertar a bolinha e encobrir o goleiro, o punho da melancolia apertava meu coração sem dó nem ré, em especial quando sabia que a minha paixão, a menina do momento, a minha ga-

rota-atriz divertia-se no cinema.

Das sacadas de casa era possível ver o vasto salão da magia coberto por um teto de zinco, pelo que também se ouvia os golpes estridentes das chuvaradas de granizo castigando o mundo não se sabia bem por quê. Dali também se via a Matriz, com seus largos passeios, carros de praça e árvores de enormes copas, e, para o outro lado, uma ponta de várzea para além dos arrabaldes, que ia dar no magrinho Cambaí. Mas o mais espetacular, sem roteiro nem ensaio, foi testemunhar nesses dias o sol, do tamanho de uma pastilha para a garganta à altura dos olhos, se pondo — ou se escondendo, porque ele costumava desaparecer por trás do Embu — no fim da nossa rua. Só não pegávamos o sol com a mão, mais vezes, porque queimava. O Bili fazia séries de fotos do astro, e eu, do seu lado num fascínio mudo, ficava com a impressão de que ele e o sol tinham combinado a hora, a luz laranja-violeta, o enquadramento perfeito e a descida contínua e majestosa para catacumbas à margem oeste do Uruguai, até restar apenas o cenário preparado por São Donato. Eu às vezes fantasiava a sacada como o tombadilho de um transatlântico, fazíamos uma longa viagem de exploração cujo destino seria como o ápice de um filme de aventuras, a Grande Brincadeira em que agora eu seria o astro, claro. Então, a bandeira do povo vencedor da travessia devia ser hasteada no final da viagem — em sinal de conquista. As minhas vítimas preferidas eram os correntinos, espanhóis e mexicanos.

O achado da bandeira no quartinho dos fundos, em termos de cenário, foi o toque de mestre para essas

aventuras, algo real e verdadeiro o suficiente para garantir o valor da conquista, fosse qual fosse, pois não tinha ideia sobre as terras estranhas aonde o barco encontraria seu destino. Para mim, a bandeira tricolor tinha o seu significado especial, representava algum lugar ou um time de futebol importante, e que alguém de passagem sob as sacadas do sobrado, a pé ou de carro, numa carroça ou a cavalo, ao identificá-la saberia lhe dar o devido valor, e esse valor se somaria ao valor emotivo e afetivo que eu mesmo já lhe devotava. Afinal, ela já era a bandeira do meu time, do meu povo, do meu país maravilhoso. E a vontade de desfraldá-la talvez fosse um desejo de reconhecimento, uma vontade de compartilhar a alegria da descoberta com o restante da cidade, e, no máximo de minha fantasia, de fazer dela o símbolo comum de um novo mundo.

Às vezes as brincadeiras na sacada não eram tão inofensivas, como a manhã em que disparei uma bala de calibre 38. Nossas brincadeiras de mocinho, a bandeira já amarrada no pescoço, o revólver pendurado na cintura, eram sempre com balas de festim. Quando muito, atirávamos frutas de cinamomo com as fundas e um trabuco de taquara. As mortes, de difícil constatação, nunca eram completas, pois sempre sobrava um olho ativo ou uma perna ou um braço que teimava em se mexer. A brincadeira mais brutal foi numa tarde em que eu e alguns primos saímos do cinema depois de assistir a *Os Filhos de Katie Elder*, com John Wayne. Eu saí do Cine Contursi eletrizado com a cena em que um dos filhos, se bem me lembro, rolava um barril de pólvora para dentro do *saloon* e depois o detonava com um tiro de Winchester ou acendia o rastilho de pólvora

com a brasa do cigarro, explodindo tudo o que havia lá dentro — nesse tudo, juntamente com garrafas, copos, mesas e cadeiras, incluíam-se os bandidos, claro.

Como em outras vezes, saímos do cinema atirando: um primo e um amigo correram para se esconder atrás dos tufos da praça, e eu e outros galopávamos em sua caçada. Tínhamos noção de que a brincadeira deveria sempre terminar no pátio de casa, e a certa altura, ainda fazendo disparos protegidos por postes, árvores e a esquina do banco — que sonhávamos um dia assaltar —, nos dirigíamos para lá, alguns gravemente feridos, outros atingidos apenas de raspão. No dia de Katie Elder, a brincadeira tinha sido tão intensa e cobrira um amplo território da praça literalmente de guerra, que, ao atingirmos o pátio de casa, o grupo estava acrescido de mais três figurantes: um amigo e dois engraxates. Juntamos pedras e nos separamos em dois grupos. O pátio era dividido em três partes iguais, bastante amplas, resquício do tempo em que a casa fora escola e depois clube, com muros altos, ladeados de mamoeiros adultos e esguios. Eu tive o cuidado de antes pendurar a bandeira numa das janelas do segundo piso. Às cegas, jogávamos as pedras para o alto, em semicírculos às vezes bastante doloridos. Acompanhando suas parábolas letais, eu via de revesgueio — e imaginava o mesmo sendo feito pelos outros — o pano em azul e vermelho, com a estrela solitária, que chamejava o campo de batalha com seu toque incendiário de realidade. A brincadeira só terminou depois de algumas cabeças feridas, em especial quando uma testa sangrou atingida por uma chanta, ao ponto de cegar os olhos do seu dono.

A vida, ao contrário dos clichês fundidos sobre o interior, estava longe de ser um tédio. Quando não tinha o que fazer na rua, restava sempre uma gaveta da casa a ser explorada. O coração batia mais forte com um selo do Estádio Nacional do Chile onde o Brasil ganhara a Copa de 62, ou com uma pequena e mágica bússola cuja agulha tremia apontando sempre na mesma direção, aparentemente sem motivo. E, sobretudo, batia forte com a caneta-feiticeira alemã: de cabeça para baixo ou deitada, mostrava uma linda banhista de maiô preto, cabelos loiros e encaracolados à altura do ombro, que, quando colocada de pé, descia lentamente a peça de banho... Até oferecer por completo um corpo generoso, de seios desesperadores de tão cheios e belos, de curvas perfeitas, os bicos convidativos, o tufo negro enigmático, a beleza nova e desconhecida que já despertava uma promissora aflição.

A descoberta mais enigmática, no camiseiro do pai anos atrás, foi um saco de pedras com quartzo rosa, algumas pedras maciças de ágata e um geodo de ametista. Eram espécies abundantes no solo de São Donato, as encontrávamos em florações ilhadas nos campos das fazendas ou às margens do Uruguai, ou para os lados do Cambaí, quando pedalávamos para além da ponte próxima à antiga casa de força. O tio Tomaz tinha baixado hospital para extrair pedras da vesícula, contara o pai... E agora elas estavam ali, diante dos olhos. Eram lindas, tão ou mais mágicas que a bússola e a caneta alemã, trêmulas. Mas como tinham ido parar na vesícula do tio Tomacito eu não fazia a menor ideia. Ele as engolira no almoço sem perceber? Não arranharam a garganta? E como podia ele deitar, correr,

sair por aí com um volume desses no corpo, fosse onde fosse a vesícula? O tio não sabia, ou gostava de carregar pedras? O pai sorria das perguntas.

Mas o achado assustador e de consequências graves foi o Colt 38, o Cavalinho, do pai. Ele o carregava para o campo e nas longas viagens até Porto Alegre, quando tinha de enfrentar estradas de buracos e pedras pipocantes que muitas vezes causavam furos nos pneus. Em tais ocasiões, ficava-se tempo demais à espera de socorro, o espírito inquieto na expectativa de algo indesejável, pois nunca se sabia a índole do próximo viajante. Não se levava mais de duas estepes no porta-malas, e, não raro, antes do conserto do primeiro furo, um segundo ou até terceiro furo atingia os pneus. Por sorte, o pai nunca precisou sacar o Cavalinho, temor constante da mãe, que o recriminava com o argumento de que ninguém, ninguém carregava uma arma se não fosse com a disposição de atirar, sobretudo se do outro lado viesse alguém com a mesma disposição. A mãe aludia a crimes passionais e políticos na região, ainda estava no ar, inclusive, a memória de duelos de morte entre inimigos de partidos rivais, e o pai, pela posição de cônsul e a agitação política do país, era um alvo fácil. Mais tarde, ela temeria até que o pai fosse sequestrado.

Mas aconteceu numa tarde comigo e a mãe, de Cinca pelo interior de São Donato, depois de uma chuvarada de cegar espinilhos. Atravessávamos os campos por uma estrada vicinal, os torrões de terra já em barro pela violência da pancada d'água, quando o pneu esquerdo dianteiro estourou. O Cinca deu uma rabeada, a mãe guinou o volante à direita, mas

ele, indócil, ficou dando pinotes, sacolejando-se todo. E a mãe, com rédeas curtas, impulsivas, tentava controlá-lo, o tronco inclinado para frente, guinando o volante para os lados entre bufadas e pragas; reduziu a marcha — e o motor roncou mais forte. Quando o Cinca afinal parecia aprumar-se, corcoveou num caramanchão alto demais, e, de banda à direita, saltou uma última vez num buraco fundo, resvalou para a valeta do meu flanco e ali ficou, acavalado. O motor morreu. Ela o ligou outra vez, engatou a primeira marcha e acelerou, mas, apesar do mugido crescente do motor, as rodas traseiras giraram em falso, sem que o Cinca se mexesse. *Putá merda*, disse a mãe, a primeira vez que a ouvia dizer um palavrão, e logo dois. Ela pôs o motor em ponto morto e desligou. E ainda segurando o volante, balançou a cabeça com um suspiro, e estalou os dentes:

— Tomara que não tenha quebrado a cruzeta.

Em seguida, ela enfiou a barra das calças nas botinhas bordô e saiu do carro me chamando. Fui atrás, sentei na beirada do banco e ela me pegou no colo, reclamando do meu peso. Na sequência, me deixou sentado no capô dianteiro e disse que ia atrás de socorro. Saiu para onde sua bússola na cabeça apontava, uma estância de conhecidos pela qual havíamos cruzado, ao longe na estrada, algumas curvas atrás. Afundando as botinhas no pasto encharcado, flop-flop, entre *huis* e *hãis*, e rezando para não encontrar cobras no caminho, ela galgou o final da tarde com o seu casaco violeta abanando pelos joelhos, em despedida. Logo sumiu campo adentro, detrás de uma coxilha de azevém maduro, o potreiro do lado da valeta

onde o carro atolara — todo pontuado de reses. Eu me vi sozinho, eu e a natureza. Uma brisa úmida soprava nos cabelos e nos ouvidos, com cheiro de biscoite de água e sal, e meu pensamento foi pela mãe, para que estivesse bem e nada de ruim lhe acontecesse. O sol bandeava-se para trás dos campos que levavam a São Donato, puxando o céu pelos cabelos de fumaça, o céu que ia escurecendo e caindo lentamente em meio ao nevoeiro cinza que subia dos campos molhados. Um João-de-barro e logo uma calhandra pousaram no fio superior da cerca; um bando de pelinchos, de volta daquele dia curto, aterrou no corredor entre a valeta do Cinca e a cerca do azevém, e, aos pulos, se retouçaram entre guinchos, as penas eriçadas nos rabos e nas asas, e logo alçaram um voo desordenado, mas para pousarem logo mais adiante, repetindo a algazarra, e assim se foram os brincalhões de volta para casa. O grito de um quero-quero chegou de longe, e eu me senti no campo num tempo integrado, mas que não era meu. O campo vivia por conta própria, num ritmo seu natural, melhor que o meu porque tinha um sossego de coxilhas e planuras, ancho, e possivelmente feliz. E eu, ali, apenas de visita, sem ter sido convidado. Eu e as cercas imensas que...

O gado, atraído pelo Cinca azul-noite-de-verão, tinha vindo de várias partes do potreiro por onde a mãe sumira, como se guiados por um sinuelo. Num quarto de hora, pouco mais talvez, um rebanho inteiro de pampas me espiava por trás do aramado. Curiosos Robustos, de cabeças cobertas por tocas de lã branca contra o frio, com olhos gordos, grandes e brilhantes, tais quais os meus bolões de bolitas, olhavam fi-

xos para mim como se de dentro da eternidade. Eu, no entanto, desmontei dos cavalos do motor, juntei rápido o barro preto do caramanchão e montei de volta no capô. Fiz isso mais de uma vez, levado pelo medo, certo de que era o único a fazer nesse apuro das reses.

Reuni o barro em postas e dei tratos à bola, imediatamente, aproveitando o calor do motor, que, em meio aos seus estalos, aquecia minhas pernas e as bolitas de barro nessa tarde de azul da Prússia, úmido e frio. Apanhava um punhadinho de matéria por vez, formava uma esfera de barro e logo a alisava contra o capô, em movimentos circulares com a palma da mão. Quando a superfície, arredondada, ficava perfeita, reservava o projétil e partia imediatamente para o seguinte. Entre um e outro, varria a coxilha com os olhos atrás da mãe, torcendo para que chegasse antes de eu precisar disparar meu arsenal. Enquanto ia moldando o barro em esferas lisas e compactas, acompanhava o vô de um bando de marrecas migrando para o norte, o coração aflito com o sumiço da mãe e a solidão desses pampas que, ruminando o silêncio, observavam cada um de meus gestos como se compreendessem e aceitassem tudo que eu lhes preparava.

Mas não me confiava neles, que guardavam no seu silêncio a paz dos campos e traziam na pelagem, a exemplo de Dina degolando uma carijó para o almoço, o cheiro salobro de sangue da terra. Aproximavam-se mais e mais, até quase tocarem os arames da cerca com os beijos. Eu nunca tinha visto tantos tão juntos, tanta força reunida em tão pequeno espaço, tão disciplinados e calmos de tudo, mas ainda assim temia que a qualquer instante, eles, assustados por

um acaso, estourassem num desgoverno de manada e, atropelando a cerca, vencendo o corredor e a valeta, se precipitassem em minha direção, cegamente. Que brutalidade fariam comigo? Isso me provocou um início de pânico. Gritei para assustá-los, corrê-los dali, mas eles apenas respiraram mais forte, algumas cabeças se moveram aqui e ali, e o pasto estalou sob a pressão das patas. Mas os pampas não saíram do lugar, e pelo olhar detido e constante, não davam o menor sinal de que arredariam pé da cerca. Não arrisquei novo grito, temendo que eles, indiferente ao primeiro, pudessem encolerizar-se e a sua reação, ao invés de retornarem ao coração do azevém maduro, como eu esperara ao primeiro grito, fosse a mais indesejada por mim. Mas a certa altura, já acostumado com a presença dos animais, por sua atenção tanto tempo concentrada em minhas ações, e até não desejando mais sua partida, entoei a canção de Roberto Carlos que a mãe vinha cantando na viagem, cujos únicos versos que consegui lembrar foram *Eu voltei/ voltei para ficar/ porque aqui/ aqui é o meu lugar*, ao fim dos quais mugia o restante da canção com a boca fechada, jogando o ar contra o palato e deixando todo o meu medo sair pelo nariz: *Hum, hum hum/ hum hum, hum hum hum hum/ hum, hum hum...* no fim já quase em ritmo de aventura.

Quando afinal a mãe chegou com o socorro num Valmet, o trator na estrada de lama pela qual viéramos pulando, admirada por minha disposição bélica diante da pasmeira dos pampinhas — ela tinha vontade de abraçá-los e estreitá-los *forte* no peito —, eu já havia me calçado com dezenas de balas de barro. Em grupos de dez, formavam diversos ninhos es-

palhados no frio do capô. Em minha defesa, eu tinha munição preparada para o rebanho inteiro, mas já transformada, na imaginação, em docinhos de chocolate preto, que em outras regiões do país chamavam de doce de brigadeiro, mas que para nós ainda era *ne-grinho* em São Donato, tal qual a mãe ao chamar o pai em momentos de carinho. Com o som das vozes novas, com os roncões fumarentos do Valmet a cada manobra do tratorista, de maneira a não quebrar a cruzeta — obsessão da mãe, já no volante com o motor ligado —, o rebanho, entre um mugido e outro, foi dispersando aos poucos na coxilha do azevém, e eu, que já havia me aliviado da carga das balas de barro, olhando os animais, de volta ao meu lugar na janela, sentia uma pontada de saudade pelo afastamento dos pampas. E ao vê-los se separando ao longe, pensei que cada um deles voltava ao convívio isolado de sua solidão. Não sabiam que enquanto haviam estado ali, no cerco amistoso ao meu medo solitário, reuniam toda a força de que precisavam para romper as tramas da cerca e buscar sua liberdade. Mas a liberdade deles, me parecia, estava no azevém maduro, e era para lá que eles voltavam sem pressa alguma, certos de que teriam sua fome saciada, mas sem saber — os pampas nunca saberiam — que aquela reunião fortuita diante dos limites da cerca, admirando o estranho que preparava munição para destruí-los se fosse o caso, tinham vivido um momento especial de união, porque de rara força e beleza, que apenas o acaso proporcionara e que eles não tinham, nunca teriam consciência disso. Ou teriam? Eu queria que eles voltassem, a luz da tarde terminava, e com ela o tre-

cho mais belo e vigoroso do dia. Com a entonação da mãe ao dizer *negrinho* ao pai, enquanto eles se dispersavam na distância crescente do azevém maduro, eu chamava baixinho da janela do Cinca: *pampinhas... pampinhas... pampinhas...*

O balaço mais espetacular do pai, a única vez que lembro ele ter sacado o revólver com fome de atirar à la John Wayne, porque ele também era apaixonado por fitas de banguê-banguê, foi quando sacou de cima de uma colheitadeira em movimento, para alvejar uma linda e leve garça em pleno voo. Ela não fazia nada de mal a nenhum de nós, além de planar na branca paz de suas plumas, intui alarmado. Uma garcinha! O pai queria apenas se exhibir? Não era caso de coragem. A colheitadeira, extraíndo os cachos — os grãos de ouro do arroz em casca se desprendendo no seu bojo —, fazia a sua ceifa sem ser empatada; os homens na cabina fumavam o cigarro e o palheiro com o olhar tranquilo na lavoura afogueada pelo sol; nada ameaçava a cabeça, o coração ou o estômago de ninguém ali, quando a garça cruzou a frente da máquina roncadora. Mas o pai sacou o Cavalinho assim mesmo, engatilhou, fez mira e... hesitou.

O motorista da máquina berrou:

— Atira, doutor!

— Ela tá na mira —, disse o outro, que se espremia conosco na cabina.

O pai contou, mais tarde, que quando esteve com a ave na alça de mira, sentiu um aperto no coração: o animalzinho era a coisa mais pura e graciosa de tudo que havia ali, e lembrou em frações de segundo a história da cegonha com os recém-nascidos no bico, que

nos contava na estrada durante as férias de verão a Capão da Canoa, apontando o morro alto onde a ave fazia ninho. E toda sua determinação morreu no dedo do gatilho.

Ele repousou o cão da arma, enfiou-a no coldre e alisou meus cabelos:

— Ela também merece viver.

Eu pensei que ele erraria o alvo.

O Colt já era um perigo só no olhar. Mas as suas balas, aninhadas num canto da gaveta, lembravam ovos no choco, e, já em seguida, os estranhos filhotinhos da arma que não disparara contra a ave inocente. O revólver, deitado feito um cavalinho-do-mar, dormia o sono de sal das areias profundas. Tirei uma bala da gaveta e, com a culpa do menino que rouba pinto de ninhada, fui com ela para o salão das fantasias. A bandeira da estrela repousava no canto dos brinquedos. A bala de chumbo, pesada e fria, não entrava no tambor de meus revólveres de espoleta, e isso em parte me frustrou. Queria dar uso adulto à bala, com as consequências sérias, espetaculares dos heróis. Digo *em parte* porque, ao ver que de nenhuma maneira poderia fazer o projétil disparar da arminha, também senti alívio, já que o estouro da bala, mesmo que não atingisse nada além dos tímpanos da família — não pensei no nosso dobermann nem na vizinhança —, provocaria na casa um abalo com resultados sérios demais para o mocinho. Porém, num segundo momento, atendendo a novo impulso da porção frustrada da alma, achei que devia detonar a cápsula de metal dourado, sem o que não teria de todas a mais completa, a mais incontrollável, a mais imprevisível das aventuras.

A mais real e concreta de minhas fantasias.

As sacadas vinham sendo os prolongamentos mais felizes da casa, eram asas para o rincão das maravilhas. Numa delas, sem abstrair por completo o mundo em volta, eu mergulhava em *As vinte mil léguas submarinas* à caça do capitão Nemo, o fugitivo. Ele, eu não entendia o motivo, foi endoidecendo silenciosamente a bordo do Náutilus, que ele já não deixava mais vir à tona, em seu mergulho de perseguição ao polvo. Quando a sua loucura afinal emergiu, pondo em risco a vida de toda a tripulação, eu mesmo temi pelo pior. Mas agora, na minha imaginação temerária, a sacada seria o lugar apropriado para estourar não apenas os da casa, os do dobermann, os da vizinhança, mas, sobretudo os tímpanos da cidade toda, os mesmos que ouviam, quando a tarde naufragava na ferrugem, as baladas do alto-falante do Cine São João ao anunciar mais uma fita de John Wayne, com um novo rio vermelho tinto de sangue no poente, ou do general Custer em conquista de territórios ancestrais dos Cheienes.

A nossa vida, para quem vivia no centro, mesmo que de uma cidade pequena do interior, a vida pulsava. Os clientes, entrando e saindo das agências do Banco do Brasil e da Caixa Econômica, no térreo do sobrado, os pedestres diante das vitrinas da casa de móveis em baixo, da relojoaria em frente, etc., e logo logo já trocando de calçadas, a passagem dos Ford, das Chevrolet e dos Buicks rugidores, dos peões a cavalo dentro de suas capas cinzas e grossas, das carroças de eixos gemebundas e dos carros de praça puxados por parrelhas de baios, cujas ferraduras nos paralelepípedos

produziam o som de pequenos e repetidos disparos de Flaubert, davam à cidade um aspecto de cenário, no Velho Oeste gaúcho, e tudo reunido causava alvoroço na alma e provocava o olhar em todas as direções. Mergulhar atrás do Náutilos e de Nemo, com a cidade respirando à sua volta feito a massa salgada de um oceano, já era uma passagem prenunciadora, em especial para quem não conhecia a realidade como ela se apresentava à grande maioria das pessoas da fronteira, na superfície, em especial aos adultos, e tentava de todas as formas enxertar nela o produto de suas fantasias, o que seria até um grau maior de loucura, ainda mais se no uso de uma memória distorcida, como parecia ser o caso, afinal eu morava em algum desvão de Nova Iorque, certamente atendendo pelo nome de Gotham City, e ainda não o descobrira, embora o cheiro das descargas dos carros pudesse ser um forte indício, e minha imaginação, se alimentando de tintas escuras numa cópia de carbono, borrando, se prolongava por meio de possantes tentáculos e. Mas...

Vamos à bala! Pois é...

Como explicar a mente dessa fabulação? Não bastavam pedras sangrentas, pedras de gaveta, pedras de barros, pedras de gude, precisava também jogar, nas pedras da rua, balas da sacada... Era até simples demais: no arremesso bastava a sorte de a espoleta da cápsula acertar o bico de uma pedra do calçamento e o estouro seria certo. Já a ideia de que São Donato era cenário de aventuras não entrou na cabeça, mas ficou ali o tempo todo, voejando feito varejeira no pasto.

Eu tinha medo, literalmente; medo de ferir ou até de matar alguém; e ainda assim não desisti do so-

nho-perigo. Mas tomei as precauções possíveis, e em meio à passagem de carros e pessoas, evitando os cavalos que seguiam a trote e um velho que passava devagar com o chapéu na mão — eu tive a ligeira impressão de que o velho seria a vítima ou então me denunciaria, pois, a certa altura, enquanto cruzava de uma calçada a outra para passar bem debaixo da sacada em que eu vigiava, tive a impressão de que me flagrara com a mão direita já suspensa e que, por alguma razão, fingira não me ver —

E então larguei a bala na sarjeta.

Mas ela não berrou, não gemeu nem suspirou, não soltou um ai sequer. E mais uma vez senti aquela onda mista, de alívio e frustração, de quando a bala não entrara no tambor do revólver de espoleta. Não matava, não aleijava nem feria ninguém, era verdade, mas também não gozava a maravilha de uma aventura completa. Dessa vez a frustração foi maior; mas a coisa não podia parar por aqui.

Fui à gaveta do pai e peguei logo duas balas. Sem cano nem mira, pólvora nenhuma daria direção fatal às balas, salvo um acaso sinistro. E assim mesmo, só em milhares, talvez milhões de giros numa roleta-russa. E para pôr de lado a má sorte, pois eu me convencia de que a bala só não detonara porque o sortilégio não estava completo, tomei a decisão propiciadora. Afinal, eu tinha já o cenário, os figurantes e toda disposição do mundo, mas ainda não estava a ponto de bala, como seria de se esperar de um ator possesso: faltava a roupa de mocinho, o toque de mestre para desencadear o encantamento. Então, na saída do quarto do casal, calcei as botas russilhonas do pai,

afrouxei o cinturão do revólver — de maneira a deixá-lo inclinado como via no cinema —, vesti a camisa xadrez de vigela marrom, preguei no peito a estrela de cinco pontas com o *Xerife* em vermelho no centro, calcei as luvas de napa bordô da mãe e enfiei na cabeça o chapéu gaúcho-caubói de feltro verde-musgo. Por último, o manto sagrado: amarrei a bandeira tricolor no pescoço, com a estrela na parte superior das costas — o talismã para fechar o corpo. Com a bainha listrada roçando o chão, para continuar de onde havia parado, voltei para a sacada.

Antes da nova cena, porém, tirei a bandeira dos ombros e, tal qual o soldado ao fincar base no território conquistado, pendurei-a na grade de ferro fundido em motivos florais, em arabescos. Estiquei a bandeira ao máximo na bainha do canutilho e, com os cadarços de um sapato velho meu, amarrei firme suas pontas nas pétalas de duas ramagens. Sua barra caiu logo abaixo do piso da sacada, a estrela jorrando uma luz de trigo esfarinhado pelos céus de São Donato, e como naquela manhã seca, luminosa e transparente, soprava uma brisa à la Castro Alves, ela, de maneira suave, mas imponente, ficou tremulando no pico mais alto do campo de batalha, suas listras brancas e azuis invocando uniformes de um mágico Exército de Libertação. Para o cenário ficar completo, só faltava arribar uma garça ou uma cegonha. Ainda assim, estufei o peito de orgulho, como se fosse ser condecorado com a medalha do Soldado Capaz — que ali e naquele instante concebi a mim mesmo —, tirei a bala do bolso, suspendi a mão esquerda para fora da grade e, no momento mais propício, quando a cidade piscou

entre um espasmo e outro de seu trânsito do inferno, atirei-a, rápida e fortemente, como fazia com as marrequinhas na beira do rio.

Dessa vez o azar foi completo, porque não poderia ter sido maior nem mais certo, contra todas as probabilidades da roleta-russa: a espoleta detonou, sim, e a bala foi estilhaçar a vidraça da joalheria em frente de nossa casa. E, quem diria, acertou um relógio suíço na parede, um Reform sem corda, que marcava 19h54, e assim ficaria assinalada essa hora morta para a eternidade de São Donato e região, pois o caso se espalharia pela fronteira como o rastilho da pólvora, em fumos negros, e por aí ficaria circulando, essa luz branca de pão assado, a notícia do fim da manhã, que navegaria o Uruguai, de cima para baixo, em chatas de areia, o caso ecoando como *o caso da bala cubana*, o caso sem solução. O símbolo da loucura humana, como o relojoeiro chamaria a razão por trás dessa minha bala perdida, a cada novo freguês que se admirasse com o original relógio na parede.

— A distância entre a loucura e a razão — diria ele — é de apenas um grão.

Houve um breve alvoroço, com o grito de uma mulher grávida diante da loja de móveis, a freada de um caminhãozinho FNM, com o clangor dos ferros numa tremedeira de portão de lata, e o relincho de um tordilho, que se empinou para trás e desmontou seu ginete. Que passou a lutar com as rédeas para acalmá-lo, aos tirões, enquanto o cavalo, insubmisso, cabeceava e atirava as patas para trás — a esmo. E deu-se início a uma correria dos diabos, para longe do estam-pido: uma freira do Santa Thereza, segurando o véu

negro do hábito, em disparada, deixou cair sua sacola de frutas no chão — as laranjas, feito pequeninos sóis, se espalharam pela calçada e rolaram em precipício até a sarjeta — e não voltou para juntá-la. Um casal correu até uma entrância, e ali se abraçou e se espremeu contra o muro da relojoaria, e a menininha que andava com eles, atiçada pelo desespero, e como se arrependida por ter nascido, tentava enfiar-se de volta por entre as pernas do casal. O salsicha do Bili ganiu, já deu o pinote e disparou com as orelhas deitadas para trás e o rabinho entre as pernas. O estrondo da bala, retumbando nos ouvidos, armava um cerco militar na cidade e calcava meus pés no cimento da sacada. Em seguida, como se por ordem do diretor invisível, fez-se um silêncio total, não fosse pelo zumbido da detonação nos tímpanos. De chapéu na cabeça, com o revólver de banda no coldre e a bandeira já de longas guerras tremulando na grade, fiquei assombrado com a clareira aberta na cidade por meu fogo amigo — o relojoeiro e sua mulher comiam churrascos em nosso galpão crioulo, com arreios e cabeças de gado chifrudo penduradas na parede atrás deles. Só despertei quando um novo pedaço da vidraça caiu e se espatifou na calçada, depois de bater no caixilho — como nos filmes.

Como um elefante júnior ferido no peito, dei as costas para a cidade e encafuei-me no salão. No vazio, não fosse o sofá de dois lugares amarelo, quadriculado de preto, próximo à porta da sacada. Nem sei como o alcancei, mas, chegando nele, desabei feito uma saca de arroz, como as que eu via despejadas por estivadores nos caminhões no Engenho. Ato contínuo, uns pisotões em manada vieram rolando e retumbando pela

madeira do assoalho, e em seguida a mãe, tia Matilde, Sabrina, Dina e mais alguém chisparam por mim numa excitação algariada, lotaram a sacada e logo já trocavam impressões nervosas com os sobreviventes lá em baixo. Seria alguma molecagem, uma vingança contra o relojoeiro, um acidente? Quem era esse maluco autor do disparo? Não teria sido um duelo, dizia Sabrina, mas para isso tinha faltado o segundo tiro, a menos que... Não era acerto de contas, dizia a tia Matilde, porque além de não se ter escutado o segundo tiro nem se ver sequer a disparada do autor, não tinha vítima alguma no chão, nem sinal de sangue. A He-loína, dona da loja de móveis sob o salão, cujo marido sempre dava um jeito de meter Getúlio Vargas nas discussões, temera um suicídio público de algum político. A mãe indagava se não podia ser o desatino de algum marido guampeado, mas uma voz forte, de um homem possivelmente jovem, rosnou para a sacada — onde a tricolor tremulava — que essa pólvora tinha era cheiro de comunismo, era um atentado terrorista, tinham que prender mais essa gente no quartel! E mais do que isso, com o olhar pregado no futuro — eu olhava fixamente a paisagem urbana de Porto Alegre no biombo ao fundo do salão — e mais do que isso não pude ouvir. Suando frio, eu mal respirava; e logo já não via o painel com os prédios da capital nem minha mesa de estudos e de botão, e não escutava mais as vozes na sacada e abaixo dela, o inframundo de São Donato se calando no fim da manhã; e não falava nada; e acho até que não tinha ânimo para sentir mais nada.

O Félix foi o último a chegar, trazia umas revis-

tas de corte e costura com moldes para a mãe. Vinha da banca, contou mais tarde, e atravessava a rua para a calçada da loja — já via a bandeira, apavorado —, quando ouviu o tiro, e não ficou pra perguntar as horas, deu um pinote e disparou, cruzou correndo uma fumaça cinza na sarjeta com cheiro de enxofre e trepou as escadas, aos pulos. E ao me ver aplastado no sofá, disse com urgência apreensiva na voz, todo ofegante:

— Tira essa bandeira da sacada... Isso vai trazer problemas pro teu pai!

2

Certa manhã, eu me esforçava sem sucesso para avançar nas páginas iniciais de *As pupilas do senhor reitor*, na velha espreguiçadeira ao lado do tanque, onde costumava ler os gibis do Batman e livros de aventura, como os de Robinson Crusoé e Hans Staden. Um tio de Brasília, nomeado Procurador da República meses atrás, tinha me remetido o livro de presente, depois que o pai lhe contara por carta o meu hábito de leitura. No pacote do livro, enviara também cartões-postais, dos prédios futuristas da nova capital do país, para a coleção de Sabrina, febre que a família conhecia já de longa data e para a qual era sempre intimada a participar. Embora o meu esforço, não conseguia vencer o fuxico de orações do autor português, pois não apenas a sua linguagem, mas também o mundo ali apresentado por ele era totalmente estranho ao meu. Eu não abandonava o livro porque não queria desvalorizar o bonito gesto do tio. Mas já pensava se não teria sido melhor ter acompanhado a mãe até à Legião, lá pelo menos sempre encontrava alguém para conver-

sar. Isso quando não visitava a fábrica de café Sabará, em frente ao hospital, para apreciar a torrefação dos grãos e gozar de perto o aroma retinto, vermelho escuro, que fazia São Donato inspirar as manhãs com sonhos, de preferência recheados de goiaba. Dona Rosa já deixara o sobrado com a trouxa de roupas na cabeça, e Sabrina, fechada no quarto, hábito arraigado depois da morte de Claudinha, ou escrevia no diário ou inventava uma ordem diferente aos seus postais, pois sempre descobria um novo critério de arranjo para as velhas imagens. Finão, o dobermann capa preta, adquirido pelo pai ainda filhote depois da morte de Laica, ressonava aos meus pés, as pulgas abrindo trilhas em seus pelos. De tempos em tempos, chegavam da cozinha as notas agudas da louça ou das panelas, causadas por Dina, e isso avivava a solidão do sobrado.

No fim da manhã a campainha soou, e logo ouvi um burburinho de vozes. Ato contínuo, Sabrina abandonou o quarto e correu para se juntar a elas, o som das pisadas nos degraus parecendo cocos rolando escada abaixo. Finão ergueu a cabeça e deitou-a de novo. Pensei no vendedor de peixes e em seu filho auxiliar; sempre que traziam jundiás frescos, ou um dourado quase do meu tamanho, era a maior festa; mas, como a mãe não retornara da Legião, a coisa ficaria só nesse primeiro estouro de vozes. Voltei a me concentrar no livro, sem ainda saber se valia a pena o esforço de ler um texto muito longe de minhas pupilas. Eu relutava com a ideia de que fosse chato, com uma linguagem pesada e até mesmo incompreensível, tudo para não agredir na memória a figura do tio. Mal voltei à leitura, no entanto, ouvi a voz alegre e

vibrante do pai, ele orientava outros homens. O pai nunca se encontrava em casa de manhã, o extraordinário de sua presença tirou de mim qualquer motivo de continuar a luta com o livro de Diniz.

Ao ouvir pisadas fortes na escada, com novas orientações do pai, agora se referindo ao quarto de casal no meio do corredor que levava ao salão, fechei o livro e me levantei num pulo. Já dominado pela curiosidade, deixei o Finão e o Diniz para trás e fui saber do que se tratava. Dois homens, os mesmos que tinham subido instantes atrás sob a orientação do pai, desciam as escadas com rapidez. Saltaram o último lance de degraus e foram até uma Rural estacionada na frente do sobrado. De lá, voltaram cada um com o que parecia ser uma das guardas de uma cama de casal, em cabos de alumínio dourado, com retângulos vazados na metade superior. Nestes, em sua parte central, havia grinaldas de bronze em forma de dossel, uma em cada um dos três retângulos, por sua vez também vazadas num polido rendilhado de cambraia, com seu baixo-relevo azinhavrado. O ranger dos degraus e o tilintar das grinaldas davam a ideia de uma coberta de navio tangida por pisadas de gnomos, saídos de colônias de corais, rosas e vermelhos. Na viagem seguinte, carregaram um colchão novo de casal, em matelassê marrom esverdeado com pintas negras, num colorido semelhante a um ovo de quero-quero, ainda envolvido pelo plástico.

A mãe, ao chegar da Legião, flagrou Sabrina deitada de costas e ao comprido na cabeceira e eu rolando na cama nova, já montada no lugar da antiga, sob o olhar divertido do pai. Ela tilintava a cada pulo mais brusco. A mãe estaqueou na entrada do quarto,

de boca aberta e olhos esbugalhados. Sua expressão de assombro logo se converteu num sorriso de maravilha, que fez saltar suas maçãs do rosto; os lábios mordiam os dentes, as gengivas vivas, sangrando.

— Mas o que é isso?! — disse feliz.

O pai, sorrindo, mirou-a um longo instante, como se para dilatar ao máximo a expectativa dela, em busca do maior efeito.

Quando a, de mãos no rosto, insistiu na pergunta, ele disse:

— É a cama da Gringa.

— Quem?... O quê!?!... Tu não tá falando sério...

Conforme ela falava, sua expressão ia mudando, da alegria explosiva a uma incredulidade contida, como se tentasse se agarrar à esperança de que tudo não passasse de uma brincadeira do pai.

— Ora, querida, sem falso moralismo — reagiu ele —, deixa as carolices para as baratas-de-igreja. Nessa cama deitaram prefeitos, coronéis e todo tipo de advogados, médicos e engenheiros, dizem até que padres da Santa Igreja Católica se ajoelharam aí para confessar seus pecados. Deitaram solteirões e homens casados, apaixonados, desiludidos e suicidas. Nessa cama, meu bem, a sociedade de São Donato se rendeu inteira ao lastro de molas do amor.

— Os homens, tu queres dizer. E tu também?

Ele sorriu:

— Nós seremos os próximos.

— Entregaram a vergonha, se prostituíram.

O pai, com o miolo da testa e os lábios franzidos, balançou a cabeça para os lados com ar de decepção, como se censurasse a reação dela.

— Querida, tudo que fizeram nesse lastro, toda a paixão entre as guardas foi feita noutros lençóis, pertence ao passado — disse como se falasse a mais uma criança. — A cama tá lavada e desinfetada, se é essa a tua preocupação, foi uma das combinações com a Gringa para o negócio. — E com novo entusiasmo: — Quando o Barbosinha chegou pra buscá-la, uma das garotas terminava de polir as guardas, olha como brilham. É uma beleza! E sem risco de contaminação.

— É linda, mãe — disse Sabrina, sentada na borda.

A mãe ainda tinha expressão de repulsa:

— Foi nessa cama que morreu o Cícero.

Era o prefeito anterior, estourar nas vésperas de sua nomeação. Por ser cidade de fronteira, naquela época São Donato não elegia o seu prefeito. Cícero nem esperou a publicação de seu nome no Diário Oficial, na mesma tarde da notícia juntou os correligionários mais próximos, já dados como certos em seu futuro secretariado, montou na caçamba de uma camioneta e se largou pelas ruas centrais, comemorando. Segundo Odin, editor da Folha de S. Donato, isso teria sido em resposta a acusações de emedebistas, de que Cícero ambicionava o cargo para oficializar posses irregulares de terras, mas o fato era que ele despejava garrafas de cerveja num penico de louça branco e bebia com os colegas, ao som da marchinha que animara a campanha do partido para vereador. Enchia o penico até a espuma transbordar e tragava na maior farra, o bigode de espuma reluzindo no fim da tarde. Morreu do coração, um ataque feroz na cama da Gringa, num esforço doido para desfrutar a beleza de uma alemãzi-

nha de quinze aninhos, recém-chegada da Serra. Era virgem, diziam, exigência do novo prefeito.

O pai aproveitou a deixa:

— Pois então, amorzinho, é uma cama política de muitas lutas. Tá encerrado o seu mandato, ninguém mais além de nós vai usá-la, os nossos serão os últimos votos na sua urna. Que tu acha, hein?

A mãe, com ar de decepção, balançou a cabeça:

— Tu anda negociando até com as quengas, é?

— Não leva pro outro lado.

— Não tem outro lado. A cidade inteira vai saber que dormimos na cama de uma rameira, e tu nem te importa com isso. — E com visível desprezo: — Daqui a pouco o macherio saudoso de São Donato vai bater na nossa porta pra deitar com a tua mulher! E tu vai dizer o quê?

O pai sorriu das preocupações dela, pegou-a pelo braço com uma indulgência divertida e cativante:

— Estás vendo chifres em cabeça de cavalo, meu bem. Não há nada de mal nisso, garanto que outros também vão morrer, mas de inveja. — Ele falava com ar de orgulho, como se a cama dourada fosse o seu troféu. E apontando para nós: — Olha, até os nossos filhos já deitaram nela. É uma cama histórica.

Sabrina e eu sorrimos para ela.

Desolada, a mãe sentou na borda da cama, e mais essa vez a ouvi soltar um palavrão:

— Quer fazer de mim uma puta, é? Não tá satisfeito? E ainda quer que todos saibam... — Ela escondeu o rosto na palma das mãos e sacudiu a cabeça: — Não é possível!

Mas quando mostrou o rosto de novo, já era ou-

tra, não tinha mais o ar de indignação. E na noite daquele mesmo dia, e em muitas outras mais, do meu quarto eu ouviria o tilintar dourado das grinaldas.

Mas a lista das celebridades da cama da Gringa não estancou aí. Pois o editor da Folha de S. Donato, em sua coluna social, apontou outra personagem do folclore donatense. A cama das guardas douradas, como escreveu o colunista ao abordar o tema peculiar, havia pertencido ao Tio, hoje Vô Zulu, que recebia a visita de meninos, de soldados do exército, de fuzileiros navais e até de figurinhas e figuronas carimbadas de São Donato. Iam ali fazer o que não ousava dizer sequer seu apelido.

O pai zangou-se com a nota, que acusou de so-lerte, por escamotear numa aparência social sua intenção política. Afirmou que a manobra se devia a uma antiga desavença com o dono do jornal, o próprio Odin, com quem tivera um violento bate-boca anos atrás, sobre o rumoroso caso do desaparecimento de um opositor ao governo. Odin lançara uma nota de oito linhas na ocasião, junto ao rodapé direito da terceira página: a polícia federal suspeitava que o político, já foragido, recebera abrigo no consulado brasileiro de Alvear, até amadurecer seu plano de fuga para o Chile. Embora não houvesse provas nem testemunhos aparentes, dizia a nota, tanto num lado quanto no outro da fronteira, o SNI, Serviço Nacional de Investigação, passara o caso à Federal como coisa certa. O pai, assim que devorou a nota ainda na banca, no mesmo sábado de sua publicação, pela manhã, foi direto para a redação do jornal. Discutiram violentamente, e só não se atracaram, segundo o Felix, porque

a turma do deixa-disso interveio. Ele exigiu o desmentido já na próxima edição. Mas não levou.

O pai, aborrecido com o novo golpe, dessa vez não se abalou para tirar satisfações, mas espalhou que a notinha, além de mentirosa, só podia mesmo ter saído da mente em ruínas de um bêbado, que por outras razões não eram aqueles olhos empapuçados de raposa velha e beberrona. Seus novos protestos não seriam publicados na Folha, mas ele possuía relações sociais fortes o suficiente para ser ouvido por quem lhe interessava entre os possíveis leitores do jornal. E isso abriria mais algumas bexigas naquela cara de pudim. Talvez o aborrecimento parasse por aí, o pai satisfeito por voltar a falar mal de seu antigo desafeito aos quatro ventos. Afinal, também não podia negar a compra da cama, o caso já era público, e isso, para bem da verdade, integrara os cálculos dele antes mesmo de sacar do bolso o talão de cheques, como ficara claro no episódio com a mãe. Mas já na semana seguinte, assinado por um suposto leitor, pois nunca se soube quem era aquele Fulgêncio Araripe — Isso fede a nome falso, diria o pai —, o jornal publicou uma nova nota sobre a já famosa cama. Dessa vez, na coluna Carta do Leitor, era esclarecida a origem do móvel: viera de Montevideu em meados do século XIX, na mudança de um maestro francês solteiro, que, depois de manter um conjunto de câmara por 17 anos naquela bela capital, se bandeara para o Brasil por razões obscuras — políticas para uns, de costumes para outros — e viera bater em São Donato, onde fundou um quinteto de cordas para animar os saraus das cultivadas famílias donatenses.

Até aí não havia maldade, dizia o pai, até porque a trajetória do maestro era viva e sem manchas na memória de São Donato. O pus maldoso só escorreu no final da nota. O missivista, que pelo estilo da linguagem ninguém duvidava fosse Odin, informava que o músico não casara nem nunca se soubera de aventuras suas com mulheres. Não visitava cabarés nem tinha temperamento de Don Juan, dedicado às artes de alma e corpo. Sua fama de exímio violinista só perdia para a de sua cama, considerada um luxo para a São Donato da época por quem frequentava sua casa. Tais dados, explicava o missivista, eram extraídos de pesquisas em antigos números da Folha, na coleção particular de seu avô. A genealogia da já então célebre cama dourada remontava à margem esquerda do Sena, num antiquário de Paris, cruzava o Atlântico e subia de paquete o Rio da Prata com o músico entre as guardas de grinaldas — deitado no berço esplêndido. Décadas depois Tio Zulu a adquiriu no Clube do Comércio, num leilão com outros pertences do maestro, entre os quais o seu estradivário e as partituras de Mozart. A cama de bronze, depois de anos e anos sob os lençóis do Tio Zulu, este já com fios de cabelos brancos, fez longos e acidentados desvios na Dama da Serra, antes de seu desembarque na residência diplomática do Dr. Eurico. E o missivista indagava: Para integrar o corpo consular brasileiro? Abaixo da nota um pós-escrito prometia: em breve, esclarecimentos sobre os elos perdidos, ou em que circunstâncias a cama dourada deixara a intimidade do maestro francês, como atracara no inferninho do Tio Zulu, e, anos depois, como zarpara do já Vô Zulu para a cabina ci-

ceroniana da Dama. As pesquisas demoravam nos arquivos do avô devido à umidade e ao mofo dos jornais, mas os leitores não perdiam por esperar.

A mentira só não foi adiante, dizia o pai, porque na próxima semana o Capitão Lamarca desertou no quartel de Quitaúna e carregou com ele a farda, fuzis e balas do exército para se juntar à luta armada. A ação ocorreu entre vários atentados à bomba pelo país no período. O consulado em Alvear recebeu orientações expressas e a Folha gastou muita tinta com as explosões que aturdiavam os tímpanos da opinião pública. Por aqueles dias, os militares no poder já haviam fechado mais o regime com o AI-5, decretando cassações de mandatos, exílios e restrições de direitos políticos. Isso se misturava à luta militar da oposição mais radical ao regime — de comunistas, socialistas e jovens estudantes com ideais na cabeça e arma na mão, ou terroristas treinados, nas palavras de um de seus principais líderes, Carlos Marighela —, com sequestros de embaixadores, assaltos a bancos, relojoarias e bares, entre outros golpes violentos. São Donato, como todo o território nacional, não ficou de fora desse picadeiro de horrores. As polícias políticas, diante de resistência, invadiam e arrancavam de suas casas militantes de esquerda e até simpatizantes que representassem algum perigo de subversão à ordem, na alegação do regime, e os trancafiava nos quartéis do exército, em delegacias e noutros órgãos de repressão. No calado da noite, porque essas madrugadas eram feitas de águas profundas e escuras. Esses ativistas — ou não — eram detidos ali durante dias e noites

sem conta para uma triagem minuciosa de seus antecedentes políticos, sob a vaga acusação de suspeitos para averiguação.

— Alguma coisa eles fizeram — diziam clientes na banca do Félix.

Os detidos ficavam incomunicáveis nos primeiros dias, em celas ou barracas de lona militar, quando nem advogados nem familiares podiam visitá-los. Os policiais arrebanharam 12 em São Donato, embora não se tenha explodido nenhum petardo em suas ruas. Entre eles, havia grandes amigos do pai. A notícia alarmou alguns círculos donatenses, além dos chegados e familiares, como se recebessem o informe com a posição do inimigo Peste Vermelha, a doença mortífera e contagiosa em altíssimo grau, cujos primeiros casos, de maneira profilática, estariam sendo isolados no 1º RCMEC do país. O pai condenou o que chamou de arbitrariedades do governo. E, compadecido e solidário com os amigos, decidiu visitá-los. Era abuso de poder, dizia para a mãe e o Félix antes de deixarmos a casa, Brasília podia ter seus motivos, mas eram orientações carentes de circunstancialidade.

Ao que Félix argumentou:

— Mas doutor, esses milicos nem precisam de fundamentos.

Orientações gerais! Os ofícios do comando do exército não passavam disso, na opinião do pai, e para serem aplicadas com moderação. O grau das medidas deveria se ajustar a cada caso em particular. O coronel em São Donato, na hora de aplicar a regra de Brasília, deveria ter feito as mitigações próprias a cada caso concreto, *in specie*. E por aí seguiu, enquan-

to descíamos as escadas.

Já próximo à porta da rua, antes de vibrar os Sete Sinos da Felicidade:

— Mas que noção de Direito pode ter uma besta dessas?

Ao quebrarmos no Sovaco da Cobra o pai narrava um trecho vivido por ele, na sua juventude, com um dos amigos que íamos visitar. Com a mãe, tinham montado um grupo de teatro independente, Os Assaltimbancos. Numa das peças, o pai era um pracinha de volta da Segunda Guerra. No sofá de casa, com o poncho cobrindo suas pernas até o chão, recebeu a visita da prometida do amor para a vida toda, a mãe. Ela não sabia de seu verdadeiro estado. Ele, num gesto de generosidade estoica, ou num ato de desprendimento cristão — a escolha ficava para o espectador —, e contra todas as suas forças remanescentes, desenganou-a de sua promessa de casamento, jurada antes do embarque e com reforços de beijos apaixonados nas cartas do front. O horror da guerra: o campo das batalhas com poças de sangue, a agonia dos furados à bala e à baioneta e o cheiro da carne podre nas trincheiras tinham moído suas ilusões e mostrado o quanto o seu amor por ela era minúsculo, sem fibras e, pior de tudo: falso! A prova: ele se apaixonara por uma enfermeira emiliano-romanholá, desiludida e caridosa, que tratara de seus ferimentos sofridos na batalha de Monte Castelo. Ela chegaria de Bolonha, já no mês seguinte, para se casarem. Ele sentia muito.

Ele assim — contra o pulso ardente do próprio coração — forçava-a a apontar o seu amor e desejos matrimoniais para outro alvo, pois ele já não po-

dia mais satisfazê-la integralmente. Pensei se a personagem do pai não tinha perdido o bilau na guerra. Mas a revelação só explodiu no final da cena. Ela, aos prantos, sem aceitar as razões do amado e desconfiando do fim de seus sentimentos, afinal lhe dá as costas e desaparece na sombra dos bastidores. Então o pai, soltando as mãos do volante, com forte carga dramática na voz, diz a última fala da sua personagem, que encerrava a peça:

— Maldita granada que me roubou as pernas!

Depois de insistir com o sargento do dia, que ligou para o coronel comandante do quartel, afinal o pai teve permissão de ir até o acampamento dos detidos. Eram seis pequenas barracas de lona verde agrupadas no pátio central, em linhas de três, de frente umas para as outras, com dois detentos em cada. Ao chegarmos, os amigos cercaram o pai, ansiosos por notícias e com cotas enormes de palavras para gastar. Não tinham recebido choques, banhos gelados nem telefone nos ouvidos, como sabiam de torturas de longa data em vários quartéis e delegacias do país, mas sua situação ali era humilhante e desagradável. Ao menos a alimentação vinha da mesma dos oficiais; já o toque de alvorada era um cagaço matinal, mas diante das condições gerais era até suportável, lembrava a hora dos exercícios. Ali havia três dias, os assuntos já eram os pessoais, entediados nos colchões de palha a maior parte do tempo. A única Folha alcançada pelo sargento, no dia anterior, já fora lida de cabo a rabo por todos eles. Quando o pai lhes entregou maços de cigarro e um baralho de truço — que levávamos nos bolsos das calças e do casaco —, deram vivas, pois li-

vros, revistas e jornais estavam proibidos mesmo antes do início das visitas, que ainda não tinham sido autorizadas. E o Euclides, o jacobino, torcedor do 14 de Julho, já fumara a página dos esportes com a derrota do seu time no clássico 38. Ele ao menos exaltava a cor vermelha do 24 de Maio, já era um alento, mas estava decidido fumar toda a Folha, a próxima seção seriam as palavras cruzadas. O pai lhes informou que embora não houvesse previsão de soltura, e pelo que ouvira do comandante, pela falta de consistência das acusações e pela repercussão do caso, não ficariam ali mais de uma semana. Até porque o quartel não tinha estrutura para essa situação.

Ao receber os pacotes, Viçosa, o ex-colega de teatro, brincou:

— Eu-rico, o milionário!

Não sabiam bem o porquê das detenções, a mera condição de suspeito para averiguação, além de vaga, sugeria que os comandos do exército andavam desorientados — Se é que se pode andar assim! —, não sabiam lidar com a nova situação política do país e por isso atiravam para onde se erguesse uma voz de protesto, dali a pouco atirariam nas perdizes. Até onde tinham apurado, os motivos eram absurdos, sem força alguma de convencimento para tais arbitrariedades. Um deles dormia ali por ter escrito artigos críticos ao 5º Ato Institucional no Correio Operário, de Porto Alegre; outro veraneava ali por uma visitinha, em Novo Hamburgo, a um antigo líder comunista que distribuía panfletos armados contra os milicos em porta de fábrica; um terceiro, o único de atividades políticas institucionais contra os interesses do governo, vereaa-

dor da oposição e líder popular, eleito pelos votos das vilas reivindicando políticas sociais, se hospedara ali por dar combate sistemático às iniciativas e omissões dos militares e civis no poder; e havia os velhos comunistas de sempre, acusados de integrarem uma célula clandestina do proscrito PC. Os motivos das outras detenções não diferiam muito disso. Já o ex-colega do pai, a exemplo de outros dois, bivacava por ali porque, ao lado dos amigos na chegada da patrulha, reagira com veemência à ordem de prisão.

Um deles saiu da barraca próxima ao canhão, com o último número da Folha cedido pelo sargento, ambos amarfanhados:

— Devasso! — E agitou o jornal em tocha: — Salve, garanhão da cama dourada! Qualquer noite dessas, o Cícero vem puxar as tuas pernas, amigão.

— Vai encontrar minha lança em riste.

Todos riram. Outro secundou:

— Tuas lanças, altaneiras, alçam à voz do vento...

— Do povo! — disse Euclides, o do jornal, chegando ao grupo.

— ...as glórias brasileiras.

— De Paissandu a Uruguaiana! — emendou um soldado que cruzava próximo ao canhão.

A seguir, em referência à nota social de Odin e à carta do leitor, que todos ali também acreditavam ter partido da mesma bisca, fizeram piadas sobre a cama da Gringa e emendaram histórias afins com as garotas do bordel; logo vieram mais risos e alguma gargalhada. Com o ambiente já próximo ao de um churrasco entre amigos, um deles lembrou ao pai a

nova função do tio em Brasília: como Procurador, não poderia interferir a favor deles? O tio estava havia pouco tempo no cargo e não tinha relações com os militares, ponderou o pai, e apesar dos graves erros técnicos e ofensivos ao Direito contidos nas abordagens, nas detenções, na manutenção deles ali, etc., o caso era político, sua solução dependia dessa esfera e aí o tio não tinha força alguma. A saída, além das medidas jurídicas, era o apoio da oposição e da comunidade de São Donato. Quanto maior a visibilidade dessa situação, maiores as chances de um desfecho rápido e positivo. Nesse sentido, o vento já dera uma boa soprada a favor deles, porque o caso já havia repercutido em Porto Alegre: o Correio do Povo, apesar de conservador e nada inclinado a combater o regime abertamente, lhe dedicara um espaço generoso na seção de política no dia anterior.

— Com essa gente — dizia Viçosa em referência aos militares no poder e a seus apoiadores civis —, só fazendo como o padeiro francês, ao estilo deles.

Os demais riram, o pai e eu ficamos boiando.

— Conta aí — disse Euclides sorrindo. — É a última desse forno do capeta.

— É o verdadeiro pão que o diabo amassou — sorriu outro.

Então Viçosa contou: Um detetive foi chamado para esclarecer a morte de um monge beneditino. Chegando ao refeitório do convento, onde o tronco do religioso ainda estava caído na mesa do café, encontrou do seu lado uma embalagem de pão integral, de oito grãos, com a imagem gravada de um polvo de oito tentáculos, que o monge recebera de pre-

sente naquela mesma manhã, as 8h00 em ponto, de um velho conhecido amigo. No verso da embalagem, uma sentença de Voltaire: “A religião mal-entendida é uma febre que pode terminar em delírio”. Ainda quebrava a cabeça com esse, quando outro caso lhe chegou às mãos, dessa vez num convento de carmelitas, onde encontrou duas freiras abatidas no refeitório, em condições semelhantes às anteriores, incluindo aí uma nova embalagem de pão do polvo. E outra frase de Voltaire no seu verso: “É difícil libertar os tolos das armas que eles veneram”. Dessa vez, o detetive colheu algumas fatias como amostras para análise da perícia. Os resultados dos exames ainda não tinham chegado do laboratório, quando um novo caso solicitou o nosso detetive, agora num bordel. Ali estavam, na mesa do café, em condições idênticas às anteriores, três tristes putas abatidas na mesa do café. Uma delas ainda segurava a pazinha da manteiga, e, na panela, a embalagem do pão do polvo, comido pela metade, e a derradeira sentença de Voltaire: “A história dos grandes acontecimentos humanos é a história de seus crimes”.

O pai sorria da narrativa do amigo com ar intrigado, a boca aberta como eu nunca tinha visto antes, ao que Viçosa bateu em seu ombro e disse para tomá-la como sua, como um presente por aquela visita inesperada.

— Mas a história não termina aí — disse Euclides.

Viçosa continuou:

— Nesse ponto, um jornalista, na coletiva de imprensa em que o detetive apresentava o caso ao

mundo, ergueu a mão e perguntou: Afinal, qual é o nome do pão?

Lembrando minha leitura de Júlio Verne com suas léguas submarinas, a imorredoura imagem do polvo dando o seu abraço de urso no Náutilos, com seus oito tentáculos sugadores em meio à tinta cegante, talvez só agora intuindo a razão de perseguir, de Nemo, arrisquei um nome:

— A Vingança do Polvo.

Euclides passou a mão nos meus cabelos:

— A Vingança do Povo.

Mas não era esse. Arrisquei outro:

— A Loucura do Polvo.

Também não era. Então o pai arriscou:

— Um é pouco, dois é bom, três é demais!

Também não. O pai arriscou outros:

— Polvo Assassino... O Vingador?... O Polvo Iluminista

— O Cerco do Polvo!...

— Pão Assassino!... da Morte?... do Diabo!

— Polvo, a 8^a Maravilha.

— O Pão que o monge amassou!...

— Que a freira amassou?

— Que a puta amassou?

— Polvo, o estrangulador.

— Ao Polvo o que é do Polvo!

— Cabaré Voltaire.

Nã-nã-nã-nã-nã-nã-nã-nã-nã-nã-nã-nã-nã-nã-nã-nã.

— Diz aí Viçosa — disse Euclides.

Viçosa então encheu o peito antes de explodir com uma risada:

— Cereal Killer!
— Elementar, meu caro Eurico — disse Euclides.
— Alimentar! — explodiu outro. O pai também ria:
— Então a última figura será um octaedro.
— A imagem geométrica da liberdade — disse Euclides.

— Mas por que oito grãos? — disse eu.
Viçosa ergueu as sobrancelhas:
— Pergunte à farinha.
— Ao pó. Ao padeiro. Ao diabo que te carregue!
— Todos os grãos, Tigrão — dizia Euclides passando a mão mais uma vez em meus cabelos —, são do mesmo saco. Só muda a receita.

Eles riram mais um pouco. E Euclides finalizou:
— A embalagem da última fornada do diabo, então, virá com a seguinte frase-divisa de Voltaire: “Se o homem nasceu livre, deve governar-se; se ele tem tiranos, deve destroná-los. ”

— Tiranossauros!
O pai balançou a cabeça e agregou:
— Não quero puxar brasa pro meu pão, mas dentro dos limites do cargo, falar com o comandante e estar aqui são o que posso fazer pelos amigos.

Viçosa disse que já era bastante. Os outros concordaram: na condição de cônsul, ele botava a cabeça a prêmio, talvez Brasília não visse com bons olhos seus diplomatas se solidarizando com comunistas.

Foi uma risada geral.
— Não é de surpreender — gracejava Euclides —, partindo de quem pendura na sacada a bandeira do inimigo e dorme na cama das bandidas.

Mais algumas risadas.

No Cinca para casa, já no Beco do Catito, me ocorreu uma nova ideia.

— Pai...

— Sim.

— O pão do Polvo devia ter outro nome.

— É mesmo? E qual é?

— Amigos para sempre.

— É verdade, mas vai faltar farinha pra esse pão — disse ele sorrindo, com ar pensativo. — E se não faltar, vão dar um jeito de subir o preço do quilo.

Fiquei sem entender.

No seu próximo número, a Folha de São Donato noticiou a visita com um título no mínimo estranho, “Apoio Incondicional”, em três colunas na primeira página, espaço considerado excessivo pelo pai. A certa altura da matéria, o jornalista afirmava que a visita, embora o seu caráter humanitário, extrapolava as funções diplomáticas do cargo, pois um cônsul devia, acima de tudo, resolver conflitos e problemas de fronteira, sobretudo de brasileiros em Alvear ou de estrangeiros na aduana de cá, e não se imiscuir na política interna do país.

Quando um exemplar do semanário entrou em casa, a mãe disse ao pai:

— O Odin não conhece bem tuas atribuições, mas aí está o que arranjaste.

Ela odiava concordar com o jornal, mas o pai não tinha nada que se meter em política, não era papel dele, ainda mais numa época de prisões e cassações de mandatos. O que ele queria? Ela não se importava que o pai perdesse a hora do almoço, como acontecia com frequência, ou que chegasse só de tarde em casa,

como acontecera certa vez para resolver o caso de um comerciante brasileiro, detido depois de trocar murros com o gerente de La Preferida em Alvear. Quando o pai foi tirado da janta para resolver uma pendenga com um correntino que perdera os documentos em São Donato e, posteriormente, perdera o último horário de embarque por causa de uma discussão interminável na Aduana, até nessas situações ela ficava no máximo chateada. Eram ossos do ofício, como o próprio pai dizia. Mas ir ao quartel para dar apoio a comunistas, como o vereador da oposição, numa época em que os terroristas andavam assaltando bancos e sequestrando embaixadores, era colocar em risco não apenas a carreira, mas também a própria pele e o futuro da família. Não tinha nada que se meter em política! E de lambuja ainda dava mais munição a essa bisca do Odin, que voltara a pegar no pé dele com a história dessa maldita cama da Gringa. Aliás, para um diplomata, deitar na fama entre as guardas das rameiras e as barbas dos comunistas era tão desastroso quanto para um padre engravidar suas ovelhinhas, o último escândalo da Igreja Católica.

O pai apenas balançava a cabeça:

— Os deveres da amizade estão acima dos deveres do Estado, não é preciso ser filósofo nem poeta pra saber disso. Vivemos para os amigos, e não para o governo.

A mãe, antes de lhe dar as costas e sair da sala, despejou:

— Pois então trata de viver mais pra tua família, porque é aqui que estão teus grandes amigos. Os incondicionais!

3

No verão daquele ano o pai acomodou a família no Cinca e disparamos para Brasília. A invenção da capital federal, no coração geográfico do país, com um planejamento urbano moderno e prédios de arquitetura arrojada, em formas simples, leves e graciosas, privilegiando a liberdade e a beleza, foi um dos golpes nacionalistas mais extraordinários da história da humanidade. A marcha para o Oeste, iniciada com a chegada de Cabral e suas caravelas, concluía a conquista do ser tão veredas das antigas novas terras lusitanas, num lance de propaganda em que todo o azar parecia abolido. Só mais tarde o seu plano piloto, em forma de avião, com suas avenidas amplas e retas a estruturarem superquadras com playgrounds e escolas de uso comum, foi considerado por seus críticos um magnífico fracasso para a constituição de um espaço urbano vivo e buliçoso. Cidade de plástico, postiça, irreal, fantasiosa e pasteurizada, assim também foi pichado esse projeto urbanístico monumental, sem precedentes e nunca igualado na Terra — conforme certas notas de publicidade. Além de seguir o Plano de Metas, para maior ocupação geográfica e urbanização do país, erguer do pó das Américas a capital inteira de uma federação gigante, no deserto do Planalto Central, era dose de ufanismo suficiente para criar uma nova consciência de brasilidade. Era o símbolo mais acabado da passagem de uma nação rural, bucólica e dengosa, a um país de metrópoles industrializadas com alta tecnologia e suas misérias, numa extravagante racionalização funcional da matemática financeira jamais nascida da prancheta de um comunista.

Na Praça Matriz de São Donato, por exemplo, na comemoração do 7 de setembro, a prefeitura reuniu, em seus gramados, centenas de alunos de diversas escolas para desenharem, ao ar livre, diversos símbolos da nova pátria. O Palácio do Planalto e sua rampa presidencial, o Palácio da Alvorada com suas banhistas picassianas puxando os próprios cabelos em mecha única, o monumento Os Candangos (fundidos), em homenagem aos operários construtores da cidade, logo devolvidos ao deus-dará do cerrado como ao final da escravidão, e a bola dividida ao meio do Congresso Nacional foram os ícones mais presentes nos cadernos de desenho dos alunos primários. Mas as visões controvertidas em relação à cidade já estavam presentes desde suas fundações. André Malraux, ao visitar “a capital da esperança”, como ele a chamou, em 1959, disse que “esta Brasília sobre o seu gigantesco planalto é, de certo modo, a Acrópole sobre o seu rochedo”. E poucos anos depois, um crítico, diante dos espaços amplos e vazios, da brancura calcária, óssea e femoral da cidade asséptica e bucal, servida e controvertida em pratos de concreto para a pajelança de farinhas cristalizadas numa boca árida e aspérrima, cidade aérea, de pé no pó, como disse certa vez um obscuro poeta concretista, pois o crítico, diante de tanta fratura exposta, lançou seu manifesto-vaticínio: Brasília é o cenário ideal para um golpe de Estado, onde a elite econômica encontrou o lugar perfeito para realizar sua vocação política.

Quem entra em Brasília nunca mais a deixa. Ao inspirar a poeira do clima seco, inspiramos também a secura do sonho da cidade, a secura do planal-

to materializado na aridez de uma urbanidade artificial. Sabrina e eu nos perdíamos por entre as quadras de uma cidade sem ruas, sem povo, sem ruídos, toda ela maquete de simulacros imitando a urbe. Oprimia e fascinava a solidão de suas avenidas desertas. Ao cruzarmos pelos pátios imensos dos condomínios erguidos para uma população já fantasma, assustavam a atenção o silêncio e essa ausência. Ao andar pela cidade despovoada, além dos prédios austeros e dos bolsões de estacionamento semivazios, por onde, perdidos, demorávamos até encontrar o caminho de volta à casa do tio Procurador, não víamos um cinema, uma padaria, um bar, uma loja de roupas ou de móveis, um mercadinho, um armarinho nem outros pegue-pagues da vida com sua miscelânea de artigos para o preenchimento e costura do cotidiano. Ao contrário, a paisagem se repetia de maneira monótona e previsível, como se visitássemos uma exposição de maquetes gigantes de instalações urbanas. O que de mais emocionante encontramos por ali foi a amizade de uns garotos animados por um sentimento de revolta e desajuste incompreensível para nós. Um deles ofereceu a Sabrina o anel que parecia ser a moda do pedaço, artigo de luxo, o troféu conquistado com o risco, a astúcia e a coragem dos heróis: o brucutu. O brucutu era a base das antenas dos automóveis. Era preciso técnica, força e paciência para arrancá-los do painel de lata externo, entre o capô e o para-brisa, cuidando para não ser flagrado por algum morador dos prédios. Já enturmados, nos levaram, numa daquelas manhãs estivais, a um bolsão de estacionamento a algumas quadras da nossa, e ali eles

colocaram em prática todo esse conhecimento no seu alvo predileto: um fusquinha branco. Jogada longe a antena da raça, já no caminho de volta, a base anelada, com a aba de metal projetada feito a asa da mitra papal, se encaixava no dedo do meio com alguma folga, mas em todo caso dava à mão um frio, um brilho e um peso mágicos, suficientes para dissolvermos o tédio produzido pela sequidão das ruas.

Num passeio de carro, à noite, descobrimos que a capital não tinha sido projetada para ser vivida, e sim sonhada, visitada, degustada. Para os olhos, era a cidade cartão-postal descoberta na coleção de Sabrina. Suas luzes feéricas, multicoloridas, iluminavam prédios e monumentos — ao rés do chão e nas alturas —, com um vento que agitava os cabelos na testa, olhos adentro, e esfriava o peito, a nuca, o rosto e as ideias, criando a estupefaciente mágica da suspensão. Se um poeta podia dizer que os versos, depois do movimento concretista, voltavam a ser versos, porém dois dedos acima da página, era possível dizer que a Brasília noturna, a urbe do sonho mais real, era uma cidade construída em cima de tapetes e vergéis voadores. Cidade das arábias, sua atração era irresistível, por isso se compreendia a procissão de visitantes saídos de todos os confins do país, todos os dias, para render homenagem à sua beleza e viver a breve ilusão dessa liberdade suspensa. Ainda durante anos depois de sua inauguração, famílias inteiras, que tivessem dinheiro e espírito de aventura suficientes, partiam nessa viagem de conquista com o sentimento de cumprir um dever cívico. O país tinha criado um paraíso, um oásis, uma ilha da fantasia, uma igreja arquitetônica a exigir ro-

maria para o culto da brasilidade. E quem quer que tivesse a imaginação inquieta ou o tal espírito não podia deixar de experimentar o ar rarefeito, encantado e benfazejo de seu ambiente.

Mas não estávamos ali apenas por Brasília. Logo depois da visita aos comunistas no quartel, o pai recebeu uma convocação para se apresentar ao novo Serviço Nacional de Informações. Os motivos não constavam dela, mas o pai, a mãe e o tio não duvidavam que o convite estivesse relacionado àquela visita. Os três, nos dias anteriores à data da apresentação, tentaram traçar uma estratégia informal de defesa ao chefe do SNI, que viria a ser presidente da República uma década depois. A mãe lhe sugeriu dizer que tinha ido até o quartel atrás do coronel para tratar de algum conflito na Aduana com um soldado do exército, ou algo no gênero, e de passagem conversara com os amigos. O tio lhe sugeriu apoios técnicos e jurídicos, e, para ser usado com prudência, o nome de autoridades políticas, em especial do regime, que o tio, em função do cargo e de alguns parentescos, procurara nos últimos dias.

Nas visitas aos cartões-postais de Sabrina, o pai parecia ausente do próprio rosto. Era difícil encontrá-lo detrás do bigode e dos óculos enormes, de aros negros e grossos. Ele parecia concentrado em algo, como se repisasse uma estratégia que não deixara clara à mãe e ao tio. Em todo caso, não exibia as notas estri-dentes e tão peculiares de seu temperamento.

A mãe, procurando tranquilizá-lo, dizia que o governo levava as questões à ponta de faca somente contra os inimigos, e citou a frase atribuída ao presidente francês sobre o país durante a Guerra da Lagosta:

— O Charles de Gaulle já disse: O Brasil não é um país sério.

O tio tentou tranquilizá-lo com uma observação familiar:

— Não esquece que vivemos na República do Biguá.

Era um dos motes preferidos do avô paterno, que costumava comparar os políticos a essa ave, de duplo penacho na cabeça durante o período de incubação. O vô usava a comparação para o político esquecido, seja o incompetente, o trapalhão, o derrotado nas urnas ou o corrupto, que some do ar em seguida ao escândalo, e, quando ninguém mais espera, feito o biguá ao mergulhar na água atrás de peixe, reaparece lá adiante com o novo penacho.

O pai raspou o bigode.

No dia assinalado o tio o deixou no prédio do SNI. Ele foi recebido no gabinete oficial por um coronel que se mostrou inteirado do caso. O pai quis saber os motivos de sua convocação, mas o militar disse não estar autorizado a lhe adiantar o conteúdo da audiência. Em todo caso, disse para o pai relaxar, se estava ali era porque o caso podia ser resolvido sem traumas. Embora houvesse alguma gravidade no relatório, não era suficiente para inspirar os piores prognósticos, como o exílio e o banimento reservados aos inimigos do regime e aos terroristas. O coronel conhecia casos de diplomatas bem piores que o do pai, e nem por isso os inquiridos tinham sido exonerados de seus cargos, o máximo era uma suspensão ou uma transferência. Ao dizer esta palavra, o coronel inclinou a cabeça para o lado, entortou a boca e ergueu as sobrancelhas de

maneira a sugerir que o pai devia considerar tal consequência como algo improvável, mas não impossível.

Algum tempo depois, ambos foram conduzidos por um oficial de gabinete à sala do chefe do SNI. Ampla, com um conjunto de couro marroquino para visitas mais informais, uma estante de livros e peças equinas numa parede, uma paisagem de Brasília no dia da inauguração e diplomas de seu ocupante, a sala, iluminada por luz natural, tinha um cheiro forte e amargo de madeira e sarro de cigarro. O general Figueiredo, sem levantar da giratória negra de corvim acolchoada, cumprimentou o pai de maneira seca e indicou a cadeira. O coronel ficou em pé ao lado da escrivaninha o tempo todo da entrevista.

Mal o pai sentou, o general se inclinou para o relatório aberto na mesa, um antebraço sobre o outro:

— Dr. Eurico, apesar da boa ficha de serviços prestados, o senhor é alvo de duas acusações nada elogiosas. Consta que no dia 20 de dezembro passado o senhor foi ao quartel de São Donato visitar suspeitos de subversão. Confere?

— General, não me consta que fossem acusados de subversão. Pelo que disse o comandante do quartel, tinham sido detidos para averiguação.

O general Figueiredo fixou o pai com dureza:

— Dr. Eurico, todos têm alguma relação com o extinto Partido Comunista, não vou relatá-las porque suponho que o senhor, como pessoa esclarecida e bem relacionada na cidade, deve ter conhecimento.

— Até onde sei, nenhum têm ligação formal nem nunca se soube que...

— Por favor, não me interrompa. Em todo caso

o senhor sabia que eles tinham sido detidos pelo Exército para sindicância, não estavam ali a convite para um piquenique nem para organizar uma pescaria. — O general fez uma pequena pausa, esfregou as mãos e voltou no mesmo tom secarrão. — O senhor deve estar acompanhando os últimos acontecimentos do país, vivemos um período de guerra declarada por comunistas treinados em Cuba e na União Soviética. Na condição de diplomata, ao invés de dar apoio a essa cambada de subversivos, o senhor deveria estar preocupado com a própria pele. Qualquer um no seu lugar não gostaria de sofrer os tormentos impostos ao embaixador norte-americano.

O general não piscava muito ao falar, e enquanto não falava mantinha os finos lábios comprimidos num sorriso irônico; balançava a cabeça como se estivesse de posse de uma acusação irretratável.

— Além do que — continuava o chefe do SNI —, suas funções não lhe permitem intrometer-se na política do país, isso não é da sua alçada. Eu imagino que o senhor saiba disso.

— Perfeitamente, general.

— O senhor está ali para solucionar conflitos de fronteira no varejo, os conflitos graúdos seguem por outros caminhos.

O pai firmou-se nos braços da cadeira:

— General, sei perfeitamente minhas atribuições, não quero ser indelicado nem indisciplinado, mas o senhor poderia pular essa parte.

O general sorriu pela primeira vez e olhou para o coronel:

— Olha só, hoje temos aqui um atrevido.

— Não se trata de atrevimento... — começou o pai, mas foi logo cortado pelo outro.

— O senhor está autorizado a ouvir, Dr. Eurico. O inquérito outra vez nos trilhos, o militar voltou a questionar.

— Eu imagino que o senhor tenha um motivo plausível para apresentar em sua defesa, pois não posso aceitar que um diplomata do Itamaraty, sem autorização expressa do governo, teve a ousadia de entrar no quartel pra ficar de charla campeira, como dizem por lá, com um bando de comunistas apenas por diversão.

Figueiredo, por ter morado muitos anos no interior gaúcho, conhecia os hábitos e o linguajar do pampa.

O pai ficou um longo tempo em silêncio.

— Vamos, estou aqui para ouvir a sua resposta.

O pai respirou fundo:

— Por amizade, general.

O chefe do SNI ficou visivelmente desconcertado.

O pai então explicou:

— Não sei como o senhor é, mas eu sou fiel aos meus amigos, não troco uma boa amizade, firmada na confiança e na lealdade, pelas razões de Estado, seja de que natureza for sua política. Posso lhe garantir, com a minha honra, que nenhum deles é subversivo nem jamais traiu a pátria, qualquer acusação nesse sentido é calúnia.

— O senhor está acusando os informantes do SNI de falso testemunho?

— As acusações ficam por conta dos senhores, isso também não é da minha alçada. Mas posso lhe

afirmar, sem sombra de dúvida, que isso tem mais a ver com a política local, com estratégias de ocupação de espaço na Câmara e nas instituições públicas, do que com qualquer preocupação ideológica. Tenho inimigos na cidade, general, de olho no consulado.

O general levantou o fone do gancho, apertou um botão e esperou. Em seguida, pediu água e cafezinho.

Depois de trocar olhares com o coronel, o general Figueiredo olhou mais uma vez para o relatório. O cenho fechado, a tez curtida pelo sol, pois ainda montava a cavalo, exibia uma testa franzida e os lábios úmidos e apertados, as comissuras enrugadas. Mais uma vez olhou duro para o pai, dessa vez por cima dos óculos de armação pesada, tipo casco de tartaruga:

— Dr. Eurico, o senhor deve saber que o Brasil, assim como todas as nações democráticas do Ocidente e outras de muitas partes do planeta, depois do embargo dos Estados Unidos, não têm mais relações comerciais nem diplomáticas com Cuba. Certo?

— Perfeitamente, general.

O general levantou a folha, mas com os olhos no pai, indagou:

— Será que o senhor pode me dizer o motivo que o levou a pendurar, na sacada da sua residência, a bandeira desse país comunista, aliado da União Soviética e dos nossos inimigos que andam aprendendo por lá táticas terroristas?

— Fico feliz pelo senhor utilizar a palavra pendurar no lugar de hastear.

Foi o segundo momento de desconcerto do general:

— E qual é a diferença, doutor?

— Eu jamais penduraria uma bandeira, fosse de que país fosse.

— Não?

— Não. As bandeiras não foram feitas para serem penduradas, mas hasteadas. Se não tenho motivo para hasteá-las, tenho muito menos para pendurá-las. Meus atos são oficiais, e como tal exigem a devida formalidade.

O general olhou mais uma vez para o coronel:

— O doutor é bom na retórica. E um ótimo piadista!

Nisso tocou uma campainha no interior da sala. O general destravou a porta mediante um mecanismo embaixo do tampo da mesa, o oficial de gabinete entrou com as águas e os cafés.

Serviram-se e beberam.

O general voltou à carga:

— Mas isso, apesar de ter no fundo um bom princípio, não explica por que nem como a tal bandeira foi parar na sua sacada.

O pai largou a xícara no pires, o pires na mesa:

— Foi apenas uma brincadeira, general.

— Brincadeira?! O senhor resolveu brincar de bandido e mocinho, doutor, apesar da idade e das terríveis notícias de confronto armado em nosso país? — E olhando para o coronel: — Não posso acreditar.

O pai bebeu um gole d'água:

— General, sou tão consciente de minhas responsabilidades e da situação delicada que vive o país, que eu mesmo recolhi e guardei a bandeira. No consulado, o senhor deve saber, temos todas as bandeiras

amigas dos países americanos. Pois para evitar qualquer equívoco ou acidente em alguma cerimônia, exclui, orientado que fui pelo Itamaraty, essa bandeira da pilha. Foi só por esse motivo que ela foi parar na minha casa.

O general Figueiredo deu um último gole no cafezinho e largou o pires com a xicrinha no canto da mesa:

— Mas isso não explica porque nem como foi parar na sua sacada — disse o general, com o persistente olhar irônico. — Se o senhor não sabe o que acontece na sua casa, Dr. Eurico, é de se supor que o senhor sabe menos ainda o que se passa no consulado. Como que nós, aqui em Brasília, podemos ficar seguros em relação às nossas fronteiras? — E depois de pôr um demorado olhar-raposa no pai, assomou: — Afinal, doutor, o que essa maldita bandeira estava fazendo na sacada da sua residência?

O pai, que voltara a pegar o pires com a xicrinha, deu um gole no café, mais outro, e soltou o conjunto vazio na mesa do general:

— Brincadeira, como eu disse... Do meu filho, general. Oito anos, o pilantra. Como o senhor deve saber, se já teve filhos dessa idade, eles são uns ratões; fuçam em tudo, cavoucam aqui e ali, não há um lugar na casa que não tenham explorado nessa idade. Com meu filho não é diferente, general. Eu escondi a bandeira nos fundos da casa, entre os trastes, confiando que ali ela estaria a salvo, ninguém meteria o bedelho. Mas esses pirralhos de hoje não têm limites, por mais duros que sejamos com eles, parece que têm uma força que os empurra pra diante. Assim também são as fa-

talidades da vida: o que para uns são apenas aventuras, como as brincadeiras do meu moleque, para outros são lances de sobrevivência da carreira ou da pele. — E olhando firme nos olhos do chefe do SNI: — General, fiz o que pedia o ofício do Itamaraty: tirei a bandeira da ilha. Não podia imaginar que um acaso doméstico pudesse colocar em perigo a política externa do país.

O coronel sorriu. Entusiasmado, o pai acrescentou:

— Para não correr riscos, general, só se eu a queimasse. Não podia adivinhar.

O general Figueiredo, que já bebera toda sua água, falou ainda duro no tom, mas a ironia do olhar parecia dissolvida na umidade dos lábios:

— Então a queimasse.

O pai explicou que a bandeira estava guardada no cofre, não havia mais qualquer risco de um novo acidente como esse. E completou:

— Minha família, general, é a fina flor do reacionarismo gaúcho.

O general olhou para o coronel e sorriu uma segunda vez, sem mostrar os dentes; apenas balançava a cabeça, os lábios torcidos, as sobrancelhas no alto.

Quando o pai já pensava que o próximo passo seria a sua dispensa com alguma recomendação, o general chefe do SNI, colocando mais uma vez um antebraço sobre o outro, disse:

— Tem mais uma acusação, doutor.

O pai não tinha ideia do que podia ser.

— Segundo o que tenho anotado, doutor — a voz do general assumia o seu grau máximo de ironia —, o senhor comprou a cama de uma afamada cafeti-

na de São Bernardo...

— São Donato, general.

O general Figueiredo sorriu:

— Muda o santo, mas não muda o pecado! —

Depois de rir sozinho, voltou: — Essa cama, pelo que consta aqui, doutor, pertenceu a um pederasta conhecido na região por Tio Lulu. Confere?

— Sim, general. — O pai, mais tarde, disse que nesse momento pensou nas pilhérias dos amigos no pátio do quartel, não via como o general pudesse extrair daí alguma acusação séria ou comprometedora, tanto que relaxou para receber o que seria a deixa para uma despedida amistosa. — Mas não vejo aonde o senhor quer chegar com isso, foi uma cama que comprei num leilão informal, para ajudar uma dona de bordel em apuros, com problemas de saúde, e criar uma história, divertir os amigos. Afinal, a vida sem aventuras, sem camaradagens nem brincadeiras, além de não ter a menor graça, general, perde o sentido e toda a razão de lutar por ela.

O pai não esperava o que vinha depois disso.

— A Cama Dourada — riu Figueiredo como se lesse o título de uma peça satírica. — Foi a manchete de um artigo de jornal de São Donato. Confere?

— Sim, general. Mas ainda não sei aonde o senhor quer chegar.

— Já vai saber, doutor — disse o chefe do SNI, com um ar divertido. — Isso é apenas o introito da terceira acusação.

O pai falou com alguma ansiedade:

— E qual é, general?

— O senhor também está sendo acusado de pe-

derasta, doutor. — Diante do susto do pai, o general demorou um instante até continuar. — Embora isso não seja um crime, Dr. Eurico, o Itamaraty não gostaria de ter em seus quadros diplomatas que escondem suas preferências sexuais até da família. Se o senhor é mal resolvido nessa área, se não consegue assumir um lado seu que vive na sombra, como o Estado pode confiar em suas soluções de fronteira? Sem resolver esse conflito, doutor, como ter certeza de que ele não está distorcendo suas inclinações, suas escolhas e arbitragens? Assim o senhor nos deixa na mão.

O pai, mais tarde, disse que seu primeiro pensamento foi de botar fogo em A Semana e espancar os cachorros, não podia acreditar no que ouvia.

General, isso entra no mesmo rol das provocações políticas e estratégias de ocupação de espaço dos meus inimigos, de que lhe falei no início, não aceito uma cretinice como essa calúnia. É pura inveja, oportunismo barato de arrivistas. Apenas porque arrema-tei uma bela cama francesa, que só por acaso poderia ter pertencido a um veado? E não veria problema, se ela tivesse pertencido de fato ao Tio Zulu. — E projetando-se na cadeira: — Eu exijo uma prova, general, tenho esse direito. E como essa prova não existe, nem nunca existiu nem existirá, exijo, portanto, que o governo tome as providências cabíveis contra uma aleivosia dessas, lançada sobre um fiel servidor do Estado.

O general sorriu mais uma vez:

— Ora, o acusado aqui é o senhor, é o senhor quem tem que fornecer as provas em sua defesa, doutor. É a lei atual do país.

Num impulso, o pai levantou da cadeira e, pe-

gando firme a fivela do cinto, falou num tom alto e agressivo:

— Pois estou à sua disposição, general, pra quando o senhor quiser a prova!

O general olhou mais uma vez para o coronel. Sorriram.

— Não é preciso, Dr. Eurico. O senhor, pelo que vi nas fotos de seus passaportes, tem uma bela família. Eu teria apenas um conselho a lhe dar: tome mais cuidado daqui para frente, pois na situação em que está o país, uma segunda vez de sua parte seria o fim de sua carreira e um considerável risco à sua família.

— E depois de uma pausa enfática: — Preciso dizer mais?... Pense nisso, doutor, antes de visitar os amigos ou de comprar uma cama nova.

Dias depois, momentos antes de tomarmos a estrada para enfrentar mais uma semana de pó, hotéis baratos e o feijão de beira de estrada, ao cruzarmos pela Esplanada dos Ministérios, onde estava sediado o escritório do SNI, o pai meteu o braço para fora da janela e fez uma figa para o conjunto de prédios:

— Aqui, que tu me pega, Figueiredo! Os meus amigos e a minha cama dourada valem mais do que todo o teu ministério!

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM TIPO MERRIWEATHER E IMPRESSO
PELA IMPRENSA OFICIAL SOBRE PÓLEN SOFT 80G/M2 EM FEVEREIRO
DE 2018 PARA A BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ.



Criado pela Secretaria da Cultura do Paraná, por meio da Biblioteca Pública do Estado, o Prêmio Paraná de Literatura surgiu com o objetivo de valorizar a produção literária brasileira e criar mais um espaço para a discussão e divulgação de livros. Em sua quarta edição, o concurso selecionou obras inéditas, de autores de todo o Brasil, em três categorias que homenageiam figuras importantes da literatura paranaense: Romance (prêmio Manoel Carlos Karam), Contos (prêmio Newton Sampaio) e Poesia (prêmio Helena Kolody). Mais de 2 mil trabalhos foram inscritos e analisados por uma comissão julgadora que escolheu um vencedor em cada categoria. Os três livros foram editados pela Biblioteca Pública e distribuídos para as principais bibliotecas do País.



978-85-66382-26-6



9 788566 382266